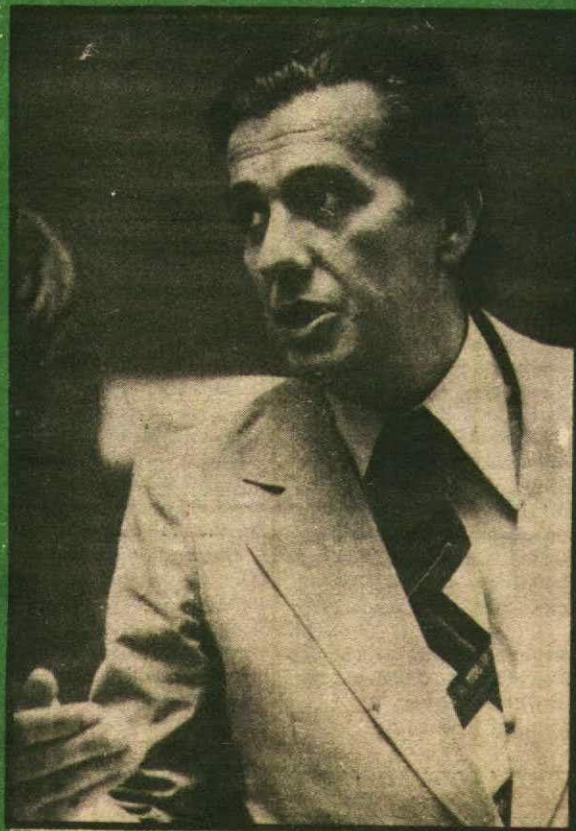
LAMPIÃO da esquina
ano 3/Nº30
Rio de Janeiro, novembro de 1980 ▼ Cr$ 40,00 ▼ • Leitura para maiores de 18 anos

PROSTITUTOS

ESTES MICHÊS (NEM TÃO) MARAVILHOSOS E SUAS INCRÍVEIS MÁQUINAS DE FAZER SEXO!

(Um dossiê completo sobre a prostituição masculina)

LAMPIÃO ensina como fotografar um homem pelado!

Um juiz pelas minorias

ÁLVARO MAYRINK

fala de racismo, homossexuais, maconha, mulher submissa, etc..

Finalmente: a Justiça do nosso lado.

Mulheres e bichas contra a violência

Pouca organização e muito tumulto. Assim ficou caracterizada a manifestação contra a violência, realizada pelos grupos feministas e homossexuais do Rio de Janeiro, dia 16 de outubro, na Cinelândia. Programada inicialmente para ser uma passeata — que não houve por diversos motivos: primeiro — circulou um boato de que as autoridades teriam proibido a passeata, segundo: muitas pessoas foram informadas de que a passeata sairia da Praça Mauá em direção a Cinelândia, e terceiro — outras pessoas souberam que a passeata sairia sim, mas da Praça Quinze. — Essas informações parecem ter causado uma certa desmobilização dentro do movimento.

Desde às 15h30min, pouco mais de 50 pessoas demonstravam interesse em saber o que iria acontecer nas escadarias da Câmara Municipal. Os cartazes, faixas e painéis chamavam à atenção; alguns diziam: **Contra a matança de mulheres e homossexuais;** ou **Abaixo o artigo do Código Civil que diz: o homem é a cabeça do casal e o chefe da família"!**

Duas mulheres que não quiseram identificar-se chegaram amordaçadas, enquanto outra puxava um carrinho de criança com um boneco que trazia um facão enterrado no peito; elas explicavam: "Nossa intenção é representar de algum modo todas as mulheres que não puderam comparecer porque são impedidas pelos maridos".

Por volta de 17h, o número de pessoas era bem maior (cerca de 500). A cor rosa utilizada por quase todas as manifestantes davam um colorido diferente ao ato, pois além de bonita, as feministas estão tentando recuperá-la como símbolo de luta — visto que a cor rosa, dentro da sociedade patriarcal-burguesa, significa a submissão, a fragilidade feminina em geral. Nisso, o grupo teatral "Tá na Rua", que vinha apoiando o movimento, iniciou a representação de um esquete em que procuravam transmitir toda a violência sofrida pela mulher: numa das cenas uma atriz apanhava enquanto um ator gritava para o público: "Mulher gosta mesmo é de apanhar"! O que a princípio deveria ser uma rápida apresentação, levou quase duas horas. O grupo, acho que empolgado pelo sucesso, decidiu prolongar o espetáculo por mais vinte minutos; surgiu então uma grande confusão. Uma feminista resolveu acabar com o esquete, pegou o microfone e leu: "Meu marido me proíbe de sair de casa e ele diz que se eu sair ele me mata..."

O grupo, bruscamente, interrompido não gostou muito e começou a gritar: Abaixo o fascismo! Abaixo a ditadura! — no que foram imediatamente apoiados pelos machões presentes (quase 70% dos espectadores), talvez por estarem vendo sua realidade caseira tão bem representada.

Uma feminista, preocupada com o esvaziamento da manifestação, pegou o microfone e agradeceu a participação do grupo. Uma terceira afirmava: "Mas que absurdo! As mulheres não estão falando na sua própria manifestação!"

Vencido o obstáculo iniciou-se a leitura de cartas-denúncias, moções de apoio e vários depoimentos. Uma das cartas dizia: "Até quando morrerão mulheres como Ângela, Aracelli, Regina, Eloisa, Esmeralda, Anne Marie? Até quando seus assassinos serão absolvidos pela farsa de uma pretensa e legítima defesa da honra?

Uma feminista — ou machista —, saída não sei de onde, começou também a leitura de uma carta; num determinado momento ouço a seguinte frase: "Quantas mulheres foram estupradas, violentadas, assassinadas, geralmente por homossexuais?" Juro que pensei: Será que ela não trocou hetero por homo? Saí correndo de onde estava, peguei o papel de sua mão li, reli e pasmei, pois era mesmo "homossexual" que estava escrito. Quase tive uma síncope; os representantes de grupos homossexuais não reagiram de outra forma. Zé Maria (Auê) olhava espantado para todos os lados e perguntava: "Mas o quê é isso? Mas o quê é isso?" Rafaela Mambaba, não suportando tanta humilhação (com uma navalha na mão) dizia: "Cadê ela?"

Um representante do grupo Somos, logo após, leu um manifesto de apoio à luta e condenou o pensamento minutos antes exposto pela tal feminista. O grupo Somos marcou presença através de um discurso inflamado, no qual denunciava a matança de homossexuais em vários pontos do país. A atriz e feminista Gilda Guilhon terminou as falações da noite — e provocou o encerramento da manifestação — dando todo o apoio à luta dos homossexuais; sugeriu que a partir daquele momento todas as denúncias fossem feitas no centro da praça, e propôs a volta do grupo "Tá na Rua"; só assim seria desfeita a má impressão inicial. O Tá na Rua, ficou lá representando o quê eu não sei...

(Dolores Rodrigues).

Ziraldo e a mulher machista

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrisóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet e João Silvério Trevisan.

Coordenador de Edição — Aguinaldo Silva.

Redação — Francisco Bittencourt, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues e Leila Míccolis.

Colaboradores — Rubem Confete, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward Mac Rae (Campinas); Glauce Mattoso Celso Cúri, Cynthia Sarti e Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Alexandre Ribondi (Brasília); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); e Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacarei).

Fotos — Cynthia Martins, Dimitri Ribeiro e Iara Reis (Rio); Cris Calix e Dimas Schitni (São Paulo).

Arte — Antônio Carlos Moreira (arte final), Nélson Souto (diagramação), Mem de Sá (capa), Levi, Patrício Bisso e Hartur.

Revisão — Dolores Rodriguez.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF): 29529856/0001-30; Inscrição Estadual: 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP. 20.400, Santa Teresa, Rio de Janeiro.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio, RJ.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda — Rua da Constituição, 65/67; **São Paulo**: Paulino Carcaneti; **Campinas:** — Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda; **Curitiba:** J. Chignone e Cia Ltda.; **Londrina:** Livraria Reunida Apucarana Ltda; **Florianópolis e Joinville:** Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; **Jundiaí**: Distribuidora Paulista de Jornais e Revista Ltda; **Porto Alegre**: Coojornal; **Campos**: R.S. Santana; **Belo Horizonte**: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda; **Divinópolis**: Agência Souza; **Juiz de Fora:** Ercole Caruzo e Cia Ltda; **Goiânia**: Agrício Braga e Cia. Ltda; **Brasília:** Anazir Vieira da Silva; **Vitória** — Norbin, Distribuidora de Publicações Ltda; **Salvador**: Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda; **Aracaju** — Wellington Gomes Andrade; **Maceió**: Gesivan R. de Gouveia; **Recife**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda. e Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda; **João Pessoa**: Henrique Paiva de Magalhães; **Campina Grande**: Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda.

Assinatura anual (12 números): Cr$ 450 (Brasil) e US$ 25 (exterior). Números atrasados: Cr$ 50.

REPORTAGEM

Estes michês (nem tão) maravilhosos e suas incríveis máquinas de fazer sexo

Nos últimos tempos, nós ficáramos mais ou menos chocados por causa de duas matérias sobre prostituição masculina, publicadas no jornal "Repórter" e na revista "Nova"; nas duas, sentíramos, mesmo que discreto e velado, o duro traço do preconceito. Ora, pensamos, mais que os liberais rapazes do "Repórter", e as liberadas moças de "Nova", seríamos nós os indicados para falar do assunto; afinal, quando o pessoal do Lampião fala de prostituição masculina não está apenas teorizando — trata-se de uma questão que nos ronda e por vezes — sejamos sinceros — até nos move.

Assim, decidimos nós mesmos mergulhar no assunto — fazer uma grande reportagem sobre a prostituição masculina, sobre os michês e seu mundo, que fosse — sem modéstia, sem modéstia — o mais abrangente possível. Divididas as tarefas, saímos todos a campo, e os resultados estão aqui. Não assumimos, como o pessoal do "Repórter" e da "Nova", aquela postura de quem está fazendo uma excursão ao baixo mundo. E também — mesmo sendo objeto de sua ronda constante — não encaramos, aqui, os michês como nossos ferrenhos adversários no jogo da vida. Afinal, em vez de inimigos eles são nossos velhos companheiros, mais out-siders ainda que nós, mais da banda de lá, do lado podre e maldito.

Portanto, como não sentir, como demonstra Francisco Bittencourt em seu artigo, uma certa ternura ao vê-los em seus pontos, a alardear uma fanfarronice que mal sustentam? Ou como ficar perplexo — é o caso de João Silvério Trevisan em seu texto sobre o bordel de Mesquita — ao verificar que o dinheiro, na relação que se estabelece entre nós e eles, pode até ser — oh, cruel contradição! — liberador?

Fizemos a viagem completa: fomos aos pontos habituais, aos becos, aos bordéis, às clínicas de "massagens" — mergulhamos de cabeça neste mundo que, afinal, ajudamos a manter (e quando digo nós, não me refiro apenas aos homossexuais; falo também dos cidadãos responsáveis deste mundo cristão e ocidental: todo nós). E trazemos aqui o resultado dessa viagem. Com toda a veleidade a que temos direito: com o mínimo de preconceito (se ele se manifestar nas entrelinhas, que nos atirem pedras), e com o máximo de competência: temos absoluta certeza que nunca antes foi feito um trabalho desse tipo no Brasil. (AS)

Eles atendem pelo telefone

Coube a mim, na reunião de pauta do **Lampião** em que se decidiu fazer uma reportagem sobre a prostituição masculina, a "inglória" tarefa: entrar em contato telefônico com os responsáveis pelo anúncio publicado de vez em quando em **O Globo**, solicitar a presença de um michê — ou "massagista", como oferece o anúncio — e fazê-lo falar sobre o seu trabalho ("a qualquer preço; mesmo que você tenha que se entregar a ele" — decretou, ditatorialmente, Chico Bittencourt, nosso chefe-de-reportagem). Cumpri o estabelecido. E tento contar aqui, pra vocês, como foi a coisa toda. Tim-tim por tim-tim, como se dizia antigamente (na época em que tais serviços não eram obtidos por telefone).

Quarta-feira de manhã. Pego o telefone e disco o número do anúncio em questão. Quem atende é uma voz masculina, com um vago sotaque português (seria o famoso "Amala Rodrigues", michê português lendário, que dizem ter ficado rico à custa das vastas proporções que ostentava? Este mistério eu, uma simples Agatha Christie de Santa Teresa, não consegui desvendar). Me faço de tímido: um pernambucano recém-chegado do Recife, curioso com o anúncio: "são apenas massagistas, os tais rapazes?"/"Claro que não, ora pois", me responde o lusitano; "são pessoas descontraídas, especialmente treinadas para agradá-lo, para fazer suas vontades". E quanto me cobrariam por isso? Meros Cr$ 2 mil, responde o Manuel das Couves, com uma ressalva: "O senhor tem direito a 90 minutos..."

Desligo o telefone, prometendo fazer novo contato à tarde. passo na redação e pego, com **seu** Maurício, a grana necessária (claro, queridinhas! Vocês acham que eu, famosa e maravilhosa, ia pegar do meu bolso? Nunca!), sem dizer pra ele o que ia fazer com ela, lógico. De lá, vou prum hotel de duas estrelas no centro da cidade, munido de duas mirradas sacolinhas, e me hospedo. No apartamento, dou uma olhada no cenário: televisão a cores, geladeirinha, ar condicionado, cortina de florões, e um inconveniente: as duas camas estreitas do apartamento de solteiro (numa hora dessas, o que pegava bem mesmo era a cama redonda da hospedaria da Rua 20 de Abril).

Três e vinte da tarde. Deito na cama, pego o telefone e disco. Alguém atende do outro lado e eu, bestamente, digo "alô" (estou, confesso, um tanto excitado. Ah, a sensação do proibido...). Uma certa apreensão: o sotaque mudou — já não é mais luso e viril, e sim, bichano e alcoviteiro. Exponho o meu problema: já telefonei de manhã, mas não fiquei satisfeito com as informações, quero mais. A voz, do outro lado, procura ser o mais neutra possível: "Olhe, cavalheiro, trata-se de uma clínica de massagens. Nossos massagistas, de idade entre 18 e 26 anos, atendem aqui no estabelecimento, na casa do cliente ou em hotéis. Em qualquer caso, a solicitação deve ser feita com meia hora de antecedência." Sempre neutra, a voz vai desfiando as informações já sabidas: preço, tempo de duração do serviço, etc...

Capricho na indecisão de cliente novo, nos "ahns" e "uhns": não haveria perigo? Tratando-se de uma pessoa responsável como eu ("Sabe como é, meu pai é usineiro lá em Pernambuco; minha família tem trezentos anos de aristocracia, eu tenho um irmão ministeriável...") — tome medo e indecisão. Mas meia dúzia de perguntas tolas e de respostas sempre neutras. Até que eu carrego na última pergunta: "Mas os rapazes fazem o quê?" A voz bichana se descontrai subitamente e, ante a resposta, faço força pra não rir, do outro lado do telefone: "Ora, queridinha, será que você tá começando hoje? O que você quiser, tá legal? Roçam, dão, fazem aquele meia nove... E se você quiser apenas bancar a fêmea, a gente te manda um bem machão."

"Ahn, uhn", insisto. Quero alguém que tenha aí pelos vinte e cinco anos, que seja másculo mas descontraído, que seja forte, puxando um pouco para o gordo... "Pronto", responde a voz do outro lado: "tenho alguém aqui que você vai adorar: é o Reinaldo; ele parece com Ronnie Von." A menção do cantor me tira dois terços da excitação, mas enfim... Dou meu número, desligo, um minuto depois o telefone toca e eu confirmo o pedido. A voz, novamente neutra, me anuncia: "Daqui a meia hora nosso massagista estará aí, cavalheiro."

Não deu outra. Meia hora depois o telefone toca; é da portaria. A voz, simpática, dá a impressão de me conhecer há anos: "É o Reinaldo. Estou aqui embaixo; posso subir?" Tenho a impressão que estes são os melhores minutos da transa: aqueles em que o cliente espera a chegada do "massagista" e põe sua imaginação para funcionar. No meu caso, haja imaginação, porque a verdade é que, quando abri a porta, Reinaldo me decepcionou: não era "gordo puxando para o forte", parecia ter vinte e um anos, era descontraído, mas tão másculo quanto qualquer menino do Rio (argh!), mas, pelo menos, não parecia com Ronnie Von.

Enquanto ele tenta me pôr à vontade na base do papo (a bicha cafetina deve ter acreditado mesmo na minha timidez de provinciano), lanço sobre ele o meu olhar ofídico: louro, cabelos muito bem cortados, conjunto **jeans** seguramente saído de alguma **boutique** pretensiosa, tênis japonês aí pelos Cr$ 4 mil, uma colônia discreta mas gostosa; coisa fina. Ele me pede pra tomar um banho e, na sua caminhada até o banheiro, descubro o jeitão de Richard Gere no execrável "Gigolô Americano". Nada de proposital, **of course**; deformação profissional.

"Reinaldo", sem dúvida um codinome, toma banho com a porta do banheiro aberta, deixando que eu veja seu dourado corpo através do vidro do box. Capricha na coreografia: sabão pra lá, sabão pra cá, etc. Me lembrei, não sei porque, de um velho **show** de travesti: Jacqueline Dubois tomando do banho numa cachoeira de papel celofane, no palco do Teatro Rival. Reinaldo sai do banho, se enxuga, vem direto pra cama onde já estou. Finjo nervosismo, pretexto pra conversar. "Você chegou tão depressa!" Ele diz que veio de táxi. E como foi contactado? Estava lá na clínica? Não, estava em casa, onde dava uma repassada nos livros ("Ah, estuda? O que?"/"Arquitetura"), quando o telefone tocou, e o mandaram procurar um cliente: eu.

Reinaldo deita ao meu lado. Sem que eu lhe diga nada, começa a "massagem": carícias; toques; pequenas mordidas; um correr de língua ombro a baixo; tudo muito limpo, muito profissional; nada daquela má vontade do michê de rua, mas um certo empenho em agradar — uma performance de quem foi visivelmente treinado. Insisto na conversa: há muita gente trabalhando nisso? Ele responde que sim. Todos jovens como ele, todos de classe mais para a média: "Pra trabalhar nisso é preciso ter telefone, o serviço pinta a qualquer hora." Quantas vezes por dia? Uma breve hesitação: "Depende, duas três vezes. Quando eu sair daqui, tenho um cliente pra atender no Hotel Glória." Ante essa revelação, minha alma se retrái como uma ostra subitamente banhada em limão. Mas aí me lembro que também estou ali cumprindo uma tarefa — sou tão profissional quanto Reinaldo e, deste ponto-de-vista, ele está sendo mais honesto que eu; está sendo, pelo menos, sincero.

Como ele foi aliciado? Na praia. Primeiro, uma cantada e uma transa. Depois, o convite. Algum tipo de treinamento? "Bom, o cara diz pra gente como se deve agir; é preciso fazer com que o cliente se sinta satisfeito e telefone outra vez." Qual a média de idade dos clientes? "É gente dos 28 aos 40 anos" (e neste ponto eu descobri que os piores minutos da transação, para o michê, são aqueles em que ele já está no elevador, a caminho do apartamento onde o cliente o espera, e então pensa: "Que idade será que ele tem?" Reinaldo não quis me dizer que transava com pessoas de mais de 40 anos, imaginem!).

Uma breve olhada no relógio: gastamos uma boa meia hora em prolegômenos. Ele sabe que eu só tenho mais uma hora. Recomeça a sessão; boto meu corpinho maravilhoso pra funcionar, mas o efeito não é lá essas coisas: Reinaldo finge um entusiasmo febril, mas — oh, contraste! — me exibe uma bandeira a meio pau. Lhe peço uma certa carícia para a qual será necessário a contribuição de suas papilas gustativas — esta ele diz que não faz, mas é a única que me nega. Banca, a seguir, a bela adormecida de bruços, e eu trato de acordá-lo com algumas vigorosas catucadas de varinha de condão — oh, contraste! —: a bandeira me aparece, agora, perfeitamente hasteada, com todas as cores do mais perfeito **bleu-blanc-rouge**. O rádio FM da cabeceira, como se a bicha alcoviteira estivesse dirigindo a programação da Rádio Cidade, toca repentinamente Roberto Carlos: "nos lençóis macios/amantes se dão", etc... Reinaldo geme de prazer como se fosse Mae West nos braços de Cary Grant naquele filme antigo chamado "Ela me fez mal". Eu faço força pra não rir, é tudo engraçadíssimo. Mesmo assim, pra não deixá-lo decepcionado, improviso um orgasmo. Pronto.

Agora estamos deitados lado a lado na estreita cama de casal. Reinaldo, com uma mão, fuma um cigarro. Com a outra, um falso ar distraído, faz leves carícias no cliente. Este, por sua vez, assumiu um ar de cansada satisfação (o famoso "depois"). Perfeita trapaça — ali estamos nós, um enganando o outro. Retomo o interrogatório: tanta organização me espanta. Ele: "Você precisa ver em São Paulo; lá você escolhe o rapaz num álbum de fotografias." Prossigo: "Mas eu vi, no jornal, que saem outros anúncios; é tudo independente?" Uma certa hesitação na resposta: "S-sim". Imagino a máfia por trás de tudo isso, Frank Sinatra entrando num enorme galpão, caminhando em meio a pilhas e pilhas de toalhinhas usadas: o mercado do sexo, etc...

"E por que você não trabalha por conta própria?" Ah, me responde ele, é muito complicado. "Na clínica é tudo certinho, caprichado, a gente não entra em fria. E depois, eu moro com minha família. Já pensou, minha irmã recebendo o recado de um cliente?" Rimos juntos. Reinaldo me diz que o pagamento é dividido meio a meio. "Sem sujeira; se houver gorjeta, é só minha". E o faturamento? "Já ganhei até Cr$ 15 mil numa semana" (já pensaram que baque no faturamento, quando ele se formar e tiver que trabalhar **apenas** como arquiteto?)

Outra olhada discreta no relógio: Ainda tenho vinte minutos. Reinaldo me pergunta: pode botar a roupa? Eu lhe digo que sim, claro. Ele se veste rápido, agora sem trejeitos (não toma banho antes; certamente vai fazê-lo quando chegar no Hotel Glória, para deleite inicial do outro cliente). Ainda quero saber se ele já teve surpresas desagradáveis no exercício de sua profissão: algum sado-masô, por exemplo. Ele diz que não.

Saco das duas mil pratas e deposito no bolso do blusão **jeans**. Reinaldo não repete o gesto grosseiro dos michês de rua — tirar o dinheiro pra conferir. Finge que não viu nada. Me estende uma mão calorosa, exibe um sorriso cálido e me diz: "Se gostou, telefone outra vez. E se quiser peça que lhe mandem o Reinaldo". Ele já vai saindo, quando, na porta, me lembro de fazer uma última pergunta: "Onde é que você mora, Reinaldo"? Ele já está abrindo a porta do elevador quando responde: "Na Ilha do Governador". Sagrada família! O michê desaparece diante de mim como num sonho. E só então eu me dou conta de que, na ânsia de lhe fazer até a última pergunta, fui parar no corredor do hotel sem ao menos vestir as calças. "Oh!", eu me digo, um tom de censura, enquanto recuo apressado e fecho a porta. **Aguinaldo silva**

Confissões de um massagista debutante

Call boys. Atendemos a domicílio e hotéis. Diariamente, de 2ª a 6ª-feira, etc. O anúncio é publicado todos os dias pelo Jornal O Globo, no seu caderno de classificados, junto com outros que oferecem massagens para executivos. Minha tarefa era contatar os responsáveis por ele e tentar um emprego de **massagista**. Tudo aconteceu há pouco menos de um mês. Disquei o número indicado no jornal e, do outro lado, uma voz quase feminina me atendeu: "Pronto!"

— Li o anúncio no jornal de domingo, e gostaria de obter algumas informações sobre os serviços que vocês prestam.

A voz feminina quis saber o motivo do meu interesse. Eu lhe disse que pretendia, talvez, utilizar o serviço. Me explicou, então, que possuía rapazes "com idade enre 18 e 30 anos, que vão até a residência ou o hotel onde se hospeda a pessoa interessada, para manter relações." E, de modo bem direto, acrescentou: "Os rapazes são morenos, louros, escuros e de **todos** os tamanhos. Qual a sua preferência?"

Respondi que precisava de mais tempo para pensar no assunto. Insisti em saber se eram relações sexuais, apesar das evidências. Minha indagação foi confirmada, e então, pedi o preço do serviço: Cr$ 2.500,00. Nosso papo terminou aí, mas minha decisão ainda nem começara; eu tinha que descobrir um jeito de entrar na organização e ver como era o seu funcionamento pelo lado de dentro.

Voltei a telefonar no dia seguinte. Inventei uma farsa mirabolante sobre um rapaz vindo de Minas Gerais, que atravessara sérias dificuldades financeiras no Rio, e que via uma saída, para si próprio, através desse tipo de serviço. Meu interlocutor ouviu minha história pacientemente e, a certa altura, foi bem claro: "Esse tipo de trabalho é para pessoas sem preconceitos, que possam se relacionar com homens e mulheres ao mesmo tempo". Eu lhe respondi que não teria problemas quanto a mim, pois já havia passado por situações semelhantes, e estaria disposto a trabalhar, assumindo os riscos da profissão.

Minha história me parecia tão verossímel quanto a de "Litle Annie", aquela orfãzinha sofredora da literatura juvenil norte-americana. Mas, por incrível que pareça, meu interlocutor acreditou nela. Pediu meu telefone para confirmação; esta veio rapidamente, e eu tive que lhe fazer uma descrição a meu respeito: cor da pele, estatura, peso, etc. . No meio da descrição, ele resolveu se antecipar; disse que ia confiar em mim, e me deu o seu endereço: era uma cobertura no Flamengo.

Cheguei ao local no horário determinado, e perguntei pelo Sr. Augusto, como ele me havia dito que se chamava. Um rapaz moreno, de pouca idade, me atendeu, e pediu que entrasse e sentasse. Um salão quase sem móveis, algumas almofadas espalhadas sobre uma esteira e a pouca luz me surpreenderam; eu esperava encontrar outro tipo de ambiente, talvez mais requintado. Minha surpresa foi maior ainda quando o rapaz que me atendera voltou à sala e se anunciou — ele era o próprio "Sr. Augusto".

Para um profissional desse tipo — um agenciador de rapazes —, ele me pareceu pouco discreto. Tanto que, durante um papo descontraído, consegui muitas informações extras sobre sua atividade, e até mesmo sobre sua vida pessoal. Disse que até pouco tempo atrás fazia teatro infantil; mas como não dava para viver apenas disso, resolvera criar um negócio particular. Como já tinha trabalhado antes para uma mulher que agenciava rapazes, achou que, depois dessa experiência poderia seguir seu próprio caminho, como agenciador.

Paranaense, 23 anos, escolhera "Augusto" como nome de guerra, pois nenhum dos rapazes que atuavam no ramo dava aos clientes seu verdadeiro nome, "por questões de segurança". O que ele ganha por mês agenciando rapazes dá para pagar o aluguel da cobertura, o telefone, e ainda para mandar dinheiro para os pais, que moram no Paraná e são pobres. O que sobra dos seus gastos pessoais ele guarda, "para quando precisar e quando mudar de ramo".

Augusto me disse que trabalhava com vários rapazes — não quis precisar quantos, mas pude perceber uma lista com 10 a 15 nomes, que são contactados por telefone todas as vezes que um cliente pede um determinado tipo. Suas relações pessoais com estes rapazes são, às vezes, de amizade; mas, embora alguns prefiram manter um certo distanciamento, outros chegam a dormir em sua casa e até mantêm relações amorosas com o agenciador.

TOCA, TELEFONE

Enquanto conversávamos, o telefone não parava de tocar; eram pessoas curiosas, pedindo informações sobre o anúncio, que fora repetido nos jornais naquele dia. Muitos destes telefonemas são trotes, mas o agenciador, após atender centenas deles, já sabe, após a primeira troca de frases, se é ou não um cliente em potencial. Alguns — os paranóicos de sempre — ligavam apenas para repreendê-lo pela clareza do anúncio; pediam que ele fosse mais discreto, e previam desgraças que, por causa do seu negócio, certamente se abateriam sobre **todos** os homossexuais do mundo; outros pediam garantias de que o serviço seria prestado sem **vazamento de informações**, pois temiam chantagens, etc... A todos Augusto atendia com muita paciência. Mas, a mim, reclamou por ter que ficar o dia inteiro ao telefone, repetindo sempre as mesmas informações, e ouvindo, em troca, as histórias dos possíveis clientes.

Uma hora depois de iniciado o nosso papo, chegou um rapaz moreno, aparentando uns 18 anos, que me foi apresentado como "Robson". Perguntei se era um dos seus agenciados, e Augusto confirmou. Aproveitei uma ocasião em que o agenciador foi fazer xixi, e puxei o papo com o rapaz; seu nome verdadeiro era Fernando, e ele se dizia muito satisfeito com o "novo emprego". Jogador de futebol, fez questão de frisar que, na cama, só era "ativo". Na sua primeira semana de trabalho, dera muita sorte e ganhara bastante dinheiro, pois fora requisitado várias vezes. Feliz, anunciou que trabalharia em breve um amigo "pra transar esta também".

O papo estava por aí, quando o telefone tocou, e Augusto, que havia voltado à sala, atendeu; do outro lado, uma voz masculina pedia um rapaz de vinte e poucos anos, alto, um pouco forte e que também aceitasse ser "passivo". O agenciador voltou-se para mim e, sem mais delongas, anunciou: chegara a minha hora. Aceitei a parada e rumei em direção a Copacabana, onde a "voz" me esperava; eu estava disposto a agir como um verdadeiro profissional.

Durante a viagem de ônibus, tentei ler um livro, mas não consegui; o que me passava pela cabeça eram perguntas do tipo "quem é que eu vou encontrar neste endereço?" A voz seria de um velho, jovem, gordo, magro? Comecei a ficar preocupado e a transpirar — eu estava bastante nervoso. Antes de sair, perguntei a Augusto sobre os eventuais grilos que pudessem pintar numa transação desse tipo; afinal, minha falta de segurança era total, eu ia me encontrar com um desconhecido. Ele me garantiu que incidentes nunca ocorriam; lembrou apenas um – um rapaz que resolveu transar no carro do cliente, e que depois foi abandonado numa estrada deserta.

Uma única preocupação fora tomada por ele, em relação à "voz". Pedira o número do seu telefone e ligara outra vez, confirmando o pedido. Antes, verificara o endereço na lista telefônica. No ônibus, eu relembrava esses detalhes, enquanto suava loucamente. A certa altura, lembrei que não comera nada nas últimas horas, e comecei a sentir o cheiro do meu próprio suor.

DE CUECAS

Achei o prédio para o qual me dirigia em Copacabana. Entrei calmamente pela porta principal, e disse ao porteiro o número do apartamento ao qual me dirigia. Subi e, diante da porta, toquei a campaínha, sempre muito ansioso, imaginando que tipo de pessoa iria me atender. Do outro lado da porta apareceu um senhor de uns 50 anos, apenas de cuecas. Tinha a barriga um pouco acentuada e os cabelos grisalhos. Me convidou para entrar. Já na porta meu nervosismo ficou patente, pois troquei os nomes; o cliente se chamava Fernando, e eu tinha que me apresentar como Renato, que Augusto escolhera para ser o meu nome de guerra. Mas eu acabei chamando o cliente de "Renato", e dando a ele o meu próprio nome.

Sem se importar com a minha confusão, ele mandou que eu entrasse e sentasse na cama. Me **ofereceu um uísque, recusei delicadamente. Pedi** um Martini, e ele mandou que abrisse a garrafa. O apartamento tinha várias garrafas de bebidas intocadas, e me pareceu que só era usado em ocasiões "especiais" — quer dizer, como aquela.

Já na cama, conversamos sobre muitas coisas. Ele se disse espantado com o crescimento desse tipo de negócio no Rio. Paulista, vinha ao Rio de vez em quando, sempre "a serviço". Disse que lá também aparecem nos jornais anúncios de pessoas oferecendo esse tipo de serviço. Queria que lhe desse mais informações, porém, como o meu nervosismo era evidente, abri logo o jogo, e lhe disse que aquela era a minha estréia no "ramo".

A "voz", então, decidiu que estava na hora; mostrou-me uma revista com fotos de mulheres nuas, e aproveitou a ocasião para fazer alguns comentários sobre a moral atual. Leu trechos de revistas eróticas, ao mesmo tempo em que me alpapava. Toda a transação não durou mais que dez minutos e nem houve a chamada penetração. Logo ele mandou que trocasse de roupa, pois tinha pressa. Tomei um banho, me vesti, e ele me acompanhou até a porta; antes de abri-la, tirou duas notas de mil e uma de quinhentos cruzeiros do bolso, e me deu; eu as coloquei no bolso sem conferir, e ele disse que, quando voltasse ao Rio, pediria novamente a Augusto os meus serviços; me despidi e saí.

DINHEIRO FÁCIL

Com a porta na cara, o dinheiro no bolso e o Martini na cuca, fiquei desnorteado, e procurei um amigo que me ajudasse a interpretar a situação. Afinal de contas, naquela tarde eu ganhara mais que em dez dias no meu estágio de jornalismo no Jornal do Brasil! Acho que a minha cabeça dançou completamente naquele momento. Segundo um colega de militância, o meu ego descobriu que poderia ganhar mais dinheiro do que imaginava em tão pouco tempo, e por isso estava rejubilado. Esse mesmo amigo me falou, ainda, da "separação entre o corpo e a mente", e sobre "o sentimento de propriedade que temos em relação ao nosso corpo"; mas eu estava muito louco para entender a raiz da questão.

Ah, sim: como sou uma bicha honesta, procurei novamente Augusto e lhe entreguei 50% do que ganhara, como fora combinado. Mas fiquei pensando, depois, porque não recusei o dinheiro do cliente, nem lhe expliquei, depois de tudo, a situação real. Por que, por quê? Bom, a conclusão fica por conta de vocês... (**Aristides Nunes**).

O sagrado conceito do amigo

Como não precisasse mais de seus antigos parceiros de sexo, tinha condições de encará-los objetivamente e cagar regras a respeito deles. Não era basicamente errado contratar outros seres humanos para com eles fazer sexo? Não seria isto explorá-los, degradá-los? Christopher achara fascinante observar Francis negociando com os nativos da selva. Francis não tinha a vileza de um explorador porque seu próprio estado de degradação o nivelava com os nativos e o tornava agradavelmente pitoresco. Mas, mesmo assim, a situação era colonialista. O comportamento de muitos clientes do Bar Cosy Corner era torpe por ser sentimental. Não contentes em alugar os corpos dos rapazes — que pelo menos era uma transação comercial direta —, esperavam, sentimentalmente, que a gratidão e até o amor entrassem no negócio. Não recebendo nenhum dos dois, tornavam-se obscenos, chamavam os rapazes de prostitutos e choravam pelo dinheiro que haviam gasto com eles. Um dos menos sentimentais entre os clientes costumava contar uma história que depunha contra ele mesmo: no meio de uma discussão com um rapaz, viu-se exclamando: "Não ligo a mínima para o dinheiro, é você que eu quero!" Havia dito involuntariamente o que vinha desejando que o rapaz dissesse a ele.

Os rapazes tinham uma coisa a oferecer, mas muito poucos clientes a desejavam: sua amizade. A maioria sonhava com um Amigo — o sagrado conceito germânico. Este amigo os ajudaria com dinheiro, naturalmente, mas também — o que era para eles muito mais importante — lhes ofereceria seus interesse, conselho e estímulo. Algumas vezes, ao ser tratado por um cliente com inesperada bondade, um rapaz traduziria este sentimento em palavras inábeis. O cliente pode tolerá-lo em sua conversa de amizade, mas como tolera alguém que sofre de uma doença fatal. Do ponto de vista da média dos clientes, esses rapazes não tinham futuro; assim sendo, ninguém se poderia permitir pensar no que seria deles. (Christopher Isherwood, em "Christopher and His Kind").

Uma casa que não era da Irene

Um dos meus últimos e frustrados planos de trabalho foi um livro sobre prostituição masculina no Brasil. Cheguei a conversar com um editor, mas logo percebi que se tratava de mais um dentre os milhares de planos sem futuro que os todo-poderosos editores acalentam só nas horas improváveis. Mesmo assim, cheguei a iniciar as pesquisas, que me pareciam um desafio: a junção sexo/dinheiro sempre constituiu uma pedra no meu sapato, porque no campo da sexualidade eu tendo a aceitar a troca carnal exclusivamente em termos de prazer tirado dos corpos, sem muitas interferências. Minha única experiência nesse sentido me irritou de tal modo que nem permiti que acontecesse por completo: anos atrás, num banheiro da Universidade da Califórnia, em Berkeley, recebi um bilhete por debaixo da parede divisória, onde um rapaz me oferecia cinco dólares para transar com ele, não tendo conhecido senão minhas partes mais óbvias, o que ofendia meus brios políticos; respondi, num bilhete indignado, que eu não era objeto sexual e nem precisava de dinheiro para dissimular meu desejo; ele mandou outro bilhetinho; propunha dez dólares.

No Brasil, eu já ouvira referências insistentes porém vagas sobre bordéis masculinos em Fortaleza, Salvador, Rio, São Paulo, Porto Alegre. Até que um dia, casualmente, um amigo carioca se confessou freqüentador de uma dessas casas, num distante subúrbio do Rio. Pouco depois, viajamos para lá, num fim de tarde de sábado. Eu levava uma caneta e um caderninho, que me tranqüilizavam a agitada consciência: ia transar por dinheiro sim; mas tratava-se, em todo caso de uma reportagem.

Para meu espanto, o BORDEL era uma casa igual a todas as casas de subúrbio, numa rua sem asfalto, esburacada e pouco iluminada, também típica da periferia. Àquela hora, crianças brincavam e mulheres conversavam nos portões. Fomos recebidos por Manuel, o dono da casa; era uma bicha muito branca, aparentando idade indefinida entre 45 e 60 anos. Das histórias mais conhecidas, sei que certa vez jogou milho sobre alguns fregueses que começaram a namorar entre si, **dentro do seu bordel**. A cozinha está cheia de rapazes, que se agitam com nossa chegada, já que somos os primeiros fregueses (o dia parece estar fraco). Eles são todos simples, com suas roupas sem moda, sandálias havaianas, geralmente muito jovens e amulatados. Manuel, por eles carinhosamente chamado de tia, entra desmunhecando e gritando com um certo humor teatral:

— Vocês saiam já da cozinha, meninos. Aqui é lugar das moças.

Essa divisão compulsória entre bofes e bichas me deixa pouco à vontade. Sinto-me ainda mais inseguro. Manuel nos serve bebidas variadas (que serão rigorosamente computadas no preço geral a ser pago na saída). Enquanto isso, na sala propriamente dita, há um único ocupante, que vê televisão colorida. Trata-se do amante de Manuel (por ele chamado de marido), um mulato muito jovem, taludo, de sorriso amplo num rosto em geral carregado. Aparentemente, ele se mantém fora da transação, mas na verdade faz às vezes de leão-de-chácara, com certa informalidade.

Detrás da cozinha há uma espécie de pátio coberto com telhas e cheio de bancos, onde uns quinze rapazes aguardam fregueses. Sei que Manuel os apanha na vizinhança. Quando nos aproximamos, eles lançam olhares que vão se intensificando na tentativa de serem sensuais. Sua paquera carece de sutileza, bem no estilo convencional de machão. Isso me chateia novamente; sinto-me num teatro barato. Manuel, por sua vez, nos interroga sobre nossas preferências e cochicha elogios (pouco convincentes) às especificidades de cada rapaz. Alude sobretudo ao tamanho dos paus e à fogosidade dos "meninos".

Tudo soa francamente banal, porque os rapazes não aparentam o charme que Manuel alardeia. Apesar de gentil, ele mal disfarça sua impaciência em que comecemos logo a função. Já sei que os preços são Cr$ 500,00 de "entrada" e Cr$ 500,00 por rapaz (este dinheiro é pago diretamente a eles), mais os gastos de bar. Como não consigo me decidir, dali a pouco sou o único freguês que sobra. Me sinto como um bife a ser devorado, porque os rapazes me abordam, puxam assunto, espiam e piscam, feito moscas em volta da minha bolsa. Manuel me faz sinais pouco discretos, apontando um ou outro, e enfatizando tamanhos. Eu o chamo; peço que me arranje alguém que seja terno e — deixo bem claro — que tenha versatilidade. Recebo uma resposta sarcástica:

— Já sei. Você também é do time das lésbicas...

Afinal, Manuel acaba quase me impondo um belo mulato de cabelos cacheados — "tiro e queda", segundo ele. Dirigimo-nos para um dos seis apartamentos contíguos, que existem na parte dos fundos do terreno. Não demoramos. Pago minha taxa e saio frustrado com promessas não cumpridas: eu me deitara com um estereótipo. Como são fregueses antigos e sabem escolher melhor do que eu, meus amigos repetem a dose. Logo depois, a casa fica em borborinho com a chegada de um velho estrangeiro, gordo e espalhafatoso que — também familiarizado com o ambiente — vai escolhendo vários "bem dotados". Até que entra num apartamento, com mais quatro.

Eu rondo por ali, pouco à vontade, disposto a ir embora logo mais. Manuel vem conversar, fazer propostas, vender seu produto. Tento explicar-lhe que é minha primeira vez num bordel. Então, lembro da reportagem e faço perguntas. Manuel tem a casa há uns dez anos. Tudo o que sabe aprendeu num famoso bordel masculino de Campos, que fechou após a morte de sua dona, uma bicha muito antiga. Diz receber ali atores famosos, personalidades e políticos de todo o país, que chegaram a ajudá-lo na construção da casa. Pergunto sobre um insistente boato de que certo membro da hierarquia eclesiástica seria também cliente da casa. Manuel não confirma nomes — questão de ética. Jura que não trabalha com menores; mas logo a seguir se contradiz ao informar que alguém trabalha com ele desde os treze anos.

Os rapazes vêm ali reforçar seu orçamento; são todos proletarizados; raramente ultrapassam os 30 anos; e acabam se tornando um pouco parte da família de Manuel, que cobre suas necessidades e chega a pagar-lhes médico. Todos o querem bem na vizinhança, onde ninguém desconhece a natureza do negócio. Não sei por que acabamos falando de amantes. Manuel conta que jamais botou a mão na bunda do seu homem; e nem faz questão, mesmo porque tomaria uma surra, se lhe "faltasse com o respeito". Quando um rapazinho esguio se aproxima sob pretexto de filar cigarro, Manuel revira os olhos para o meu lado e volta à carga:

— Esse é um doce de menino. Faz de tudo!

São ternos os olhos do rapaz, de tal modo que sinto um súbito entusiasmo e decido tirar a prova dos nove, pois afinal sou um repórter... Na cama, fico sabendo que ele trabalha numa fábrica, tem 19 anos e voltará pra casa logo depois. Ainda atormentado por pruridos políticos, pergunto-lhe se não tem problema em fazer de tudo na cama; ele mostra-se evasivo. Penso que fui enganado de novo, enquanto o rapaz — que chamarei Fernando — vai tirando a roupa e revela um corpo delicado, cheiroso e absolutamente doce da cabeça aos pés. Eis o segredo, penso esquecendo-me das palavras-de-ordem militantes, eis o segredo tanto tempo guardado por uns pedaços de pano. E mergulho no desejo.

No final da função, devo dizer que eu me sentia absolutamente transtornado. Não que a transa tivesse sido particularmente boa. Mas eu sofrera uma revelação. Sorria por todos os poros, quando paguei Fernando. Continuei sorrindo mesmo quando o apartamento foi invadido por um rapaz que se oferecia de modo insistente e que, ante minha recusa, pediu dinheiro para pegar condução. Continuei sorrindo quando vi Fernando a rondar novos fregueses, quase sem me reconhecer — ele que iria voltar pra casa "logo depois". Cheguei até um dos fregueses e apregoei as virtudes de Fernando. Mais ainda: esquecido de que era um profissional da imprensa, vou até Fernando e lhe digo: "Te arranjei novo freguês, seu sacaninha" — e aponto, sorridente.

Sei muito bem que Fernando não tem os atributos mais cotados naquele meio, nem merece elogios por versatilidade. Mas houve entre nós, um movimento mais subterrâneo, inexplicável quando nosso jogo de amor passou a adquirir ritmo, aquele rapazinho de olhos doces e cheiro delicado começou a ganir de gozo. Não se tratava de orgasmo profissional. Ele não apenas jorrou como perdeu as estribeiras e, ao contrário de sua negativa anterior, se ofereceu na hora do gozo, enrodilhando as pernas em minha cintura, na mais legítima súplica de "devora-me ou te decifro". Ainda que não tenhamos feito nem uma coisa nem outra, esse seu não-premeditado gesto de oferenda, absolutamente não previsto em ambos nossos códigos, bastou para me desarticular. Ele dava uma medida exata do desejo que nós dois — estranhos um ao outro, de classes e interesses divergentes — tínhamos compartilhado naquele leito polivalente e des-regrado

Quando deixamos o bordel, as crianças brincavam por cima do nosso carro e as mulheres ainda conversavam nos portões de suas casas. No caminho de volta para o Rio, gozo de uma euforia silenciosa e quase mística: sinto-me habitante daquele mesmo universo paradoxal de um Pasolini. Meus amigos contavam proezas, mas eu não tinha muito o que reportar, porque trazia uma sensação difícil de comunicar. Soube, inclusive, que os rapazes do bordel são realmente mais versáteis do que aparentam; podem fazer de tudo na cama, contanto que haja discrição posterior, para não abalar as regras e papéis. Papéis? penso eu. Regras? Relação de poder? O espaço proibido de Fernando se abrira a ele com o dinheiro que lhe dei: através desses "execráveis" Cr$ 500,00 ele se exorcizou e se permitiu o prazer. Naquela cama tinha se articulado, para além de uma relação dominador-dominado, uma mediação onde paradoxalmente o dinheiro suspendia os papéis sexuais de macho e fêmea.

Essa a suprema revelação: o desejo explodira no momento em que os Cr$ 500,00 tornaram simbólicos e, num extremo chocante, se revestiram de uma aura liberadora. Por uns poucos momentos, não houvera dominação: apenas prazer. Os uivos daquele operário de 19 anos, que falava gíria de malandro, eram uivos de um instante indeterminável em que dois desejos subvertiam o valor dinheiro, ao lhe adicionar uma nova qualidade distante da dicotomia bom/mau. O dinheiro, que garantia meu poder sobre aquele operário, também refinara sua libido. Tratava-se de algo absolutamente chocante para minha consciência de militante

Dentro do meu universo ideologicamente encerrado, eu descobria um impasse: aquele corpo operário se libertava do trabalho e se revelava, em profundidade, justamente na "abjecta" relação de venda carnal. Mais: ultrapassando o nível da troca desigual, tanto o dominador quanto o dominado gozavam. Naquela cama, onde o machão se enternecia e sensualizava, minhas idéias inflexíveis esbarravam no paradoxo dos desejos, quando já não se sabe quem se oferece, quem se impõe. Juntos na cama, não tínhamos feito nada do que se previa e gemíamos ambos de igual prazer, sem dar importância ao papéis. O bordel subvertia meu bom-mocismo. Ainda que por instantes, eu também subvertia o operário Fernando. Era o que eu pensava, com o vento da estrada na minha cara.

Até hoje sinto os ecos daquela perplexidade.
(João Silvério Trevisan)

Chame Babilônia/zero-zero

Mal cheguei a São Paulo, na segunda semana de setembro, me dirigi, ávido, aos cadernos de classificados dos jornais. Pensava: se no Rio os serviços de michês a domicílio já eram oferecidos tão às claras, o que não estaria acontecendo em nossa Babilônia, essa paulicéia desvairada onde tudo existe sempre em maiores proporções? Estranhamente, não encontrei, em nenhum deles, a popular sessão de "massagens". Nem mesmo no O Estado de São Paulo, cuja principal fonte de renda dizem ser os pequenos anúncios, e que certamente não os rejeitaria (afinal de contas, alguns centavos a mais nunca fizeram mal a ninguém...); decepção total: em São Paulo as coisas andam mais discretas que no Rio?

Horas depois, durante um almoço com Darcy e Trevisan, interroguei os dois sobre o assunto; eles não sabiam de nenhum agenciador, nenhuma casa de massagens paulista onde clientes e massagistas fossem todos homens. Meu faro de repórter me levou aos locais onde se conseguem contatos mais imediatos de terceiro grau na capital paulista: os fliperamas. Nada. Nenhum dos menininhos subnutridos que lá fazem ponto, nenhuma das bichas que se apalpavam furiosamente nos banheiros podia me dar qualquer informação sobre o assunto.

Fracasso total. Embora esta missão não me tivesse sido confiada na redação, eu queria voltar ao Rio com alguma notícia dos "massagistas" paulistanos. Mesmo porque, furar as repórteres paulistas do **Lampião** seria um triunfo. Eu estava assim, completamente, obcecado, na tarde do dia seguinte, ao ler a Folha de São Paulo no **hall** do hotel, quando encontrei, na seção "Diversos", um anúncio de massagistas "moças e rapazes". Anotei o telefone, e tratei de discar.

Uma voz masculina me atendeu. Sem maiores delongas, perguntei se massagistas rapazes atendiam a rapazes. A voz me respondeu secamente: "Não; aqui somos todos ativos." Eu lhe expliquei, então, que queria um "rapaz ativo", para atender a mim, que era um "rapaz passivo". A voz, agora menos seca, insistiu: os rapazes daquela clínica só "massageavam" mulheres; e, quanto às moças, só faziam o chamado "vice-versa" — quer dizer, só massageavam homens.

Era o meu único contato, e resolvi apelar. Troquei de voz — usei aquela, bem abichornada, que a agente adota quando pretende ser coquete com um machão heterossexual —, e implorei: "Eu não sou daqui; será que você não poderia me ajudar a encontrar alguém que me atendesse?" O rapaz, do outro lado, também trocou de voz — o tom passou a ser aquele usado pelos machões heterossexuais, quando pretendem estar encantando uma bicha; ele me disse que poderia conseguir, com alguém de sua clínica, um endereço da Avenida Ibirapuera onde, ele sabia, prestavam esse tipo de serviços; me pediu que esperasse e, após um instante me forneceu um número de telefone.

Liguei imediatamente e — surpresa! — quem atendeu foi uma mulher; durante toda a conversa, ela parecia mascar chicletes ou comer alguma coisa. Eu lhe perguntei sobre os massagistas: "por acaso eles atendem homens?" E ela me despejou uma catarata de informações, sem o menor pudor: "Os rapazes são ativos e passivos, atendem aqui ou em sua casa e, neste último caso, além de dois mil cruzeiros pelo serviço, cobram também o táxi. Nós estamos aqui diariamente, de dez à meia-noite, inclusive aos domingos. Se o senhor vier até aqui, pode escolher entre vários; eles têm de 18 a 25 anos e tem pra todo gosto: louro, moreno, preto, etc."

Prometi à moça que lhe telefonaria no dia seguinte — um domingo. E pretendia fazê-lo, realmente, mas aconteceu um imprevisto que alterou o meu esquema; é que, na pressa de telefonar, eu anotara o número que o rapaz me dera no exemplar da Folha de São Paulo, depois abandonado no chão, perto da cama; e a arrumadeira do hotel, dia seguinte, bem cedo, tratou de jogá-lo no lixo, desfazendo, assim, o único contato que eu conseguira na Babilônia paulista... **(AS)**

Louca viagem aos buracos de São Paulo

Fiz, definitivamente as pazes com a cidade que Jacques Lacan definiria como a capital da Ordem do Pai. Assim como o Rio é a Capital da Ordem da Mãe, generosa jocasta cheia de praias, amem. Entendi, de uma vez por todas, as entranhas do que o meu amigo Toninho Damasceno — meu guia responsavel por essas pazes definitivas — catalogou como "O estômago do Brasil", e que só ali seria possível acontecer a Semana de 22, o Manifesto Antropofágico, as loucuras dos Andrade. Alias, em companhia desse meu amigo, sentia-se muito o clima Tarsila do Amaral Anita Malfatti. Vejamos por onde o nosso safari paulistano deitou seus dentes sedentos de aventura e descoberta.

Toninho, que é um conhecedor de lugares malditos no mundo — evidentemente — guei de Sampa, como essas pessoas especializadas em restaurantes exóticos ou especiais, ou esse colecionadores de objetos raros e originais, faz as honras da casa com maestria absoluta. Apesar de lá existir uma infinidade de saunas entendidas, sabedor de que eu transo mais a linha pasoliniana-pedofílica, levou-me ao afastado bairro de Vila Patriarca (que bandeira!), numa muito especial.

Numa rua suburbana tipo Penha-Circular do Rio de Janeiro, sem asfalto, um prédio verde-cheguei (ou **chez-gay**) anuncia vapor generoso . À entrada, baratíssima por sinal, uma cômica placa, "é proibida a entrada de menores", imediatamente contrariada no seu salão principal, mixto de sauna e play-ground, onde há o tradicional bar e lanchonete. A temporada de caça está aberta; e numa confusão onde nunca se sabe quem é a caça e quem é o caçador, os michês cobram uma taxa que varia entre 150,00 (ou paga-se a entrada deles, na saída, é claro) e 400,00. Um prazer barato e gratificante. Depende, é obvio, da sorte do freguês, mas só cego ou masoquista-visual (um tipo de masoque fissurado em gente feia) é que se não dará ao luxo de escolher gente muito bonita e gostosa. No famoso vapor-geral uma exibição total e absoluta, amoral, narciso-exibicionista, ante-sala de pequenas câmaras individuais onde o prazer estirou suas toalhas e seus gritos "comuns dependurados". Isso funciona diariamente, às tardes, e o melhor horário é até 18h.

Outro reduto, mais comum e conhecidíssimo, é o calçadão da Avenida São João, onde a repressão policial diminuiu; durante o dia todo, nas portas dos cinemas, os michês se exibem e batalham seu pão. Depois das 20h o movimento se intensifica, os fliperamas cheios metem inveja a um Marlos Nobre com sua sinfonia eletrônica. É o concerto nipo-concretista-erótico-industrial. Aliás, São Pualo me dá a impressão de uma Tóquio construída com a latinidade dos italianos. E essa latinidade é quem nos garante os calçadões de Eros, entre outras coisas. O melhor fliperama, que apelidei imediatamente de "PEG PAG", chama-se Playtime (homenagem do inconsciente ao pobre Jacques Tati?), não tem hora de fechar, está sempre cheio, é uma espécie de rodoviária da Avenida São João. Ao seu lado, na Ipiranga (cuidado com os gritos!) o famoso Jeca's (homenagem justíssima ao nosso cineasta caipira Amâncio Mazaroppi?), bar e lanchonete ponto de encontro.

O calçadão vai da Ipiranga (ouço, ao fundo, Caetano: "que só quando cruzo a Ipiranga e a Avenida São João) à Galeria Metrópole, onde no final dos 50 o homem de teatro de revista (hoje sabiamente **marchand de tableaux** em Paraty) Zilk Ribeiro abriu um dos primeiríssimos bares gueis do Brasil: o Barroquinho. Na própria, a linha tímida — michês recém-iniciados, travestis pirados numa de **jeune-fille** — encosta seus rabichos à espera de **limousines** inexistentes. O bom mesmo é no escancaro, nas portas dos cinemas ou nos inúmeros fliperamas — soldados em bandos gorjeiam feito periquitos prazeirosos. Dá o pé, louro. A "tabela sindical" é a mesma do Rio. A variedade é que é maior e o povo mais saudável. Juventude movida a lazagna e spaghetti. Viva Marco Pólo, que descobriu na China o macarrão!

Domingo, à tarde, Toninho resolve me levar numa "locação" muito interessante (estou escrevendo um roteiro sobre michês e travestis: cineastas do Brasil, está aqui registrada a patente na MEMÓRIA GUEI DO LAMPIÃO!), que é o Colégio do Padre Anchieta, um pão de Açúcar de Sampa, que eu desconhecia. É uma edificação colonial reformada, no alto de uma encosta, no meio daquela parafernália megalômana de edifícios fumês e estátuas modernas. Retrato do Brasil: ao lado da casa do Santo Anchieta José do Brasil há uma linda edificação do século XIX que nada mais nada menos é senão a Casa da Marquesa de Santos, a amante famosa do nosso Imperador (o do grito). O prazer vizinho da santidade. A repressão da Igreja, que submeteu os nossos índios no passado, vizinha da cortesã oficial de nossa História, e tudo no local onde foi inaugurada a cidade.

Ali não é propriamente um lugar de pegação, mas bem perto, na praça onde Dom Evaristo tem a sua Catedral, para os que fazem a linha **bye-bye** Brasil, entre sanfoneiros que comem pizzas, paus-de-arara jovens de buços aloirados falando "Ô", meu!", muita coisa acontece. Encontrei até um michê do Eixo Rio/Sampa sentado num banco ouvindo Roberto Carlos. Só que nesta feira de confraternização operário-campesina, são todos amadores. O que é uma pedida interessante. O Metrô, com seu mictório movimentado, exibe-se como um cardápio **underground** (mesmo) na porta de um restaurant, sob a proteção da Igreja progressista (sic). **Entre le sac et le sacre mon coeur balance**.

Agora, senhores e senhoras, o grande final. Eu poderia indicar muitas saunas entendidas, uma boite nova muito interessante no Arouche (Picapau), uma outra — a melhor de todas, onde todo mundo ou é Alain Delon ou Anita Ekberg — a Val-Improviso, mas não direi nada. Trata-se de um personagem que brevemente entrevistarei para o nosso Lampa: a Turca; é um homossexual que protege e aconselha jovens militares, uma versão tupinambá (e portanto melhor,) do filme de Visconti **Os Deuses Malditos**. É funcionário público, tem perto de 50 anos, moreno, gordo, veste-se comedidamente (?) com alguns detalhes bizarros: um chaveiro tamanho família permanentemente dependurado na calça com os emblemas da República, e um anel com a mesma temática.

Sua casa, um porão na Boca do Lixo, é decorada com frases patrióticas, **posters** militares, soldadinhos de chumbo, brinquedos infantis na linha militar, fotos de lindos James Dean caboclos das nossas Armas. Ali, diariamente, a Turca abriga os que se atrasam ou bebem além da conta, ou se machucaram numa briga (ela não serve nenhuma bebida alcoólica, o seu discurso é moralista, militar e cheio de chamamentos à Disciplina). Funciona como um general guei misto de mãe de todos, é permitida pelas autoridades — mesmo nos tempos da repressão de Garrastazu — porque sua ação é mais a favor da ordem estabelecida, mesmo num clima de loucura onde ela sequer percebe seus limites. Serve o "rancho" composto de uns sanduíches — "que minha irmã mesma prepara todos os dias" — e guaraná, e numa vitrolinha, chinfrim marchinhas de fundo compõem o clima desta estranha "caserna".

Mas tem mais. O espetáculo vai começar. A Turca nos introduz num minúsculo quartinho depois de passarmos por um estreito corredor onde fotos de turmas de vários anos demonstram em suas dedicatórias o apreço por essa figura mágica e fantástica. No quartinho, uma luz de vela tremeluze num desses lustres artesanais tipo oriente, e nas paredes umas gravuras, desenhos e retratos compõem uma estória decorada com versinhos que a Turca desenrola. E é a estória "dela". Uma princesa que vivia na Turquia, que o Imperador do Brasil manda raptar para o seu leito. A Turca mostra gravuras coladas com a cena do rapto, uma odalisca arrebatada por um árabe de cavalo deixa cair uma sandália trabalhada de pedras. Ela (a Turca) retira uma cópia da sandália de dentro de um baú (imitação da que aparece na gravura), tudo num clima que beira o limite entre a loucura circense e a credibilidade de uma fantasia grandiosa e, portanto, real.

E o final de tudo, a Turca — que a essas alturas está fantasiada de odalisca — deita-se com seu "príncipe" (um figurante, que de Imperador do Brasil tem imaginamos, apenas o fôlego) numa cama-tenda cujo travesseiro de filó, com as cores nacionais é cortado — como a bandeira de Pindorama — com a frase famosa que todos sabemos. É a terra de Oswald e Mário de Andrade, sem dúvida.

A casa da Turca não é uma casa de prostituição, absolutamente. Mas é um lugar de pegação. Apenas limitada para quem não tem preconceitos de ordem civil, ou para quem — paradoxalmente como quereria Freud — os tem demais. Outra coisa que muito me impressionou, às vésperas de um episódico relaxamento da repressão, foi o número enorme de travestis pelas ruas. Corajosos, exibicionistas, animais de um outro planeta que apelidei de **gayrrilheiros** do prazer. E viva o Brasil! (**Luiz Carlos Lacerda**)

Os michês são filhos de Deus?

João e Paulo vão à caça: saem, pegam o carro, passam num cabaré do Lido, descolam uma puta, levam-na para um motel, e transam a noite toda. No dia seguinte, pagam-na, deixam-na em algum lugar, e fim de papo; vão para seus afazeres, sem maiores críticas, sem maiores considerações — inclusive de seus amigos, se o fato for comentado, a não ser um eventual sorrizinho de inveja.

José e Pedro vão à caça: saem, pegam o carro, passam na Galeria Alaska, descolam um michê, levam-no para um hotel, e transam a noite toda. No dia seguinte, pagam, deixam-no em algum lugar, e fim de papo: vão para seus afazeres receber críticas e olhares de recriminação, piedade, incompreensão.

Como explicar? Se, no lado heterossexual, a puta é meramente objeto de consumo, é porque ela representa o lado marginal do segmento "normal" da sociedade — logo, o segmento que dita as regras de moral a serem seguidas por todo o mundo. Já o michê é o cocô do cavalo do bandido, na medida em que é o marginal — este, o homossexual. Ainda, o homo é depositário fiel daquelas regras de moral, e, mesmo quando finge que não as segue, derruba suas pluminhas (vide, por exemplo, no último número do Lampião, **a quantidade de vezes que aparece a palavra "discreto" no Troca-Troca — de um pessoal pretensamente esclarecido, assumido, leitor de um órgão libertário). Então, como a moral, para o hetero, é uma questão de conveniência(s), para o homo faz converter o michê em explorador, bicha enrustida, desajustado, desequilibrado, etc.; enquanto a prostituta só é maléfica em boca de político (em comício), falsos moralistas em geral e padres & pastores obsoletos.**

Acresça-se a isso tudo o fato de um hetero ter toda uma perspectiva de casar-se, juntar-se com facilidade, e isso representar uma dificuldade real para o homo: se um hetero antevê a possibilidade de um "arranjo" com uma prostituta, é para ter, de um modo geral, sexo barato. Já o homo, penso, carreia para o michê toda uma carga de esperança raramente correspondida — a não ser por dinheiro, claro; daí a frustração faz com que as uvas sejam declaradas verdes (ou seja, o michê é explorador, etc.). Finalmente, a puta é bem vista, na medida em que (na filosofia do povão) é usada sexualmente, o que poupa nossas filhas de o serem. Já o michê...

Putas e michês constituem o grupo mais fascinante que conheço, em todo o mundo marginal: por uma ninharia ensinam a gente a trepar legal (se é isso o que queremos), ou fazem corridinho (**ainda à vontade do freguês), dentro do carro mesmo, uma chupadinha, punhetinha, ou mesmo aquelas incômodas posições e contorções (também dentro do carro) pra gozar dentro; vão, ainda, a hotel, motel, casa da gente, casa do amigo, etc... Ficam lembrando aquele incrível pátio dos milagres do Corcunda de Notre Dame, onde se ensinava a roubar tecnicamente, com um boneco cheio de guisos pendurados, lembram?** Gentinha **criando e utilizando técnicas de aperfeiçoamento para prosseguir à margem da sociedade que os renega.**

Uma visão romântica? Pode ser — mas melhor, bem melhor, do que aquela do Gigolô Americano. Aliás, Masters e Johnson usaram, inteligentemente, no início de seus trabalhos sobre sexo, prostitutas, gigolôs prostitutos — sabidamente os que mais entendem de sexo, na sociedade ocidental. Quando o homossexual critica o michê, indiscriminadamente, está fazendo o jogo do sistema opressor em que vivemos: michê e puta são para serem usados, e não para conviverem ao lado de pessoas honestas (como **nós**). Michê tem uma vantagem enorme: **eu** escolho, eu discuto o preço, **eu** dito onde vamos, **eu** determino a qualidade da relação, **eu** escolho o tipo das relações a serem desempenhadas, a partir do que ele me informa. A responsabilidade é toda minha, até da eventual gonorréia. Que tal essa idéia?

Mas claro, há uma visão patológica do michê. O michê é dotado, psicologicamente, de duas coisas até invejáveis: traços PPs (personalidade psicopática, isto é, uma incapacidade relativa de absorver "freios" morais) e oligofrênicos (retardado, isto é, uma dificuldade também relativa de aprender coisas). Com isso, ele é lento no aprendizado da vida (mesmo que aparente uma malícia, **esperteza**), **e é mais** solto, mais livre que a maioria das pessoas, podendo até trepar por dinheiro.

Sei que, aparentemente, estou fazendo uma defesa do michê — e, afinal, é isso mesmo: se eu acredito, a partir de toda uma experiência existencial, na livre determinação das pessoas, não teria sentido apontar-lhe um dedo moralista-psicanalítico-anacrônico, e apresentá-lo como doente ou safado, ou corruptor ou aproveitador. Ele é uma pessoa que ocupa um espaço disponível no gueto, usa esse gueto, sobrevive nele e às custas dele — mas ético que o bofinho que transa (dá ou come) com um homossexual, sai e fala mal "daquele viado ali, ó". Mais ético do que alguém que insinua promessas de amor eterno até acalmar o fogo que lhe devora o entrepernas, e daí cai fora. E tão ético quanto o vendedor de sapatos, de comestíveis, remédios, etc. — cobra por um produto (até, se preferirem, tão ético quando o psicólogo, o médico clínico, o advogado: cobra por serviços prestados).

E claro que michês e prostitutas são uma decorrência de um sistema capitalista selvagem e desumano: na medida em que diminuem as possibilidades de trabalho, é preciso sobreviver, e topa-se preencher qualquer espaço disponível: ainda existem os perna-de-pau (lembram-se deles?) que **defendem** uns trocados fazendo propaganda na Saara, no Rio; os Papais-Noéis nas Mesblas, Sears, Tele-Rios da vida; os paraíbas que chegam ao Rio direto para o metrô; os adolescentes que vão ser vendedores de títulos, coleções de livros, até descobrir que estão sendo usados e mal pagos. Qual dessas **profissões** é a melhor? Faxineiro, talvez? Claro que todas são mais honradas do que michê; mas, desde que honra deixou de dar comida decente, moradia confortável, roupas e sapatos apresentáveis, só os tolos e velhos ainda a usam. Os demais, tentamos ser éticos, ainda que não honrados.

Finalmente, claro que existem bons e maus michês — isso há em qualquer atividade humana. Mas, alguém que vai para a cama por uns trocados, sem pedir atestado ideológico, carteira de trabalho, comprovante de renda, atestado de batismo, exame médico para comprovação de raça, ainda é um raro executor da constituição brasileira, e da declaração universal dos direitos humanos, o que o torna uma pessoa diferente (para melhor) dos restantes (quase) 120 milhões de brasileiros. Inclusive, diferente da maioria de nós.

E eu, que antes de analista, sou um ser humano, lamento a profissão que eles escolheram (e foram escolhidos), por entender que existem outras mais fáceis e rentáveis; porém, sou integralmente a favor deles, a favor da existência deles na sociedade (até porque sua presença é uma denúncia constante das contradições esmagadoras em que vivemos neste pais do futuro). (**Aristóteles Rodrigues**)

Prostituição na solidão do Planalto

É difícil não acreditar que a vida de um michê não seja monótona. As aventuras são sempre as mesmas, as surpresas são mais ou menos previsíveis e os perigos costumeiros: agressões, doenças venéreas e repressão policial. Além disto, os rapazes, com idades indo de 14 a 20 anos, repetem, diariamente, aqui em Brasília, uma rotina que se inicia por volta das três horas da tarde, quando chegam ao Conjunto Nacional e se instalam nos dois fliperamas do segundo andar e esperam que alguém os convide para entrar no jogo.

À noite, muitos deles podem também ser encontrados na Feira do Cu, que fica no alto da Rodoviária, no estacionamento em frente ao Touring Club. E não são apenas eles que se repetem. Os fregueses também são sempre os mesmos, funcionários públicos na faixa dos bons salários que chegam em seus carros, examinam, escolhem e vão embora. Antes mesmo de ir conversar com eles, os rapazes já sabem o que vai ser combinado. O freguês tem seu gosto, o michê tem seu preço. É, realmente, pegar ou largar.

Não há quem não saiba que a Rodoviária e os Setores de Diversões Sul e Norte (que ficam em suas extremidades) são pontos de encontro. Mas justamente o Setor de Diversões Sul é o local mais elegante da cidade, onde as famílias brasilienses fazem compras. De fato, até certo momento, as pessoas passam sem se verem ou se tocarem e cada qual desempenha a sua parte no jogo: uns fazem compras, caminham vagarosamente observando as vitrines enquanto os outros, as boutiques e os michês, oferecem o produto.

Este produto, seguindo a marcha alucinante da inflação, não chega a ser barato. Sem uma tabela fixa de preço, o mínimo que se pode oferecer, com um pouco de bom senso, são 500 cruzeiros. Isto, sem incluir os outros gastos que necessariamente vêm juntos, como o motel, para quem é casado ou não tem privacidade em casa, ou as bebidas, para quem recebe os michês em sua própria residência. Mas há também quem prefira levá-los apenas para as margens do lago e ir direto ao assunto. Assim, de um problema eles não padecem: o baixo salário, para alguns deles, só foi um problema enquanto eram sustentados pelos pais. Um deles, que gosta de deixar evidente o cuidado com que escolhe suas roupas, consegue ajudar a família, sustentar os estudos dos irmãos, pagar o aluguel de seu apartamento e manter em dias as prestações de seu Volkswagen, já que parece ter um afiadíssimo tino comercial. Mas a maioria deles não quer se estabelecer no negócio de maneira tão definitiva — querem apenas deixar correr o tempo, ter o suficiente para comprar roupas e cigarros, ir às discotecas (que ainda estão em voga em Brasília) e encontrar, todos, uma justificativa concreta para o seu homossexualismo.

Todos, sistematicamente, dão as mesmas respostas para os mesmos tipos de pergunta. Se lhes perguntam se se consideram bicha, respondem firmemente que não. Ou então, à pergunta se beijam os fregueses, a resposta chega a ser engraçada e altamente esclarecedora: "Eu não, mas tem muito cara que beija". A mesma coisa quando a gente pergunta se eles dão. A resposta é sempre negativa, mesmo se o pagamento oferecido for tentador. Se esta negativa fosse verdadeira, demonstraria uma injustificável falta de profissionalismo, já que, ao que parece, nem sempre o freguês tem razão.

Para eles, o raciocínio é simplíssimo: não aceitam ou não confessam o beijo e o fato de darem, porque não são bichas. E são capazes de discorrerem horas sobre as justificativas que preparam mais para si próprios que para os outros: ficam excitados com um homem que, além de ser homossexual (que eles dizem desprezar), está apenas usando o seu corpo, porque são jovens e plenos de vigor e iriam para a cama com **qualquer um**, mesmo. Para eles, como para todo o resto da sociedade que os produz, aliás, o jogo das aparências é indispensável. Eles são os machos, os portadores do pênis e assim são vistos num sistema altamente classificatório que põe todos em seus devidos lugares e que não admite meios termos. Para que eles não se desintegrem e não corram o risco de não saberem o que são, aceitam muito bem a incumbência de fazer o papel do garanhão, aquele cujo dote e bem é o peru.

Vista geral da Rodoviária, ponto de encontro em Brasília

E não há nada de imoral nisto, dirão. Muito pelo contrário, a moral deles é fortíssima e, para não perder o respeito, têm todos que se manter na linha. Um deles mesmo disse que quando fica sabendo que um dos rapazes está dando para os fregueses, espalha para todo o mundo e queima a sua reputação no pedaço. Disse isto rindo, mas deixou bem claro que é preciso ser uma coisa ou outra, senão vira zona. E ali, na Feira do Cu, não há lugar para viados.

Claro, neste esquema de valores, onde há uma rígida hierarquia, é sempre possível encontrar, felizmente, alguém mais inferior que nós. E o homossexual parece que ocupa um dos últimos postos. Mas os michês não tiram, desta aventura, nenhuma conclusão mais esclarecedora que possa fazê-los, digamos, recusar o mundo. Pelo contrário, eles repetem, tint-tin por tin-tin, os esquemas de uma sociedade da qual não podem participar diretamente e se agarram ao que sobra dela, mesmo que não sobre muita coisa; mas já basta para que eles não se percam de vez.

Ainda que a maioria deles tenha chegado a Brasília como, de regra, se chega (acompanhando a família, vinda de diferentes regiões do país à caça de uma vida mais satisfatória), seria simples demais tentar entender a prostituição apenas como resultado na baixa renda. Há nesta explicação uma frágil moral revolucionária que acredita piamente que uma mudança social, ou a transferência de um modelo de produção para outro, vá solucionar também o ser humano.

Muitos dos michês aqui em Brasília estudam, têm os documentos (inclusive a Carteira de Trabalho) e poderiam, se quisessem, passar a vida tentando sobreviver de outra maneira: enfim, para quem diz desprezar tanto o homossexual, nada seria pior que viver às custas dele. No entanto, não acreditando neste desprezo e percebendo que os michês, numa variada gama de opções do assim chamado submundo, escolhem justamente a prostituição homossexual porque com ela se satisfazem, é bastante curioso pensar também porque eles transformam o seu homossexualismo em fonte de renda.

E a explicação seguramente não está apenas nas mazelas do capitalismo. Tanto o nosso sistema quanto o socialismo ambicionam à produção e vêem nela o único destino justificável do homem. O sexo, como prazer que não visa o Estado e sim a alegria do indivíduo, é naturalmente renegado e visto como imoral ou decadente, jargões que sempre acompanham o homossexualismo. Mesmo assim, a prostituição, porque produz dinheiro, acaba tendo mais dignidade e ganha motivos. Exemplo disto é o que aconteceu ao rapaz que, quando prestava o serviço militar (que não se preocupem as autoridades: não foi no Brasil), foi surpreendido, pela polícia, beijando seu namorado nos fundos de um salão de dança. Preso e levado a julgamento, o rapaz teve que responder se era ou não homossexual. Neste momento, baixou-lhe toda a luz da hipocrisia e da mentira necessárias e repondeu serenamente que não, que estava apenas precisando de um dinheirinho extra. Ele foi, naturalmente, absolvido e não se falou mais nisto. Portanto, o dinheiro, colocado em um altar tão significativo, funciona como fetiche para uma relação sexual, como elemento erótico que leva ao sexo os padrões de competição e lucro, retirando dele a característica de inútil.

No caso do homossexualismo masculino, onde dois homens se confrontam, o dinheiro, que passa de uma mão à outra, serve como mediador do poder posto em jogo. O freguês compra e acredita que tem o controle da situação e é quem pode escolher e optar: o michê, que insite em ser o macho que não compromete o seu corpo nem o seu espírito, porque nada do que faz é de graça e não pode ser acusado de homossexual porque está apenas envolvido em uma forma de trabalho, vende sua masculinidade e retira-se intacto. E, já que estamos mesmo em guerra, saem ambos com uma mútua ilusão de vitória. (**Alexandre Ribondi**).

— Alô, é 256-0185?
— É.
— Eu quero um massagista.
— Ativo ou passivo?
— Que faça tudo.
— De que idade?
— Com menos de 20 anos.
— Branco, preto, mulato ou nissei?
— A cor não importa.
— O atendimento é a domicílio?
— Não. Eu prefiro ser atendido aí mesmo. Parece que vocês têm uma clínica.
— Clínica nada! O atendimento é feito no Hotel Agres, na Rua Farmo de Amoedo. O senhor deve ir até lá, falar com o gerente, que manterá contato conosco. O Hotel custa Cr$ 300, mais barato que o Hostal. O garoto é dois mil, como está no jornal. (Alceste Pinheiro).

2 — CLASSIFICADOS — Jornal do Brasil, segunda-feira, 13-10-80

300 SERVIÇOS PROFISSIONAIS

330 MASSAGISTAS

CALL — BOYS SERVICE — Tel: 225-0621 — Rio. Atendemos a domicílio e hotéis diariamente das 10:00 às 22:00 horas. Inf. Guilherme.

SERVIÇOS DE RAPAZES — Atendimento a domicílio e hotéis para ambos os sexos diariamente com hora marcada. Informe-se 225-0621 — Guilherme.

KISSAN — Você está exausto? Chame-nos p/ um bom relax. Moças, rapazes jovens. 10 às 02 hs. Hotel/ domic. Marcar Flávio, 541-6155.

MASSAGEM — É com Gisele o "entendido" em massagem meu end. é Av. T. 247-3255. Obrigado.

MASSAGEM com o boneca Andrea. Tel.: 247-0691.

MICHELE MASSAGEM — Somente a domicilio e hoteis. C/ moças e rapazes. Das 10 às 2 da madrugada. Tel. 245-9190.—

MASSAGEM C/MOÇAS E RAPAZES — p/ambo os sexos c/loira, morena 2ª a dom. 10 às 00h. F. 257-2622 e 255-3823 a dom. DFM 4114.

MASSAGEM — Nice Baiana Nova adm. c/equipe de moças e rapazes p/seu perfeito relax. Atend. ambos os sexos. Diar. 2ª aos sáb. R. da Lapa 120 — s/904 9 às 21 hs.

"MASS" c/moças e rapazes, e a (menina) Giza. Av. 13 de maio 47/ 311 das 10/ 20hs.

MASSAGEM — Rapaz atende cavalheiros e damas à domicílio e hotéis. Fone: 256-0185.

SERVIÇOS DE RAPAZES — Atendimento a domicilio e hotéis para ambos os sexos diariamente com hora marcada. Informe-se 225-0621 — Guilherme.

MASSAGEM C/ MOÇAS — E rapazes a partir de Cr$ 500,00 das 10 às 00hs. [illegible] Cabines e quartos. [illegible] DFM 4114.

MASSAGEM — Rapazes atendem a cavalheiros e [illegible] a domicilio e [illegible]. Tratar telefone: 257-9856.

MASSAGISTAS — C/ rapazes jovens, somente p/ moças e senhoras. Marcar horário Tel: 399-1879. Das 12 às 02 hs.

MICHELE MASSAGENS — Somente à domicilio e hotéis, c/ moças e rapazes. De 10 às 2 da madrugada. Telefone 245-9190.

CALL-BOYS Service telefone: 225-062[illegible]-Rio. Atendimento a domicilio e hoteis diariamente c/hora mar-

KISSAN — Você exausto? Chame-no[illegible] um bom relax. Moças [illegible]pazes jovens. 10 às 0[illegible] Hotel/ domic. Marcar [illegible]vio, 541-6155.

MASSAGEM — Gr[illegible] equipe de rapazes e [illegible]ças atendem a cav[illegible]ros e damas. Domic. [illegible]teis. Tr. fone: 541-[illegible] Rafael.

MASSAGEM — Ra[illegible] atendem a cavalhei[illegible] damas a domicílio [illegible]téis. Tratar telefone: [illegible]9856.

MASSAGEM — Gr[illegible] equipe de rapazes [illegible] ças atendem a cav[illegible] ros e damas. Domic. [illegible]teis. Tr. fone: 541-[illegible] Rafael.

MASSAGISTAS 275-7073 [illegible]mone Moças e rapazes de [illegible] aparência. Atend. Hoteis [illegible]sidencias. Diariamente 10 [illegible] hs.

MASSAGEM Marcelo

Galeria Alaska: pão, amor e nostalgia

As chuvas de outubro, o frio, um certo sentimento de solidão que só ataca aos sábados, me levaram de volta à Galeria Alaska, onde não punha os pés há quase um ano. Eu já sabia que o bar Miguel-Ângelo está em obras, mas mesmo assim me chocou ver suas portas fechadas. Para mim, freguês de tanto tempo, era como se estivesse faltando um pulmão, um pedaço da velha Alaska, apesar de o outro bar em frente.

Para um funcionário do Teatro Alaska, setembro e outubro não têm sido muito satisfatórios como movimento de bilheteria; o show das bonecas não consegue mais lotar a casa. O dono de um apartamento no edifício em cima da Galeria, que aluga o espaço para encontros homossexuais, queixa-se dos negócios, que caíram quase a zero. O porteiro da boate Sótão não vive mais rodeado de paulistas aflitos, querendo entrar. Do lado da Atlântica também são só queixas. No entanto, e apesar da formidável corrente de ar formada na Galeria, eu me senti nesse sábado de outubro como se estivesse nos bons tempos: era a mesma ebulição, o mesmo vaivém, os gritos e risos das bichas que tornam um dos lugares de pior aspecto do Rio, às vezes parecendo-se a um pátio de milagres, num ambiente aconchegante e muito propício ao despertar da vontade de fazer sexo.

E as caras dos freqüentadores, depois de uma hora de vigília na entrada da Av. Copacabana, me eram quase todas familiares. Lá estava a Trágica, pontificando numa mesa de bar; passeando pelo corredor gelado, "Liza Minelli" (a bicha realmente se parece com a artista, usa franja e tem dentes enormes) de tênis, pijama de pelúcia e um chale espanhol, faz caras e bocas para chamar a atenção; o arquiteto famoso, de porre e sozinho como sempre, à espreita da caça, os últimos e desesperados meninos mal-nutridos do fim da noite; na outra extremidade do bar, o ex-diplomata, bebedor de vinho branco e espalhafatoso como sempre, chamando qualquer um que passasse para sentar-se à sua mesa; e na chuva, fingindo estar à espera de um táxi — o truque antigo — mas de olho no movimento, o jornalista tímido.

"Isto é um circo", me disse certa vez um colega de picadeiro, querendo expressar sua desaprovação à "sordidez" e à "promiscuidade" do ambiente. mas acabando sempre por participar do ritual, com início, meio e fim, ditado pelo bofe, porque esse meu conhecido gosta de um tipo de michê já no ocaso, com mais de 35 anos, endurecido pela vida, que não é incomum na Galeria.

Mas, nessa noite de outubro a que me refiro, estávamos todos ali a fim da mesma coisa, em busca de uma aventura, apenas variando de gosto quanto a tipo ou idade. Nos reconhecíamos como membros da mesma tribo pelo olhar levemente esgazeado e pela sofreguidão com que cada um procurava o "seu tipo". Enquanto isso, do outro lado da arena, o centro único das nossas atenções, os michês, faziam o balé de sempre, e isso acontece haja chuva ou sol, frio ou calor, indiferentes ou finjindo-se despreocupados com a escassez de demanda. Mas essa talvez seja a alma do negócio. De fato, chega a ser emocionante ver como alguns deles, jovens e não tão jovens, se pavoneiam, apesar das roupas furrecas, pela Galeria e adjacências. É essa confiança na vida e na profissão que escolheram que os torna admiráveis a seu modo.

Muitos pensam que, com o avanço da revolução sexual, os michês chegarão um dia a não ter utilidade alguma. Não acredito que sejam uma raça em extinção e que o que os faz interessantes e úteis seja apenas o sistema repressivo em que vivemos. Conheço muitos casais, hetero e homo, cuja associação começou a partir de uma transação do mesmo tipo e esses casais, depois de anos, nutrem um real afeto um pelo outro, embora um ou outro continue dependendo materialmente do parceiro. O errado não está na passagem do dinheiro de uma mão para outra, mas na rigidez neurótica com que um dos parceiros se comporta antes durante e depois do ato do pagamento, que é transformado num insulto.

Mas voltemos á Alaska. Continuo no mesmo lugar, encostado à uma pilastra, escorando-me no guarda-chuva, agüentando vento e frio. A maneira como me exponho não deixa dúvida quanto às minhas intenções. E eles sentem isso no ar. Estou a fim de programa; sem muita perda de tempo, meu recado foi dado. Agora espero pela reação.

Mas por enquanto nenhum dos que estão desfilando me interessam. O "Mad Max", por exemplo, já conheço de outros carnavais. Gosto dele, com óculos escuros e tudo, mas quero coisa nova, a aventura. Mesmo assim não deixa de ser tentador esse invólucro bem cuidado, principalmente as botas, a camisa larga e estampada e o jeitão displicente como ele as usa. Um outro eterno candidato potencial dos meus desejos acaba de surgir do lado da Av. Atlântica. É o Robertinho. Conheci-o quando era rato de praia e costumava aparecer na casa de um amigo meu. É muito jovem e não sei se vive só de michê. Me parece muito próspero. às vezes aparece na Galeria pedalando uma bicicleta e vistido para o jogging", mas parece mais um mensageiro de algum tipo. Robertinho é muito popular e costuma sentar na mesa de todas as bonecas que usam os serviços dos michês. Ele é como uma espécie de coroação do sonho dos turistas que surgem por estas bandas à procura do mulato dourado de sol e saudável. Levá-los para casa não representa perigo maior, com a condição de que se mantenha os olhos bem abertos ("Em programa com michê não se pode nem cochilar", diz uma amiga): ele tem uma curiosidade quase mórbida, adora mexer em tudo, principalmente nas gavetas.

Para se transar numa boa nesse meio dos michês, há que em primeiro lugar aceitar seu mundo de fantasia e projetos futuros, todos muito ambiciosos. Conheci muitos catarinenses, na própria Galeria Alaska, que atingiram à meia idade, dizendo que iam começar no dia seguinte um curso de hotelaria. Continuam todos freqüentando a Galeria, e falando as mesmas coisas aos seus cada vez mais difíceis clientes. O "Mad Max", por exemplo, é "mergulhador". De repente desaparece; quando volta, esteve "mergulhando no Peru", retirando um tesouro do mar.

É por ter essa capacidade de sonhar e saber contar suas histórias que eu prefiro o michê profissional ao ocasional. Este é também potencialmente, mais perigoso, quer antes de tudo, se afirmar com ativo e qualquer transgressão dessa regra pode torná-lo furioso. Com o profissional verdadeiro é diferente, principalmente porque ele vive no meio, é conhecido e é capaz de discutir civilizadamente todos os detalhes da sessão antes de ir para casa ou o hotel.

Eu já perdera a noção do tempo que estava ali e começava a renunciar a meus planos quando vejo surgir caminhando apressadamente pela Avenida Copacabana alguém com quem já transara duas vezes e continuava querendo. Era Hector, um uruguaio de 19 anos, falando um português quase perfeito, a criatura dos meus sonhos para aquela noite, e ali estava ele, quase à minha frente. Chamei-o logo, antes que algum outro o fizesse. Hector veio sorrindo para mim, de mão estendida. Imediatamente providenciei uma mesa para festejarmos o encontro. Desconfiei pelo seu ar de bebê recém-lavado que estava saindo de um programa; ele confirmou. "Um velho, no Posto 6". Hector não tem preconceito com idade, desde que as regras do jogo sejam cumpridas. Aliás, por falar em jogo, o nosso jovem michê diz ser um adorador do futebol e essa é uma das causa de vir ao Brasil.

Mas desconfio que não a principal. O sexo e o mercado brasileiro do mesmo são para ele quase infinitos. Hector é um rapaz forte, pesado e de rosto muito bonito. O corpo é musculoso e atlético, embora ele não seja muito alto. Naquele sábado tinha chegado de manhã de uma viagem que se iniciara em Montevidéu, com paradas em Porto Alegre, Curitiba e São Paulo, onde "tenho uma grande freguesia". Dentro de uma semana partiria para Brasília e Belém, onde também já é bastante conhecido. Hector reúne o útil ao agradável: faz michês e vai a todos os jogos de futebol que pode. Em Porto Alegre é Internacional, em Curitiba, Coritiba; em São Paulo, Corínthians; no Rio, Flamengo; naturalmente, e assim por diante.

Hector me conta seus sucessos nesta nova viagem. Está conseguindo um círculo cada vez mais amplo de relações nas várias cidades brasileiras. "Sou da máxima confiança", diz, "por isso minha caderneta de endereços está cada vez mais cheia". Rio comovido com sua candidez, daqueles 19 anos confiantes e alegres. Resolvo que vamos para casa já, pergunto se o preço dele continua o mesmo, Cr$ 500, e a resposta é afirmativa.

Com Hector é tudo tão organizado que nunca surgem problemas como de não ter onde dormir depois ou de precisar tomar banho antes. Toda vez que vem ao Rio fica hospedado num hotelzinho do centro da cidade. Depois do programa irá para seu quarto e eu poderei dormir à vontade.

Vê-lo nu me causa irreprimível entusiasmo. Hector acende em mim a chama dionisíaca do desejo. Ajoelho-me diante daquela figura adorável e começo a exitá-lo. Em poucos minutos estamos deitados no chão, como ele prefere. Aos poucos ficamos embolados, tenho vontade de devorá-lo, literalmente. Vamos repetir a sessão de fist-fucking dos nossos outros encontros, em cuja técnica ele é um mestre. Repito, um mestre, já que desta como das outras vezes Hector usou sua mão, vagarosa e cariosamente, sem que eu sentisse uma dor maior do que aquela do prazer.

Não sei quanto durou o nosso programa, mas quando terminou eu estava exausto e feliz. Ele parecia, como sempre, novo. Foi para o banheiro, enquanto eu procurava dar ordem na casa, às três horas da manhã. Quando Hector se vestiu, perguntei-lhe o que ia fazer. "Agora vou dormir mesmo", respondeu. Paguei o combinado, beijei-lhe o rosto quase infantil e leveio-o até o elevador.

Tinha sido uma noite muito positiva para mim. Melhor do que eu esperava. Sentia em Hector um amante quase ideal. Por sua delicadeza e compreensão. Não se podia pedir mais. (Francisco Bittencourt)

Da Via Veneto a Be-agá

Não me lembro do nome. Talvez John, George ou Harold. Digamos que fosse George, para facilitar. Conheci-o na semana seguinte à minha chegada à Itália, onde fui morar, em 1963. Ele passou e olhou enquanto eu tomava um capuccino, como bom turista que se preza, sentado a uma das mesas do calçadão do Café de Paris (que não está em Paris e sim em Roma, e na Via Veneto). Nunca fui inocente de pensar que estes flertes não tenham razões econômicas, porém Goerge me pareceu diferente dos rapazes italianos que eu me habituara a ver por ali — eram os chamados marcheti da Via Veneto (leia-se "marqueti" — "batedores de calçada"), que deixavam evidente a profissão que exerciam devido principalmente à sua maneira direta de chamar a atenção. Nos idos de 60, a Veneto ainda era freqüentada por gente de cinema, atores e diretores. Aproveitando-se disto, os marcheti se faziam passar por atores estreantes, para os turistas incautos. Bem ou mal todos falavam inglês e sempre corria uma história do estúdio, contada em alta voz para ser ouvida nas mesas próximas.

Notava-se que Goerge era estrangeiro, isto é, não italiano, possivelmente inglês, tanto pelos traços como pelo modo correto de vestir: blaser com botões dourados, emblema bordado no bolso, gravata listrada e cabelos relativamente curtos, compondo um tipo universitário de Oxford ou Cambridge. Na passada seguinte, próximo da minha mesa, convidei-o a sentar. Recusou o capuccino mas aceitou aperitivo, e desforrou no jantar. Era americano, e aportara na Itália em férias; para escapar ao domínio familiar, prolongou as férias romanas permanentemente, abandonando a universidade. Essa foi, pelo menos, a versão que contou enquanto devorava o spaghetti al vongole: "preferi ser prostituto a ter que voltar para casa, no interior dos Estados Unidos...

Com isto, já deixou bem claro que não seria na base da simpatia. Paciência... Fomos para o meu hotel. Em tempo: nessa época (é possível que tal falso moralismo continue hoje), pessoas não registradas como hóspedes não subiam aos quartos dos hotéis, na Itália. O rapaz preencheu uma ficha, mostrou o passaporte e subimos. No baixar das calças já havíamos combinado a tarifa de cinqüenta dólares, preço "very cheap", como ele disse, considerando que já pagara o jantar.

Encontrei-o depois, outras vezes, na indefectível Via Veneto, caçando e sendo caçado. Respondia sempre ao meu cumprimento com um simpático aceno de mão e um "hello, dear", o que também poderia significar disponibilidade para novos encontros que, devido a certas circunstâncias de minha parte, nunca se realizaram.

Porém o fato de cumprimentar ou responder a um cumprimento não é normal entre "marquetas", porque nem sempre o cliente quer ou pode ser reconhecido. E vários "marquetes" são rigorosos neste sentido, para não comprometer sua parte profissional. Vejam: algum tempo depois, ainda morando em Roma, fiquei curioso a fim de verificar de corpo presente o que seriam certos anúncios publicados diariamente no "Il Messaggero": "Habilíssimo (os italianos adoram os superlativos) massagistas", ou "Cuidadoso massagista, prédio sem porteiro, telefone tal". Resolvi discar — seria pelas onze da manhã. Atendeu uma voz de bicha sonolenta. Pelo timbre, percebi que não fazia o meu gênero, mas aí não quis voltar atrás porque minha ciriosidade precisava ser satisfeita, mesmo sob a perspectiva de um possível fracasso.

A pessoa pediu meu número de telefone, e a seguir discou, combinando horário e preço (bem mais barato que os da Via Veneto, podendo inclusive ser pago em liras). Deu-me o endereço (imediações da Stazione Termine) e exigiu o meu, para certificar-se de que eu compareceria. Antes de desligar, ainda arrisquei uma pergunta: "Como é e onde é feita esta massagem?" a resposta: "Da per tuto, sia tranqüilo" (por toda a parte, fique tranqüilo).

Eu verdadeiramente esperava pouco do encontro e, no abrir da porta, percebi que a pessoa, conforme eu presumira, não era nada compatível com as minhas preferências. O "massagista" deveria rondar os trinta anos, era de pequena estatura e compleição delicada; os olhos estavam levemente maquilados. Reconheci-o, porque de vez em quando eu o via nos lugares de badalação

Assim, logo ele abriu a porta do seu bordel, citei o nosso conhecimento na casa do Arena, de que também estivesse me reconhecendo. "Desculpe, senhor, mas não conheço ninguém e ninguém me conhece. Esteja tranqüilo". Inútil tentar convencê-lo de que tais precauções eram desnecessárias comigo.

Voltemos ao passado, só que aqui no Brasil, na sisuda Belo Horizonte dos anos 50 bastava que algum senhor com jeito de forasteiro (de preferência dando alguma "pinta") parasse na porta do melhor hotel da cidade, para que logo se aproximasse dele um rapaz bem trajado, oferecendo-lhe o trabalho profissional de vários outros rapazes, que desfilavam por ali. Quando nenhum era do agrado, o agenciador obtinha outros, de acordo com as preferências especificadas, o qual era comodamente entregue no hall do hotel ou à porta do quarto no horário estabelecido. O mais curioso é que quase sempre o agenciador, nesse meio tempo, ficava rondando pelos corredores, porque o pagamento era feito à saída, diretamente a ele.

Sei que no Brasil existe atualmente a prostituição masculina organizada e até profissionalizada, mas michês sempre existiram, só que em caráter mais amadorístico. O preço por exemplo, no passado, quase nunca era tratado com antecedência. Existiam uma tabelas meio vagas, e então, após o ato, o pagante, num gesto elegante, colocava algumas notas previamente separadas e dobradas no bolsinho da camisa do bofe. Que, mais elegantemente ainda, só iria verificar o valor recebido quando estivesse no elevador ou na porta da rua: era um negócio discreto e honesto entre cavalheiros, num tempo que não volta mais.

(Darcy Penteado)

Um jovem michê pede a palavra

Nossa idéia era encerrar esta abordagem ampla, geral e irrestrita sobre a prostituição masculina com um bate-papo entre os mais diretamente interessados no assunto: alguns michês. Mas encontrar alguns deles que, primeiro, aceitassem debater sua condição; e segundo, contassem, além dessa boa vontade inicial, com a faculdade de articular frases claras e completas, foi impossível, no curto período de tempo que dispúnhamos. Assim é que resolvemos recorrer, mais uma vez, ao bom Rodrigo, este menino cuja entrevista publicamos em janeiro deste ano: ela ainda é a melhor coisa jamais publicada na imprensa brasileira sobre o assunto, e isso não é um mérito nosso, mas sim, do entrevistado; aqui, Rodrigo faz uma radiografia completa da "profissão" que abafou.

Claro que nos lembramos não apenas da entrevista do Rodrigo, mas do próprio — um menino ainda, que freqüentou sempre de modo fraterno e caloroso, as mesas lampiônicas em muitos bares da vida (as mesas, queridinhas; as camas, não. Mas não vejam nesse "não" sinais de preconceito — é que depressa nos tornamos amigos, irmãos, e a possibilidade de um dia chegarmos ao sexo sempre nos provocava risadas). A última vez que o vimos foi — para variar — um bar; ele tinha acabado de chegar de Brasília, num avião ministerial qualquer, segundo disse, no qual conseguira uma carona.

Onde andará ele agora? Talvez tenha cumprido a promessa que faz a si próprio na entrevista — abandonar a "profissão" ao entrar no exército; talvez ainda esteja firme no seu ponto numa cidade qualquer, ele que conhecera tantas em tão poucos anos de vida. Talvez (esperamos ardentemente que não) tenha se tornado, como temia, feio. **Onde ele estiver lhe mandamos nosso terno, fraternal, carinhoso abraço. Coragem, Rodrigo, que a noite é uma criança. (AS)**

Lampião — **Você nasceu onde?**

R. — Em Belo Horizonte. Com 15 dias já tinha vindo para o Rio, me criei aqui. Tinha perdido minha mãe, sabe? Depois voltei pra Belo Horizonte; com dez anos fui internado lá perto de Ouro Preto. Fiquei até os doze, depois voltei pra casa, a gente se mudou, foi morar em Blumenau. Meu pai mudava muito de cidade — ele tentava me dar uma vida, uma coisa assim, mas era um cara meio louco, por causa da guerra.

Lampião — **E quanto é que você começou realmente a transar?**

R. — Devido aos problemas familiares que eu tinha com meu pai, eu fugia muito de casa. Um dia, com 15 anos, em Belo Horizonte — eu ajudava um mágico, na Avenida Afonso Pena, exatamente à meia-noite. Era um lugar de pegação, inclusive tinha um quarteirão cheio de travestis, essas coisas. Aí eu via que muita gente — muitos homens — me olhavam, até que um dia um cara chegou pra mim e me ofereceu dinheiro pra ir transar. Eu tinha medo.

Lampião — **Mas você era menor, nessa época. Nunca houve problemas?**

R. — Nunca houve. Porque, justamente, a Máfia controla tudo lá. Você vai em qualquer esquina do México, tem cigarro americano que a índia vende, que o camelô vende: tudo contrabandeado. A prostituição lá é aberta. Então, acontece o seguinte... (**Interrupção**)... O michê, o travesti, têm um problema: o cara quando começa a ir por dinheiro, não pára mais; ele vicia.

Lampião — **Mas vicia em quê?**

R. — No dinheiro. Vicia no dinheiro. Enquanto ele não encontrar uma profissão, uma coisa que renda tanto ou mais, que dê mais dinheiro que aquilo, ele não vai mudar de vida.

Lampião — **Você tem um ponto fixo, não é? Fica onde? Quer dizer, aproximadamente, não precisa dar a localização exata.**

R. — Olha, o negócio funciona da seguinte maneira. Eu chego à Cinelândia às sete, oito da noite; daí à meia hora já estou indo pro hotel. Às nove já estou com meu dinheiro no bolso. À meia-noite, mas ou menos, vou pra Galeria Alaska.

Lampião — **Quem escolhe o hotel — você ou a pessoa?**

R. — Eu não gosto de escolher, pra não perder o cliente. Olha, quando é uma bichinha pobre, geralmente ela vai pro Souto, ali na Rua da Lapa. Agora, as de classe média vão aqui pro Norte-Sul, ou então pro Hotel, na Gomes Freire. Na Cinelândia eu fico ali na Sorvetelândia, fico parado, até que aparece alguém. Mas também pinta muito apartamento, muita cobertura. Inclusive tem também muitos cafetões; o primeiro artista com quem eu transei aqui no Rio, um cantor, foi através de um cafetão. Ele me deu o endereço, falou, "ele vai te dar 500 cruzeiros". Quando eu cheguei lá levei um susto, era um cantor muito famoso.

Lampião — **Aliás, era sobre isso que eu queria falar. Quanto é que você cobra normalmente?**

R. — Ah, isso aí não tem tabela não, porque é o seguinte: muitas vezes são quatro horas da manhã, e você está assim na maior fome, no maior frio, não tem nem o dinheiro do ônibus pra ir pra casa. Então chega o sujeito e oferece 250 cruzeiros. Você acaba indo, não é? Senão, vai ter que dormir no banco da praça, alguém pode te assaltar, te matar... Mas é difícil eu ir por 250 cruzeiros.

Lampião — **Você encara isso como uma profissão, não é?**

R. — É. Como uma profissão mesmo. Um trabalho como outro qualquer.

Lampião — **Me diz uma coisa: por que existe uma alta rotatividade de michês? Esses garotos estão sempre aparecendo e desaparecendo!**

R. — Existe o que a gente chama de ponte aérea. O cara fica uns três, quatro meses no Rio, depois vai pra São Paulo. Quando ele volta pro Rio já vem com outra cara, um cabelo diferente, um pouco mais gordinho ou mais magro... Aí os clientes pensam que é outro cara. Agora eu, não faço isso. Eu sou um pouco diferente, sabe? Inclusive os caras pegam no meu pé, dizem, "pô, você é todo orgulhoso! Para que você banca o machinho se a gente já sabe que você deu por grana!" Aí eu respondo, "isso aí não significa nada, dar ou comer". Porque eu já fiz a linha macho e a linha bicha também.

Lampião — **Até agora a gente só falou de homossexualismo, isso está me cansando profundamente. E as mulheres? Nunca te cantaram, nunca...**

R. — Pinta muito, principalmente em Copacabana.

Lampião — **E você faz o quê? Qual a diferença entre mulher e homem, no caso?**

R. — É o seguinte: na maioria das vezes que pinta mulher, funciona como programa grupal; sempre tem um homem na jogada, e ele tá mesmo é a fim do garoto. Pinta muita mulher de carro em Copacabana, mas não dá pra ir; geralmente elas estão naquela faixa de cinqüenta anos...

Lampião — **Para aí: mas você vai com um homem de cinqüenta anos, por que não com uma mulher de cinqüenta anos?**

R. — Porque ela não vai me pagar direito. Olha, um cara de 50 anos, eu posso sair com ele hoje (**olha o calendário**), dia 20, e pedir 300 cruzeiros, porque sei que o pagamento ainda não saiu, ele está duro. Aí pelo dia 2, 3, eu posso sair com ele e pedir 500, 600 cruzeiros.

Lampião — **Que tipo de homossexual você gosta mais de transar? As pintosas, as mariconas de meia-idade, os travestis, as bonecas machudas?**

R. — Eu gosto mais dos travestis. De preferência um travesti que não batalha.

Lampião — **Você se sente só, às vezes?**

R. — Às vezes, não; muito mais que às vezes; especialmente quando chego em casa.

Lampião — **Business is business. Por falar nisso, você tem dinheiro guardado?** (Pequena pausa). **A gente não quer saber quanto, nem onde.**

R. — Tenho, sim. Pra ver se quando eu ficar velho posso viver de rendas.

— Porque eu não quero estar pobre quando a minha beleza acabar. Porque isso seria muito grave, seria perder a guerra. Afinal, todos os michês, os prostitutos, são mercenários da cama, do amor, como os mercenários da guerra. Eles não sabem pra onde vão, nem onde estarão no dia seguinte; poderão estar num hospital ou em outra cidade, podem ficar numa boa com um cara... Eles não podem é prestar contas a ninguém, no dia seguinte. E eu, realmente, não gosto de dar satisfação, de prestar contas a ninguém. Curto a independência.

O Prazer Por Alguns Contos de Réis

A prostituição masculina na cidade do Rio de Janeiro não é algo que tenha surgido de uma hora pra outra, no afã de nosso século. Se formos buscar suas origens históricas, sem dúvida, iremos esbarrar nos idos de 1502, quando do início da exploração de suas terras. Mas certamente a solidificação deste prazeiroso subemprego, que muitos insistem em chamar de "vida fácil", e que floresce estrondosamente em detrimento de sua grande procura no mercado, só veio acontecer no início do século XIX quando, não se sabe porque cargas d'água, ocorreu uma crescente liberação da homossexualidade por estas bandas; eles, segundo escritos da época, tomaram conta dos mais requisitados lupanares imperiais.

Tal acontecimento surpreêndeu as castas classes médica e policial, que procuram mil e uma explicações para o "fenômeno uranista". Para os médicos o "problema" tinha origem na alimentação da população, que era excessivamente condimentada, marcada principalmente pelo uso da pimenta, sendo sua agravante o causticante clima tropical de nossa cidade que, segundo tais autoridades, eram capazes de excitar o apetite venéreo, levando os mancebos a procurarem a satisfação de seus mais recônditos desejos, onde quase sempre eram recompensados com alguns contos de réis.

Já a polícia achava que o que faltava em nossa cidade era mulher, pois a população era predominantemente de homens, que na falta de messalinas, deixavam-se levar por caminhos "nefastos", carregados por alguns pingados "pederastas" (?). Era necessário que o número de "mulheres de janelas" se extendessem além das 255, já devidamente cadastradas pela Divisão de Hygiene. Restava portanto, segundo o Chefe de Polícia, importar prostitutas polacas, para assim asfixiar o comércio de rapazes.

Mas pelo visto, ninguém ligava muito para tais teorias, e os importantes senhores atiravam-se à costumeira caça de rapazes nos largos e matagais da cidade, como relata Dr. Pires de Almeida, cronista do século passado e ferrenho atacante dos prazeres homossexuais: "Passando-se do lar privado às praças públicas, não menos embaraçado era o asqueroso vício da pederastia, pois até bem pouco tempo o Largo do Paço e o Campo de Sant'Anna constituíam, pois à noite, o mais pavoroso cenário da imoralidade, tendo como atores, marinheiros, soldados e vagabundos de toda espécie, que se entregavam na impunidade das trevas ao horrendo comércio desse asqueroso vício."

As pegações imperiais não se restringiam à praça pública. Apesar de até 1840 a vida noturna no Rio de Janeiro não se estender além das dez horas, as opções no início da noite eram razoavelmene variadas. Nos arredores do Largo do Rôssio, situado entre as ruas do Piolho (Carioca), dos Ciganos (Constituição), do Cano (Sete de Setembro) e do Caminho Novo do Conde da Cunha (Visconde do Rio Branco), floresciam pequenos rendez-vous onde se podia copular, indistintamente, com homens e mulheres. E para os mais libertinos os deleites grupais não ficavam de fora, chegando-se a reproduzir as mais audaciosas narrativas do Marquês de Sade. Isto sem contarmos os poucos cafés onde os aristocratas flertavam os jovens mancebos, bem nutridos e escolados, de sua classe.

Após a fuga da Família Real para o Brasil e da Abertura dos Portos, o Rio de Janeiro passa por uma mudança infra-estrutural. Com um porto em constante funcionamento, despejando e levando pessoas, as novidades européias começam a circular mais rapidamente, e a cidade entra num confuso processo de urbanização e pré-industrialização. Proliferam-se os Theatros, as Confeitarias, as Casas de Banho, os Bilhares, os grandes Cafés Cantantes como o Alcazar e o Eldorado, que eram verdadeiros pesadelos para as famílias aristocráticas, onde os velhos babosos, os maridos bilontras e a rapaziada bordelenga, que os freqüentavam todas as noites, renteavam as atrizes brejeiras ou os bailarinos esguios, que degelavam os mais idosos e rescaldavam os mais moços. E tudo por módicos patacões de réis, que certamente não empobreceriam as burras de tais convivas.

A caça se estendia pelos becos e ruelas do centro da cidade. Agora além do Largo do Rossio (Atual Praça Tiradentes) e do Campo de Sant'anna, os sequiosos espalhavam-se pelas ruas do Hospício (Buenos Aires), do Ouvidor, Alfândega, do Sabão (Gal. Câmara), São Jorge (Gonçalves Lêdo), do Espírito Santo (Pedro I), do Núncio (extinta Av. Tomé de Souza), dos Latoêiros (Gonçalves Dias), da Misericórdia e Senhor dos Passos além dos Becos do Cotovello (próximo à rua da Misericórdia) e das cancelas (que comunica, ainda hoje, a rua do Ouvidor com a rua do Rosário). Mas o grande contingente ainda deslocava-se para a Travessa 20 de abril (no local da atual rua de mesmo nome), antiga Travessa do Senado, onde nasceu o Barão do Rio Branco, e que devido sua fama recebeu os seguintes codinomes: Beco da Caçoada, Beco da Patacoada, Beco da Pândega e o mais conhecido Beco da Pouca Vergonha. Pelo visto tais locais ainda desfrutam de algum prestígio de outrora.

Em 1842 surgem os primeiros bailes populares, onde a preços baixos a população podia se divertir aos fins de semana e as festas do deus Momo. Com devida autorização do Chefe de Polícia, é criado o Nicola, mais tarde Pavilhão Fluminense, clube que funcionava em um galpão da rua dos Inválidos, com entrada pelo Campo de Sant'anna e que promovia grandes bailes populares que, segundo as crônicas policiais da época, "constituíam-se num antro de libertinagem e pederastia do mais horrendo nível". A fama do Nicola era tão grande que a cidade costumava chamar seus escandalosos bailes de "Os Syphiliticos".

As forças conservadoras e detentoras do Poder em nome da Tradição, da Família e da Propriedade, sentem-se ameaçadas com a crescente "invasão da pederastia" em nossa cidade. Pressionam o Chefe de Polícia, para que tome alguma medida em represália ao "despudorado vício da sodomia". Este concebe uma grande estratégia, já suscitada em tempos atrás. Dá-se então, em 1846, a importação das primeiras meretrizes européias (ilhôas) por meio de um "acto Official". Como se vê, ainda se acreditava que o mal da cidade era falta de mulher.

Paralelo à importação das putas, inicia-se um processo de intimidação, onde vários rapazes de "vida fácil" são presos para averiguações, por serem considerados vagabundos. Desde aquela época a prisão cautelar já era usada arbitrariamente.

A prostituição feminina alastra-se como uma trepadeira, por todos os cantos da cidade. Bordéis são abertos aos montes. Casas do centro são alugadas para o libidinoso comércio. E finalmente a grande desgraça! A cidade é pega por um surto de sífilis, vinda sabe-se lá de onde.

A Santa Casa de Misericórdia e a Polyclínica do Rio de Janeiro encontram-se abarrotadas de casos. O pânico toma conta da cidade. Poucos são os que se arriscam a dar uma trepadinha. A não ser os fogosos rapazes e os descomedidos senhores de vida dúbia, que no flagelo de seus desejos expunham-se ao "mal-de-são-jó", nos arredores do Rossio.

O Desembargador Alexandre Joaquim de Siqueira, então Chefe de Polícia, pressionado novamente pela aristocracia, inicia um trabalho de regulamentação da prostituição feminina. As meretrizes são cadastradas e obrigadas a se apresentarem à Santa Casa da Misericórdia para exames periódicos. O número de rendez-vous nos arredores do Rossio é diminuído, e o Treponema Pallidun, vulgo espiroqueta, é dominado.

As public houses restantes após a limpeza da cidade, tratam de se resguardar de uma nova investida da polícia e passam a funcionar com mais discreção. O Palácio de Crystal, um dos sobreviventes, situado na esquina da rua dos Latoeiros (Gonçalves Dias) e rua do Rosário, apesar da grande pressão, continua recebendo ilustres senhores, acompanhados de jovens rapazes, que utilizando-se dos serviços da famosa hospedaria, por sinal a mais cara da cidade, entregam-se aos condenáveis atos venéreos.

Se resolvêssemos por bem relatar todos os acontecimentos ligados à prostituição masculina no período do Império, necessitaríamos de um alentado volume de tão rica e emocionante que são as experiências dessa época, onde alguns patacões de réis seriam capazes de amenizar o tédio e a solidão imperial. (Antônio Carlos Moreira — Fontes: Arquivo Municipal da Cidade do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional)

O primeiro lançamento da Esquina-Editora

Cinco pessoas, reunidas numa mansão, entregues à mesma tarefa: a busca da sexualidade sem limites. Três homens e duas mulheres empenhados num autêntico vale-tudo sexual. Junte-se a eles em

apresenta

MARQUÊS DE SADE

Escola de Libertinagem

Tradução: Aguinaldo Silva

ESQUINA EDITORA

MARQUÊS DE SADE *Escola de Libertinagem* ESQUINA EDITORA

Homossexualismo, adultério, roubo, assassínio — o Marquês de Sade põe em questão, neste livro, os chamados crimes da natureza humana, analisando-os, ao mesmo tempo, um a um.
Um grupo de homens e mulheres, reunidos num ambiente fechado — uma alcova — ocupam-se em recriar os ritos de amor do ser humano, livrando-os das hipocrisias e dos freios impostos pelas convenções.
Neste ESCOLA DE LIBERTINAGEM temos presente um novo aspecto humano — universal — do sado-masoquismo: o "sadismo moral", inspirador da maioria dos conflitos entre indivíduos e grupos, e grande agente da subordinação ética.

A obra máxima do MARQUÊS DE SADE

Reserve já o seu exemplar pelo reembolso postal. Aproveite o preço especial de lançamento: Cr$ 300,00. Peça à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal, 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro

Vem aí o calendário especial de LAMPIÃO

Nus Masculinos /81

Uma produção de arte erótica com fotos incríveis de Cyntia Martins. Faça agora a sua reserva. Preço especial de lançamento: Cr$ 150,00. Peça pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.

Uma lição de Sade, o libertino

PRIMEIRO DIÁLOGO (**Entrè a Senhora de Saint-Ange e o Cavalheiro de Mirvel**)

Madame de Saint-Ange — Bom dia, meu irmão. Muito bem, o senhor de Dolmancé?

Cavalheiro — Chegará exatamente às quatro horas. Só jantamos às sete. Teremos, como vês, bastante tempo para debater.

Madame de Saint-Ange — Sabes, meu irmão, que até me arrependo da minha curiosidade, e de todos os planos obscenos projetados para hoje. Meu amigo, és na verdade muito indulgente, enquanto eu deveria ser razoável, mas a minha mente se excita e se torna libertina; tudo me permites, e isso só serve para me estragar. Aos vinte e seis anos já deveria ter-me tornado religiosa, e ainda sou a mais livre das mulheres. Não podes fazer idéia, caro amigo, daquilo a que desejaria entregar-me. Imaginava que, dedicando-me às mulheres, me tornaria menos louca; que os desejos, concentrados nas pessoas do mesmo sexo, não mais se desviariam para as do vosso; utópicos projetos, meu amigo; os prazeres de que desejava privar-me acabaram por encher com mais ardor ainda o meu espírito, e constatei que, quando se nasce, como eu, para a libertinagem, torna-se inútil o desejo de se impor limites; depressa eles são ultrapassados pelos ardentes desejos. Enfim, meu caro, sou um animal anfíbio; amo tudo, com tudo me divirto, desejo fazer todos os gêneros. Mas confessa, meu irmão, não será uma total extravagância querer conhecer esse exótico Dolmancé que, em toda a sua vida, de acordo com o que afirmas, nunca possuiu uma mulher como os outros homens, e, pederasta por princípios, não só adora os do seu sexo como não cede ao nosso, senão sob especial cláusula de o presentearmos com os mesmos favores a que habituou os homens?

— Observa, meu irmão, qual longe vai a minha fantasia: quero ser o Ganimedes desse novo Júpiter, quero participar do seu gozo, dos seus brinquedos, quero ser vítima dos seus erros; até agora, sabes bem, apenas a ti me entreguei, por complacência, ou a alguns dos meus servos que, pagos para isso, a tal se prestavam somente por interesse. Agora já não se trata de complacência ou capricho, mas de puro desejo... Destaco, entre as práticas que me escravizam, e as que vão escravizar-me a essa estranha mania, uma diferença inconcebível, e quero conhecê-la. Peço-te que me descrevas esse tal Dolmancé, para que possa imaginá-lo antes que venha; pois sabes que apenas o conheço por havê-lo encontrado há dias, numa casa onde fiquei com ele alguns instantes apenas.

Cavalheiro — Dolmancé, minha irmã, acaba de completar trinta e seis anos. É alto, de muito boa estatura, olhos brilhantes e espirituais, mas algo de dura e levemente maldoso se desenha em seu semblante; possui os mais belos dentes do mundo; e um tanto dengoso nos gestos e na figura, sem dúvida devido à mania de tomar freqüentes ares femininos; é de uma extrema elegância, e possui bela voz, talentos, e sobretudo muita filosofia de espírito.

Madame de Saint-Ange — Espero que não acredite em Deus...

Cavalheiro — Ah, o que dizes? É o mais famoso dos ateus, o mais imoral dos homens... Oh, é verdadeiramente a mais completa e íntegra corrupção, o pior e mais criminoso indivíduo que pode existir no mundo.

Madame de Saint-Ange — Como tudo isso me excita! Esse homem vai enlouquecer-me. E os seus gostos, irmão?

Cavalheiro — Já sabes; as delícias de Sodoma são preferidas tanto como ativo, quanto como passivo; ama apenas os homens nos seus prazeres, e se algumas vezes, não obstante, consente em experimentar mulheres, é apenas com a condição de elas serem tão complacentes a ponto de mudarem de sexo com ele. Falei-lhe de ti, sobre as tuas intenções; aceita e adverte, por seu lado, das cláusulas do contrato. Previno minha irmã que ele recuará sem hesitação, se entenderes dele qualquer outra coisa; "O que aceito fazer com sua irmã é uma brincadeira, uma extravagância com que não nos sujamos senão raramente e com muitas precauções".

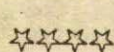
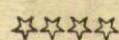
Madame de Saint-Ange — Sujar! Precauções! Gosto imensamente da linguagem desse amável sujo! Entre as mulheres possuímos também essas palavras exclusivas que provam, como as dele, o profundo horror de que nos encontramos penetradas por tudo quanto não diz respeito ao culto admitido... Mas diz-me, meu caro, ele dormiu contigo? Com a tua simpática figura e os teus vinte anos pode-se conquistar tal homem, creio eu!

Cavalheiro — Não vou esconder minhas extravagâncias com ele; tens bastante experiência para que não as censures. Na verdade, prefiro as mulheres, e não me entrego a gostos exóticos, senão quando um homem amável insiste. Então, nada há que eu não faça. Estou longe dessa corrente ridícula que faz crer aos nossos rapazinhos ser preciso responder com bengaladas a semelhantes propostas; é por acaso o homem dono dos seus desejos? É preciso lamentar aqueles que os têm diferentes, mas jamais insultá-los — o seu mal é o da natureza; não são culpados de chegar ao mundo com preferências diversas, como nós não somos de nascer doentes ou sãos. Porventura é desagradável um homem que manifesta o desejo de dormir conosco? Não, sem dúvida; é uma lisonja que nos faz; um homem razoável concordará comigo sobre este fato; mas a terra está cheia de imbecis sem praga que acreditam ser falta de respeito confessar que os achamos bons para nossos prazeres, e que, acostumados às mulheres, sempre ciumentas daquilo que tem o ar de atentar contra os seus direitos, se supõem os Dom Quixotes de tais direitos comuns, brutalizando aqueles que não os aceitam em sua extensão.

Madame de Saint-Ange — Ah!, meu caro, beija-me! Não serias meu irmão se pensasses de outra maneira; mas peço-te mais pormenores sobre o físico desse homem e sobre tuas relações com ele.

(É aqui que o primeiro diálogo de "Escola de Libertinagem" começa a esquentar; daqui por diante, vem chumbo grosso. Mas quem quiser continuar com a leitura terá que comprar o livro. Faça o seu pedido, pelo reembolso postal, à Esquina __ Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. __ Caixa Postal 41031, CEP CEP, 20400, Rio de Janeiro, RJ. "Escola de Libertinagem", do Marquês de Sade, tem 180 páginas, e custa Cr$ 300,00 (preço especial de lançamento)

Receba este rapaz

Está vendo o rapaz da foto? Você poderá recebê-lo em casa, sem a boquinha atrevida que lhe cobre as vergonhas, e num tamanho e-nor-me: **24 por 30 (pra que você tenha uma idéia: é quase do tamanho de uma página do Lampião). E ainda mais: em deslumbrante colorido! Um poster para você pregar na parede do seu banheiro, ou bem diante de sua cama. Basta pedir pelo reembolso postal à Esquina __ Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ). Você será imediatamente atendido. Preço de lançamento: Cr$ 650,00; mande hoje mesmo o seu pedido, que a edição é limitada. Somente serão atendidos os 50 primeiros pedidos.**

Escolha Seu Grupo

"BANDO DE CÁ"/Niterói — Rua Gavião Peixoto, 100 — sobrado — Icaraí, Niterói, RJ — CEP: **24.000.**

"GOLS"/ABC — Grupo Opção À Liberdade Sexual — Caixa Postal, 426, Santo André, SP — CPE: **09.000.**

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE — Centro Luiz Freire, rua 27 de janeiro, Carmo, Olinda, PE — CEP: **53.000.**

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orrís Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, PB — CEP: **58.000.**

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Canha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, PE — CEP: **54.000.**

GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2552, Salvador, Bahia — CEP: **40.000.**

TERCEIRO ATO/BH — Caixa Postal 1720, Belo Horizonte, MG — CEP: **30.000.**

BEIJO LIVRE/Brasília — Caixa Postal 070812, Brasília, DF — CEP: **70.000.**

SOMOS/RJ — Caixa Postal 3356, Rio de Janeiro, RJ — CEP: **20.100.**

AUÊ/RJ — Caixa Postal 25029, Rio de Janeiro, RJ — CEP: **20.000.**

SOMOS/Sorocaba — Caixa Postal 294, Sorocaba, SP — CEP: **18.100.**

LIBERTOS/Guarulhos — Caixa Postal 132, Guarulho, SP — CEP: **07.000.**

GRUPO LÉSBICA-FEMINISTA/SP — Caixa Postal, 293, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

EROS/SP — Caixa Postal 5140, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

SOMOS/SP — Caixa Postal 22196, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP — CEP: **05.019.**

GRUPO OUTRA COISA/SP — Caixa Postal 8906, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

Atenção turmas de Porto Alegre e Goiânia: Quem estiver a fim de formar um grupo nessas bandas, basta entrar em contato com o seguinte pesssoal: **Porto Alegre** — Grupo Feminista "Costela de Adão," Caixa Postal 10.056 — Porto Alegre — RS — CEP: 90.000 e **Goiânia** — Tom, Caixa Postal 10.047 — Goiânia — Goiás — CEP: 74.000. Este pessoal tem mil dicas e informações para passar.

Porto Alegre Urgente! Atenção gueis residentes na área da grande Porto Alegre e que estiverem interessados em participar de um grupo guei de reflexão e encontro, entrem em contato com Paulo C. Bonorino, rua Cel. Marcelino, 41, Canoas, RS — CEP: **92.000.**

A experiência de Dercy chega afinal à TV

No último dia 5 de outubro, as atenções televisivas se desviaram da pasteurizada estética global para assistirem um show de reportagem e de vida (O verdadeiro Show da Vida), no menosprezado canal 7. Acontece que a maravilhosa comediante Dercy Gonçalves foi entrevistada pelo Canal Livre, **dando um banho de vivência e de experiência, no seu melhor e mais "escrachado" estilo.**

Um dos melhores momentos da entrevista ficou a cargo das respostas sobre a Legalização do Aborto. Após perguntarem o que ela achava do fato, Dercy em seu melhor estilo responde que não tem nada que legalizar o aborto. "legalizar o quê, se o corpo é meu?" **E conclui a primeira resposta dizendo que o governo não tem nada que se meter nos problemas e com o corpo da mulher; e apontando pra vagina diz:** "Aqui quem manda sou eu, porra!"

O entrevistador insiste e pergunta se com a legalização a prática não seria menos perigosa. Dercy mais uma vez responde debochadamente, que não precisa de legalização nenhuma e que já tinha feito oito abortos e estava ali inteirinha, pronta pra outra, isso se não fosse a idade.

Mas o que marca esta seqüência da entrevista é quando outro entrevistador indaga se com a legalização o governo não daria mais assistência. e Dercy simplesmente diz: "E o governo dá porra alguma a alguém?"

Dercy com sua coragem e deboche descobre um outro lado da moeda, que talvez as feministas ainda não tenham descoberto: ao invés de se lutar por uma duvidosa legalização do aborto, via processos criados pelo macho, o mais coerente seria brigar para uma completa libertação do corpo, em sua totalidade, pois como elas mesmos dizem "Nossos Corpos Nos Pertencem," e eu apenas concluo: Seja Pro que For. (Antônio Carlos Moreira)

Matador de Felpuda quase estupra menina

Guardem bem este nome: Jairo Teixeira Fagundes, 20 anos, ex-soldado. Foi ele quem matou na noite de 28 de abril, com requintes de perversidade, o homossexual Luiz Luzardo Corrêa, a "Luiza Felpuda", e seu irmão, Luidoro Luzardo Corrêa, doente mental, na casa em que os dois moravam, em Porto Alegre. Na ocasião, o fato de Luiza ser homossexual, e de ceder sua casa para encontros, foi utilizado de tal forma pelo advogado de Jairo e pela imprensa, que a Justiça, considerando-o quase um herói pelo duplo homicídio, decidiu que ele não era um homem perigoso, e por isso não decretou sua prisão preventiva.

Pois bem, Jairo, agora, está sendo acusado de outro crime, talvez mais sério, para a justiça dos homens, que assassinar um homossexual e um doente mental: segundo uma funcionária pública que mora no mesmo prédio em que ele (Rua Doutor Barcelos, 909, bloco b, 3º andar, Porto Alegre), Jairo teria tentado estuprar sua filha de nove anos. Ele nega o crime, e lembra que, ao ser preso pelo duplo homicídio, não negou nada, o que seria um ponto a seu favor ("Eu não mentiria", ele proclama); ora, todo mundo sabe que, da primeira vez, quando foi preso a polícia já tinha provas de que ele tinha sido o criminoso, enquanto que dessa vez, não, é a sua palavra contra a da menina.

A história foi assim: a funcionária pública, notando que sua filha andava perturbada há dois dias, resolveu dar uma prensa na menina, e esta acabou por contar toda a história; ela disse que fora atraída por Jairo para o apartamento, sob a alegação de que sua irmã a estava chamando. Quando ela entrou, ele fechou a porta, escondeu a chave e a levou para o quarto; lá, ele chegou a lhe tirar a calcinha e, dizendo para ela não gritar, já se preparava para violentá-la, quando alguém tocou a campainha. Jairo disse à menina para se esconder debaixo da cama e foi atender, mas ela não o obedeceu; aproveitou a ocasião e tratou de fugir.

Os policiais da 6ª delegacia, em Porto Alegre, onde a mãe da menina deu queixa, anunciaram que estavam "investigando o fato"; dessa vez, no entanto, é bom que eles não se mostrem tão cuidadosos; que Jairo não hesita em agredir pessoas indefesas é evidente — afinal, ele empalou Luidoso, o irmão de Felpuda, cuja idade mental, aliás, era de dez anos (**Jota Roberto**)

Finalmente: a UNE já pensa no prazer

43 anos após sua criação, pode-se dizer que o 32º Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes — UNE, realizado na 2ª quinzena de outubro, foi o mais lúcido, libertário e bem humorado Congresso de toda sua história. Desta vez, o costumeiro enrudecimento provocado pela ferrenha militância político-partidária deu lugar aos quesitos do corpo e da mente, tornando os debates numa autêntica festa colorida, descontraída e com muito realce.

Cerca de 6 mil estudantes locomoveram-se para Piracicaba, cidade próxima à grande São Paulo, onde representaram durante três dias cerca de 1,4 milhões de universitários. Na entrada da cidade, a grande recepção. Uma enorme pichação dava boas-vindas aos herdeiros de Marx, em uma curta e muito significativa frase: "**Welcome To The Land Of Marijuana**". E realmente, maconha foi o que não faltou, fazendo a cabeça de todos os sutaques possíveis e imagináveis, neste atrasado "**début**" do Movimento Estudantil.

A descontração reinou nos mais recônditos lugares de Piracicaba. E pasmem! O bicharel estudantil não deixou por menos, e rodando sua baiana, aplicou na prática sua mais consciente estratégia revolucionária: A pegação. Homéricas orgias foram desencadeadas pelos grupos de debochados e rebolativos rapazes, capazes de envergonharem os sisudos e assexuados senhores das fileiras revolucionárias (reformistas ou não). Tudo regado a mais fina **Cachaça UNE**, cerca de três mil litros, fervorosamente cedida por um dono de alambiques da região.

Dois grupos universitários de homossexuais, vindos de goiânia e Santa Catarina, invadiram a plenária portando vários cartazes de "**Viva o prazer**" e "**Pelo Orgasmo Amplo, Geral e Irrestrito**", iniciando uma contundente campanha pela liberação do corpo (ali mesmo) e contra a discriminação aos homossexuais no ME. O fato chegou a enrubescer o gostoso Rui César, presidente da UNE, que meio confuso, já não sabia que partido tomar.

De certo o 32º Congresso da UNE marca uma grande virada no Movimento Estudantil, que passa a discutir com mais ênfase a questão do corpo e do prazer, sem destacar obviamente questões como o Ensino Público e Gratuito Para Todos e a duvidosa Constituinte. De Salvador pra cá muita coisa mudou. A reciclagem é inevitável, Gabeira que o diga. Só espero que as coisas não se embananem ao ponto de termos nossos aliados meninos, bradando desconexas palavras de ordem, tal como: "**O Coito Anal Derruba o Capital.**" (**Antônio Carlos Moreira**)

"Pixote", um casamento que deu certo

O competente diretor Hector Babenco (**O Rei da Noite; Lúcio Flávio**) e o excelente roteirista do nosso cinema Jorge Duran (**Lúcio Flávio; Gaijin**, entre muitos outros) nos dão o seu último trabalho, **Pixote**, não só a obra-prima desse feliz casamento profissional (diretor-**roteirista**), como um dos mais comoventes e maduros dentro do paupérrimo panorama cultural brasileiro. Se em **Lúcio Flávio — O Passageiro da Agonia**, apesar de realizado antes do período da "abertura", resquícios moralistas e até comprometedores, como os letreiros finais onde o diretor afirma que todos os membros do Esquadrão da Morte foram levados para a cadeia, tiram toda a entusiasmante e corajosa atitude de denúncia, neste **Pixote** é com verdade e amor que ele trata todos os seus personagens adoráveis e retrata crua e distanciadamente os verdadeiros bandidos desse sistema falido e escroto em que sobrevivemos.

O filme trata do problema do menor abandonado, as instituições (Febem e polícia) envolvidas com o tema, e abrange outros setores marginalizados da sociedade, como o negro, a mulher e o homossexual. E sem nenhum deslize (que tensão!) que atire (como espectador envolvido com esse tema) balas de moralismo fatais contra nós. Ao contrário, Babenco e Duran falam do problema social com uma linguagem que humaniza através de seus personagens apaixonantes (o Pixote, o menino negro, a prostituta Suely vivida magistralmente por Marília Pera, e o menor homossexual Lilica) toda a problemática abordada. A cena do assassinato do menino negro, que morre vítima de policiais nos braços do amante Lilica, é um dos pontos altos do filme — e a grandeza com que a apresenta deixa perplexa a platéia da classe média que enche o cinema. Faz uma autópsia no sistema gerador do problema, com bisturis de precisão, que devolvem o sangue de suas vítimas, manchando a cara dos culpados, sem no entanto escorregarem na adjetivação fácil dos "coitadinhos" marginalizados — como escorrega a peça "Blue-Jeans", faca de dois gumes montada sob o travestimento de denúncia social.

Utilizando-se de atores não-profissionais (os meninos são favelados de São Paulo) e de competentes profissionais conhecidos de todos nós, Babenco tece a unidade de interpretação de seu elenco magnificamente, com uma **mis-en-scéne** marcadamente neo-realista mas que em nenhum momento beira a pieguice ou a facilidade. A crítica oficial (**Veja, Isto é**, etc.) como sempre colonizada, à procura de defeitos estruturais sem maior dimensão, comporta-se "bandeirosamente", dividindo o filme em duas partes (sic), a primeira quando os menores vivem no reformatório institucional, e a segunda, fora dele, quando organiza-se em núcleo de fugitivos que se transforma numa **gang** chefiada pelo menino negro, seu amante homossexual, o Pixotinho, e — mais tarde — a prostituta Suely, deixando transparecer (a crítica) talvez num nível inconsciente, que prefere vê-los no reformatório do que fora dele.

Outro ponto alto do filme de Babenco é a seqüência no Arpoador (Rio) onde um mar coalhado pelos louros filhos da burguesia em suas pranchas caríssimas serve de pano de fundo para o diálogo dos três meninos. O negro faz planos pro futuro, o Pixote diz que um dia vai ser um homem que "não precisa mais ser perseguido", e Lilica, o homossexual, num momento de extrema beleza e realismo afirma: "Comigo não, Pixote. Comigo eles vão sempre estar perseguindo. Mesmo que eu deixe de ser bandido". Os dois riem. Pixote, espontaneamente, encosta a cabecinha no ombro de Lilica, amorosos, num momento de felicidade, grandeza, solidários. Uma bicha e um menino de 10 anos. Dois seres humanos. Dois Homens. Do tamanho da dignidade que faltava ao cinema brasileiro. (**Luiz Carlos Lacerda**)

ENTREVISTA

Um juiz pelas minorias

Álvaro Mayrink fala de racismo, homossexuais, mulher submissa, maconha, vadiagem, etc.

No dia 14 de agosto, na 7ª Vara Criminal do Rio, o Juiz Álvaro Mayrink da Costa decidiu, no exame de um processo, que Luiz Alberto Pessanha, 18 anos, preso na Tijuca com uma trouxinha de maconha que acabara de comprar, não cometera nenhum crime. Para muita gente empenhada na descriminalização do uso da maconha, esta foi uma decisão histórica. Talvez, já que ela veio abrir mais uma frente nesses tempos de abertura; mas não inédita: antes de aprovada a ambígua Lei Antitóxicos, em 1976, já havia jurisprudência firmada no Supremo Tribunal Federal, no sentido de que se absolvesse aqueles que fossem apanhados portando pouca quantidade de maconha.

Antes desta decisão, o Juiz Mayrink já era nosso conhecido: foi ele, também, quem indiciou os policiais envolvidos no chamado "caso Aézio", e foi ele o primeiro juiz a se proncunciar contra a aprovação da prisão cautelar __ uma bandeira que Lampião **levantou, como ele, sem provocar maiores emoções nos chamados "setores liberais" da classe média, sobre os quais esse tipo de prisão não se abaterá; afinal de contas, só pobre é preso "sob suspeita" ou "para averiguações".**

Foi por causa de suas posições quanto à descriminalização do uso da maconha e a prisão cautelar que o procuramos para uma entrevista. Eu, Francisco Bittencourt, João Carlos Rodrigues, Leila Miccolis, Antônio Carlos Moreira e Cyntia Martins. Após uma conversa de duas horas, concluímos que o juiz titular da 7ª Vara Criminal, dr. Álvaro Mayrink da Costa, não é apenas, como ele diz, um juiz que tenta interpretar a lei à luz da realidade social do tempo em que vive; mais do que isso, ele é um homem que toma posição ao lado dos oprimidos.

Umberto Eco disse há alguns meses que se há uma luta verdadeiramente importante a ser travada neste final de século, ela é a de libertação das minorias: negros, homossexuais, mulheres submetidas a tabus como o da virgindade e o do casamento, usuários da maconha — que, afinal, não podem ser mais perseguidos que os adeptos do álcool ou do fumo. Entende-se por "minorias" todos aqueles a quem o sistema oprime em suas individualidades. E o Juiz Mayrink, vocês vão verificar nessa entrevista, está ao lado de todos eles.

A entrevista, claro, foi num tom muito sério e respeitoso. Afinal, tratava-se de um juiz. Mas com um detalhe: depois que nós saímos do seu gabinete, fizemos uma enquete entre os que participaram dela, e os homens e mulheres presentes foram unânimes: sua excelência que nos perdoe a ousadia, mas, além de ser um dos homens mais lúcidos que já entrevistamos, ele é, também, um gatão. (Aguinaldo Silva)

Aguinaldo — **O senhor foi o primeiro juiz a tomar uma posição firme contra a possível adoção da prisão cautelar. Quer repetir pra gente sua posição quanto a este assunto?**

Mayrink — Primeiro, prisão cautelar é um termo impróprio; o nome que era usado — e lamentavelmente ainda é — era "prisão para averiguações". A minha posição em relação a este assunto é de um mero leitor da Constituição brasileira: ela estabelece que um cidadão só pode ser preso em flagrante delito, ou através de mandado judicial concernente a um decreto de prisão preventiva. Uma prisão que não obedeça a um desses dois casos obviamente descumpre a Constituição no capítulo dos direitos e das garantias do cidadão. A geração brasileira de 1964 em diante passou a não ter contatos com a Constituição, e determinados institutos de garantias do cidadão, que são muito antigos, foram esquecidos. Mas no momento exato em que se iniciou um processo de redemocratização no Brasil, no momento exato em que o desaparecimento do AI-5 libertou o Poder Judiciário, os indivíduos, obviamente, foram se reeencontrando com seus direitos e suas garantias individuais.

— Como o uso do cachimbo faz a boca torta, a massa repressora, o sistema repressor não se conformou em perder aquela parcela de prepotência adquirida naqueles anos de arbítrio. Então o que nós fizemos foi apenas chamar a atenção de todos os brasileiros para os seus direitos. Hoje nós vivemos num estado de direito; portanto, uma pessoa só pode perder a sua liberdade em flagrante delito de crime não afiançável, ou através de um decreto de prisão preventiva ditado por um juiz, num processo regular; decreto que deve ser bem fundamentado e, claro, objeto de revisão pelas instâncias superiores.

Aguinaldo — **Mas mesmo que não saia a prisão cautelar...**

Mayrink — Eu acredito que não.

Aguinaldo — **...Mesmo assim, as pessoas continuam sendo presas sob suspeita. Quer dizer, aqueles cujos padrões de comportamento são considerados incomuns — até mesmo porque são pobres ou mal vestidas — vivem sob permantente ameaça de prisão; basta que haja uma** "blitz", **e...**

Mayrink — Mas estas prisões "por suspeita" são arbitrárias, ilegais, e constituem abuso de autoridade; então, toda pessoa que for presa por "suspeita", ou "para averiguações", deve imediatamente procurar um juiz, através de um advogado ou de um defensor público, e comunicar o fato. Porque quem o deteve ilegalmente será objeto de processo regular. O importante é que as pessoas se conscientizem de que podem — e devem — reclamar seus direitos em ocasiões como estas. No dia em que todos se conscientizarem desses direitos, não haverá tantos abusos. O problema é que as pessoas ou ainda vivem **ad terrorem**, ou — pelo seu nível cultural, pela discriminação social — ainda não chegaram a este nível de conscientização dos seus direitos.

Aguinaldo — **O problema é que estas pessoas presas "sob suspeita" muitas vezes enquadradas por 'vadiagem" ou "desacato à autoridade"; processos desse tipo são muitos comuns; como é que a Justiça costuma ver estes casos?**

Mayrink — Quanto à vadiagem, não é minha matéria de julgar, porque se trata de uma contravenção. Mas eu acho que ela já devia estar descriminalizada há muito tempo, porque o Código é de 1940, e o conceito de "vadio", hoje, é completamente diferente. Hoje em dia se o homem não tem emprego — embora tenha capacidade de trabalho — não é porque ele não quer; é porque em termos de mercado de trabalho se envelhece muito cedo: aos 30 anos ele já tem uma dificuldade muito grande em conseguir trabalho, se não possui uma especialização. Então, o Estado não pode puni-lo se, ao mesmo tempo, não lhe garante o emprego; se, por causa do seu modelo econômico, não dá condições de emprego a um número cada vez maior de pessoas. Esse conceito de "vadiagem", portanto, está completamente superado, e os juízes do meu tempo, da minha época, não podem levá-lo em conta.

Aguinaldo — **Mas nestes processos por "vadiagem" as pessoas não estão sendo punidas porque não trabalham, e sim, por outras razões. A gente sabe que a maioria destes processos são contra negros e homossexuais; isso revela um outro tipo de problema que acaba batendo às portas da lei: o preconceito. O Senhor concorda com isso?**

Mayrink — Eu concordo que, num processo histórico, as minorias sempre sofreram grande repressão, em razão de padrões éticos estáticos. Mas à medida que uma sociedade vai se adiantando em seu processo cultural, essses padrões também evoluem; uma sociedade num estágio adiantado de cultura respeita a pessoa humana; e isto só é possível quando se aceita cada pessoa como ela é. Eu acho que cada um tem o direito de ser como é; tem a liberdade de dispor de si próprio como achar melhor, desde que esta liberdade não resulte num constrangimento da coletividade geral. No caso dos negros, por exemplo, o que é preciso é respeitar suas tradições, seus costumes. O preconceito racial se torna ainda mais mostruoso no Brasil, um país que tem uma etnia própria, que criou uma raça miscigenada. Por isso eu acredito que, quanto à questão do preconceito, por causa dos movimentos de conscientização que vêm surgindo e ganhando força, nós estamos caminhando para uma posição inteiramente nova, aí pela virada do século. Da mesma forma quanto aos homossexuais.

Antônio Carlos — **Eu queria que o senhor explicasse melhor essa questão do "constrangimento"; há alguns meses atrás, o delegado Richetti prendeu centenas de pessoas em São Paulo, em** "blitz" **diárias; o objetivo dessas** "blitzen" **eram prostitutas e homossexuais que, segundo ele, "constrangiam as famílias".**

Mayrink — Constranger, para mim, significa o seguinte: nas sociedades cosmopolitas, nos grandes centros urbanos, a expressão "constranger" desaparece, porque os padrões são ecléticos, os valores culturais são ecléticos. Agora nas sociedades rurais, nos pequenos povoados, onde os costumes são mais arraigados, nós somos obrigados a respeitar as tradições destes grupos. Em outras palavras: numa sociedade pequena onde ainda existem valores culturais muito arraigados, a virgindade, é um tabu, falar dele pode ser até uma ofensa; já numa sociedade mais evoluída culturalmente, ao contrário, a virgindade é até um elemento constrangedor da mulher, uma limitação da sua liberdade sexual, porque só serve para colocá-la numa condição de inferioridade, já que, por sua causa, ela fica sem condições de usufruir da liberdade sexual à qual tem direito tanto quanto o homem. Assim, quando eu falo em **constranger**, estou me referindo às comunidades de costumes mais arraigados; em cidades como São Paulo, Rio, etc., esse tipo de constrangimento desaparece, já que são comunidades ecléticas, de padrões universais, onde ninguém pode se "constranger" diante da realidade da vida.

Francisco — **Mas o senhor acha, pessoalmente, que os travestis constrangem a sociedade brasileira?**

Mayrink — De forma alguma! Muito ao contrário. Eu, inclusive, vou assistir ao Berro do Paulistinha, ao desfile de travestis da sexta-feira de carnaval; outro dia fui ver uma peça de teatro que até recomendo, porque acho excepcional: **Gay Girls**, ali no Teatro Alaska, com a Nélia Paula. Eu acho que o travestismo pertence à arte de um povo, à cultura de um povo, está dentro do contexto cultural dos povos civilizados. É uma coisa que existe em todo lugar — nos Estados Unidos, na Europa! Por quê então só nós, em relação aos travestis, ainda seremos tupiniquins? Eu tenho muito respeito pelas pessoas e as admito como elas são.

Francisco — **Mas o delegado Richetti não pensa assim..**

Mayrink — Isso é problema cultural...

Aguinaldo — **O senhor então, se tivesse de julgar um travesti por qualquer motivo, nunca levaria em conta essa história de "constrangimento"...**

Mayrink — Não, absolutamente. Inclusive eu tenho um caso aqui recente em que, no cinema Iris, dois rapazes, dois homossexuais, tiveram um encontro com outra pessoa, e depois, como não houve o pagamento acertado, o indivíduo chamou a polícia para dar um flagrante, como se os dois o tivessem assaltado. Aqui em Juízo nós tivemos o cuidado de observar que, na verdade, não tinha ocorrido um assalto, mas sim, uma denunciação caluniosa; quer dizer, por não ter pago o preço estipulado para a relação, e porque os dois haviam exigido seu relógio como garantia da dívida, ele, para não ter que pagar o prometido, recorreu à polícia. Isso é pra que vocês vejam como a gente tem uma abertura muito grande aqui, pra discutirmos todos esses aspectos, e buscarmos onde está a realidade, mesmo dentro de um submundo como este, de paga de mais cinco, menos dez cruzeiros, dentro de uma realidade social. Eu acho que o juiz de hoje vive uma realidade social; ele não pode ter os olhos fechados à realidade.

Leila — **Na Faculdade a gente sempre aprende que uma das funções do juiz é interpretar a lei dentro da realidade social e dentro dos conceitos que mudam no espaço e no tempo; eu lhe pergunto, será que o senhor está interpretando, enquanto a maioria dos juízes apenas julga e enquadra o caso à espécie? Quer dizer, o senhor estaria tentando situar cada caso que cai em suas mãos dentro da realidade social?**

Mayrink — Bem, acima de tudo eu sou um professor de direito. Eu defendi uma teoria finalista, mas, dentro do finalismo, eu defendo a teoria social do crime. E, portanto, entendo que para a sua existência é necessário a relevância social. Como antes de ingressar na magistratura eu tive outras vivências — fui diretor do sistema penal, fundei o anexo psiquiátrico para mulheres delinqüentes neste sistema, fundei um instituto de classificação para delinqüentes, criei a primeira creche penitenciária do Brasil —, como também vim da experiência jornalística e advoguei dentro da área criminal — tive, portanto, o que chamaríamos de "academia do asfalto". E para mim o juiz de hoje não é o juiz modelado por Montesquieu, quer dizer, a boca que diz a lei; o juiz é um ser que vive no meio social, como os demais, recebendo todas as influências do próprio modelo, e que evidentemente, ao interpretar a lei, tem que interpretar essa lei a nível dos seus jurisdicionados. Portanto, o juiz, hoje, não julga as folhas de um processo; não é um robô, porque então seria mais simples acabar com a Justiça e contratar a IBM — se economizaria até muito dinheiro; mas na realidade, nós julgamos pessoas; cada fato é um processo, e cada processo é uma pessoa diferente; não é possível nivelar todas elas.

João Carlos — **Existem muitos processos de presos mortos na cadeia, alguns por policais, outros por companheiros de prisão. O Estado é responsável pela integridade dos prisioneiros sob sua guarda? Nestes casos — ou nos de invalidez de presos — ele deve pagar indenizações às famílias?**

Mayrink — O Estado é responsável por aqueles cuja custódia ele detém. Agora não podemos nos esquecer que muitas mortes ocorridas dentro do sistema penitenciário são verdadeiros suicídios. (**Surpresa geral**) São indivíduos que buscam o suicídio.

Francisco — **Buscam ou são levados a ele?**

Mayrink — Não; eles desafiam o sistema, dentro da unidade penitenciária, buscando a própria morte; é aquele velho conceito do herói; quando ele sai daquela trincheira, dentro daquele fogo cerrado, na verdade, ainda que inconscientemente, está buscando uma bala que o mate.

João Carlos — **Mas no caso específico que eu estou falando...**

Mayrink — Neste caso específico, a resposta é esta: o Estado responde pela vida de todos aqueles que estão sob sua custódia.

João Carlos — **É um problema de interpretação? Quer dizer, o senhor pensa assim, mas outro juiz poderia achar o contrário?**

Mayrink - Não; aí, evidentemente, seria uma interpretação, porque a toda lei pode se dar uma série de interpretações. Minha interpretação é esta: quem assume a custódia de uma pessoa responde por ela.

Leila — **O senhor diz que é necessária a conscientização do povo para os seus direitos. Mas como o direito, por todas estas razões que já se expôs, está muito afastado do povo, o senhor teria alguma sugestão a fazer no sentido de aproximar mais o povo dos seus direitos?**

Mayrink — Eu acho que o povo pode conhecer seus direitos através do processo democrático, na formação dos partidos políticos. No momento exato em que passa a pertencer a um partido político, deve-se usar este partido como um veículo de conscientização, e ao mesmo tempo de aglutinação, para reivindicar direitos. Dentro do processo político e democrático, e através dos veículos de comunicação de massa, nós poderíamos levar ao povo, pelo menos, um mínimo de conhecimentos daquilo que são os seus direitos; o que está no artigo 153 da Constituição brasileira. Acho que toda criança aí pelos seus sete anos, na escola primária, devia ganhar um presente: um exemplar da Constituição...

Leila — **E a Consolidação das Leis do Trabalho também...**

Mayrink — ... É. Porque andando com a Constituição o indivíduo, desde os sete anos de idade, já começava a se conscientizar de que é um ser que tem direitos.

João Carlos — **O ensino da Moral e Cívica devia ser isso...**

Mayrink — Exato.

Leila — **O que é que o senhor acha da proibição da música de Baby Consuelo e Pepeu, pedida pelo Curador de Menores, Carlos Melo, por causa do jogo existente na letra em torno da palavra "baseado"?**

Mayrink — Eu tenho que me excusar de responder à sua pergunta, por causa da lei de organização judiciária; a matéria está sob a jurisdição de outro colega, e aquela lei me proíbe, pelo inciso 3º do artigo 38, que eu me manifeste a respeito; eu gostaria de fazê-lo, sim; mas não posso.

João Carlos — **talvez a gente possa falar de uma coisa parecida:** Lampião **foi o primeiro jornal a levantar a tese da descriminalização do uso da maconha. Por outro lado, o senhor tem se destacado, recentemente, como um juiz de posições muito liberais sobre o assunto. Isso é uma atitude recente, ou o senhor sempre agiu assim e apenas nunca tinha sido divulgado pela imprensa?**

Mayrink — De algum tempo para cá, desde a reforma da legislação sobre tóxicos, que é de 1976, passei a observar o grande número de jovens — acho que chegam a 90%, nos processos cujos réus têm entre 18 e 23 anos de idade — enquadrados nos artigos 12 e 16 da Lei de Tóxicos, geralmente por ser portadores de ínfimas quantidades de maconha. Uma outra coisa: eu vivo no meio universitário, participo do meio universitário, sou professor titular de uma universidade; e nesse meio também passei a notar algumas mudanças de valores; então, a partir do instante em que eu estou na praia, de manhã, e vejo, ao meu redor, que várias pessoas estão fumando maconha à vontade — e não posso sair para prender ninguém —, seria hipocrisia que à tarde, em meu gabinete, condenasse pessoas de outro nível social, porque, fazendo a mesma coisa em seus ambientes — quer dizer, fumando maconha —, foram presas pela polícia.

— Daí, eu comecei a ver até onde nós estamos sendo instrumentos de uma hipocrisia, até onde nós precisamos nos conscientizar de outros valores. Sim, porque cada geração tem o seu valor, tem a sua verdade; o mundo não é aquele que gostaríamos que fosse; ele é o que é; e nós, evidentemente, precisamos ter a consciência de vivermos a época. Então, os padrões sociais, os valores culturais, se modificaram; a minha geração recebia dos seus pais conceitos já prontos, sem discutir; mas a geração de hoje não recebe nada sem discutir; ela paga pra ver; quer dizer, ela discute, pra saber até onde aquilo é válido, é verdadeiro. Veja você o dogma de fé da virgindade; no momento em que o dogma da virgindade desapareceu, ao invés de a mulher ser depreciada, pelo contrário, ela se afirmou melhor dentro da sociedade. A mesma coisa aconteceu com o casamento: a Lei do Divórcio não destruiu, como se dizia, a família brasileira; muito ao contrário, com ela a família brasileira mais se solidificou; e aqueles que pensavam que iam enriquecer com suas bancas de advocacia, ou com seus cartórios, com o grande número de divórcios que iria avassalar o território nacional, pediram falência.

— Esses tabus todos estão sendo derrubados. Também o tabu da homossexualidade, por exemplo; há alguns anos atrás, o homossexual era achincalhado, menosprezado, expurgado da sociedade; hoje, no entanto — pelo menos nos setores mais conscientizados da sociedade —, ele é apenas um companheiro, um partícipe; cada um tem o direito de ter suas preferências pessoais; não é porque fulano é homossexual ou deixa de sê-lo que vai perder seu **status** de cidadão. Portanto, todos esses tabus, todas essas limitações que a sociedade impõe em determinadas épocas — eu as chamaria de estigmatizações —, essas rotulagens foram questionadas pela juventude contemporânea. E eu vejo nessa juventude uma grande bandeira de afirmação, porque ela não é hipócrita, enquanto a minha juventude foi hipócrita, e a juventude dos meus avós foi mais hipócrita ainda. Essa juventude de hoje paga pra ver, põe as coisas sobre a mesa e discute, e a partir daí é possível ver quantas coisas mentirosas ouviram quando crianças.

Leila — **De qualquer maneira a lei sempre condenou o traficante, não é isso?** (Aguinaldo e João Carlos protestam juntos: "a lei pune o porte e o uso de drogas, além do tráfico; e seus agentes, os policiais, têm uma estranha preferência: prendem mais por porte e uso que por tráfico.")

Mayrink — Além disso ela pune também a divulgação. Eu quero deixar bem claro o seguinte: sou a favor da repressão total ao traficante de drogas pesadas; sou a favor da descriminalização total, em termos de quaisquer drogas, em relação aos usuários; estes não devem ser da alçada da polícia, mas sim, auxiliados através da educação e do tratamento psicológico e psiquiátrico.

João Carlos — **Mas a atual lei prevê punição não apenas para quem vende e usa, como também para quem "faz propaganda" das drogas; como conciliar então essa lei com uma campanha visando à descriminalização do uso de drogas?**

Dando bandeira

A primeira vez na vida que eu vi um baseado foi em 1965, ano do IV Centenário do Rio de Janeiro e um ano depois da malfadada revolução militar. Eu tinha 16 anos e, talvez por uma recaída moralista, recusei polidamente. Um dos meus amigos insistiu, mas outro me disse uma frase que nunca mais esqueci: "Deixa ele. Se o baseado tiver de pintar na vida dele, vai pintar na hora certa".

A hora certa foi poucas semanas depois e a maconha nunca mais me largou. Nesses quinze anos, conheci outras variedades em outros países. A legendária **Acapulco Gold** mexicana é mais fraca que nossa popular **Manga Rosa**; a diamba de Angola parece a verdinha do Maranhão, onde aliás atende pelo mesmo nome africano. Acho meio devagar. Prefiro a paraguaia, marrom escuro e prensada, com cheiro de amoníaco que uns dizem ser mijo de burro, outros afirmam ser dos próprios plantadores. É pra conservar. Essa já foi muito comum aqui no Rio, hoje é rara. Só tem o defeito que dá sono... As melhores mesmo que conheci foram estas, a colombiana e a da Jamaica.

O bom fumo deve soltar a sua mente e relaxar seus músculos, mas sem dar fome em excesso nem bodear, ou seja, dar sono. Deve vir em "camarões" (flores secas da planta fêmea), sem muita semente. Não deve ser nem muito verde, nem muito seco. Macio.

Agradeço a esta planta muitos bons momentos, e além de tudo a chance de ter realmente mandado a timidez pra cucuia, em todos os sentidos. Houve uma época que todo mundo no Rio entre quinze e trinta anos vendia maconha. Foi no tempo do presidente Médici, aquela pindaíba e coisa e tal. Pelo visto esta época vai voltar... Naquele tempo, ela era barata e de fácil acesso. Hoje, é cara e de má qualidade.

Em 1972, desci no aeroporto de Nova Iorque com uma preta velha de umbanda de gesso recheada de **canabis.** Acreditem ou não, passei incólume pela Alfândega e pela Imigração. Paguei a viagem.

Nos Estados Unidos fuma-se bem mais abertamente, mas a qualidade é bem inferior. O que nós aqui chamaríamos pejorativamente de "palha". A percentagem dos usuários no total da população me parece a mesma. Já na Europa, o que se encontra pra vender é o haxixe, uma massa concentrada tirada da maconha. É bem mais forte e mais caro, mas em grande quantidade dá sono...e sonhos. Existe haxixe de várias cores e consistências, do mole amarelado do Marrocos ao duro e preto do Afeganistão, considerado o melhor do mundo. Até hoje tem quem ache que o Brejnev mandou invadir este último país apenas para assegurar os carregamentos, ah ah ah ah! O único país europeu onde se consome, ou consumia maconha como fumamos aqui na América é Portugal. Vem de Angola e é boa, mas sem exageros...

Com o tempo experimentei também outros euforiantes, alguns considerados drogas pesadas. Codeína em Chinatown em San Francisco: dormência, falta de apetite, luzes distantes e vômitos. Ópio com o Living Theather em Brookylin, Nova Iorque, à beira de um colapso nervoso depois de ser testemunha de um assassinato. Me fez um bem que vocês nem imaginam. **Angel dust**, mistura não identificada, vendo a peça **Ana Lucasta** por um grupo amador no Harlem, depois de flutuar no Metrô como uma gueixa maluca. Mescalina numa reserva nudista hippie em Cloverdale, norte de San Francisco: piscinas quentes naturais e reflexos azulados nos corpos seminus dos **Hell's Angels**, estes sórdidos centauros de motocicleta. Peiote na reserva dos índios Navajo no Arizona — desenhos indígenas de areia colorida tamanho natural no por-do-sol do deserto. Tremendo visual. Cocaína no morro de São Carlos no Rio entre o malandro Sargento Alípio e o ex-policial Lincoln Monteiro. Cocaína no Greenwich Village em Nova Iorque numa festa com modelos, cineastas e cantores de rock. Tremendo barato e três noites sem dormir. Viagem trepidante como uma crônica policial. Cogumelo **Anamita Muscaria** congelado no Harlem espanhol e cogumelo **Psilocybe** ao natural em Japuíba na estrada Niterói-Friburgo. Cachoeiras humanas pela rua e cachoeiras d'água no meio das florestas. Vi um Oxossi que era eu mesmo vestido de índio, filmei com Super-8 e só apareceu pedra e água: coisas da vida. Sem falar nas diversas espécies de LSD, maravilhosas em 1969, falsificações grosseiras em 1974. Arrombar as portas da percepção. Ser menor que um grão de areia e no momento seguinte do tamanho do Cristo Redentor. Fora os visuais de botar impressionista envergonhado.

Os leitores malamados devem estar pensando agora mesmo: viu como a maconha induz **mesmo** às drogas pesadas? Que bobagem... Só tive acesso a essas outras porque como a maconha era proibida, todas as proibições se uniam no gueto. Se fosse descriminalizada, compraria numa loja, é ou não é? Experimentei de tudo um pouco e não me viciei em nada. Todas de um modo ou de outro enriqueceram minha percepção, minha imaginação, minha inteligência, minha sensibilidade estética. Sem elas eu seria outro, e aqui pra nós, bem pior.

A maconha é outra coisa. É pra todo dia. Acalma. Dá bom humor. Rejuvenesce. Não é droga nem vício. Antes um café da manhã. (**Joãozinho d'Aníbal,** direto da Ilha Samoa)

Mayrink — A lei fala é na apologia de crime.

João Carlos — **Sim, mas então, defender o uso já seria um crime...**

Mayrink — Mas isso é uma questão de interpretação que não é compatível com a nossa cultura. Apologia de crime significa nós endeusarmos a prática de um crime. Nós estamos é discutindo, a nível científico e a nível cultural, se determinado fato, em razão de evoluções histórico-culturais, deverá continuar ou não a ser crime.

João Carlos — **Mas se amanhã ou depois surgir por aqui, como aconteceu nos Estados Unidos, um comitê para lutar pela alteração da lei, ele poderia ser enquadrado na própria lei?**

Mayrink — Eu creio que não; esse comitê estaria apenas reclamando uma modificação na lei, e não propagando o uso de drogas, com o objetivo de lucro, ou de venda. Se esse comitê fizesse propaganda da cocaína, por exemplo, como as multinacionais fazem do cigarro e do álcool...

Francisco — **Que são igualmente nocivos...**

Mayrink — Aí sim, ele estaria cometendo um crime.

Antônio Carlos — **Tomou posse hoje (dia 22-10) no Palácio do Catete uma Comissão de Repressão e Prevenção aos Tóxicos; ela pretende fazer um trabalho de educação nas escolas, e criar um serviço de tratamento de viciados...**

Mayrink — Se este serviço estiver a cargo dos organismos estaduais e federais de saúde, eu concordo inteiramente.

Antônio Carlos — **Como é que o senhor vê o trabalho dessa comissão?**

Mayrink — Se esta comissão for às escolas, às universidades, e se entregar ao debate com os jovens, não creio que ela tenha condições de impor idéias ou soluções contrárias aos interesses da juventude.

Aguinaldo — **Mas o senhor acha que esta comissão vai realmente ouvir os jovens?**

Mayrink — Olha, eu fiz uma conferência na PUC, e compareceram mais de 600 jovens; todos interessados em debater, em discutir; é inteiramente impossível para esta comissão, ir às universidades, às escolas, e se manter alheia à ânsia de participação desses jovens.

Aguinaldo — **O senhor pensa, então, que chegou a hora de reformular a Lei dos Tóxicos?**

Mayrink — Sim. Entre outras coisas porque a lei atual é elitista, a partir do momento em que estabelece uma fiança para os usuários, deixando, assim, ao desabrigo aqueles que não têm condições de pagá-la. Claro que essa reformulação causará protestos de alguns setores mais conservadores. Eu, por exemplo, logo após a minha decisão absolvendo um usuário de maconha, recebi carta de um pai, na qual ele reclamava porque, graças a essa minha atitude, tudo o que ele ensinara aos filhos sobre a erva fora desmentido. Aí eu percebi que ele não estava nem um pouco preocupado com o destino do filho, mas sim, com o desmentido às suas palavras, ou seja, com a detenção do prestígio do pátrio poder... Essa reforma da lei é uma coisa que vai acontecer senão a curto, pelo menos a médio prazo.

Leila — **Mas enquanto isso não acontecer, como conciliar essa posição mais contemporânea da Justiça com a aplicação da lei?**

Mayrink — Através do caminho da hipocrisia: arquivando processos sem maiores explicações, ou pela tese do conflito entre os depoimentos, ou concluindo que a matéria não está suficientemente provada. São os clássicos caminhos da hipocrisia usados pela justiça, em todo o mundo, quando os juízes, por sua consciência cívica, se recusam a condenar pessoas enquadradas em determinado tipo de Lei.

Aguinaldo — **O senhor disse certa vez que o Código Penal, que é de 1940, já estava fora da atualidade naquele ano. Tomando posição como essa em relação ao uso de drogas, acha que está contribuindo para uma atualização desse código?**

Mayrink — Eu acho que no momento exato em que coloquei esta decisão em relação à maconha sobre a mesa, provocando reações como essa entrevista, por exemplo, ou uma série de discussões já nacionais sobre o tema, estou contribuindo para a atualização da lei. O que eu quero é que as leis tenham em vista o modelo brasileiro, a realidade brasileira, e deixem de levar em conta os modelos estrangeiros, que funcionam em seus países, mas são estranhas aqui.

Campeão de vadiagem

●●●●●●●●●●●●●

LCT da S., 34 anos, mineiro de Carangola, também conhecido como Mônica Valéria. As iniciais são para fugir à repressão: freqüentador assíduo da Praça Tiradentes, onde se tornou um dos campeões das prisões "para averiguação" e "por vadiagem", ele continua lá, noite após noite, sempre que as ocorrências policiais não o levam a alguma temporada no xadrez. O verdadeiro marginal — como nós o conhecemos e louvamos —, aquele que não cometeu nenhum crime codificado, a não ser este, subjetivo e mais imperdoável ainda, de permanecer à margem do sistema que o pariu, LC entra aqui, com seu depoimento, como um exemplo daqueles cidadãos brasileiros, citados pelo Juiz Álvaro Mayrink da Costa, que ainda não aprenderam a reclamar seus direitos. O papo com Mônica Valéria foi gravado e editado por Antônio Chrysóstomo.

●●●●●●●●●●●●●

— Só tenho um desgosto: adoro música. Queria ser cantor, pianista. Minha madrinha lá em Carangola, Minas, uma mulher de posses, muito boa, me botou pra estudar no Conservatório de Música. Então, as mães começaram a tirar as crianças, porque tinha eu, uma bicha preta, estudando lá. Aquela pobreza. Meu pai, colono de fazenda de café. Minha mãe, uma coitada, empregada doméstica, cheia de filho. Eu sem poder estudar música, porque as mães das outras crianças não deixavam.

— Vim pro Rio em 62. Fui trabalhar na casa da Marion, aquela cantora que imitava a Carmem Miranda nos filmes nacionais. Mulher danada, mal educada, uma bruxa! Tomava umas coisas, jogava muito e perdia um dinheiro que não podia perder. O amante também mamava o dinheiro dela. Um dia me chamou de bicha escrota. Eu era bicha, mas sabia o que eu era. Já ela é toda postiça, de cílios e unhas postiças, peruca, enchimento, cinta, tudo falso.

Daí fui pra casa do Bené Nunes, o pianista do Presidente Juscelino. Bené já tinha um problema de regime pra emagrecer. Mandou servir café com leite. Eu servi com açúcar. Não podia, mas ninguém tinha me avisado nada. Ele me xingou de urubu, na frente dos outros. Além de grosso, não gostava de tomar banho. Joguei a xícara pro alto e fui embora.

— Saí do Bené quase sem dinheiro. Fui trabalhar no Flamengo, na casa de uma família mineira, muito boa, mas pão-duro. Uma noite vim pra frente do Automóvel Clube, na Cinelândia, e perguntei prum estranho: "O que é aquele pessoal na calçada, ali?" Ele me explicou que eram bichas, convidou preu me maquiar, botar peruca. Já gostei, né? Topei. E começei a fazer a vida. Uma vez dancei no 3º distrito policial. Lá conheci a Mafalda, a May Britt, a Virna Lizzi, e me dei bem. Mas a polícia sempre deu em cima. Prendem agente à tôa.

— Documento de bicha pobre é grade. Eles põem a gente no camburão e falam pro comissário que a gente é vagabundo, mesmo com documento, carteira assinada na bolsa. Diz que a gente faz bagunça, diz que bicha só fala palavrão. Se não falou, invetam. Na Rua do Riachuelo me joguei dentro duma caixa d'água no meio duma blitz da polícia, numa casa de cômodos onde eu morava. Noutra casa, na Rua do Rezende, me prenderam e abandonei o quarto com tudo que era meu lá dentro. Roubaram. Levaram tudo, enquanto eu estava na cadeia. Ganhar eu ganhava, ora se não! No princípio, cinco ou seis fregueses por noite, a mil e quinhentos cruzeiros cada um. Dinheiro velho, daquele que vali a mesmo! Nunca dei suadouro em ninguém. Só uma vez um bofe não quis me pagar, e eu aprontei um freje, rasguei ele todinho. Outro me disse que não tinha dinheiro. Topei ir na base da micharia. Ele dormiu. Olhei na carteira e tava assim de nota graúda. Acordei ele, botei pra fora de casa. Mas esse tal, antes de despachar, peguei uma gilete e disse que ia me cortar toda, dar queixa na polícia se ele não me pagasse direito. O bofe medrou do escândalo e me deu trezentos cruzeiros que eu precisava pra pagar o quarto.

— Coisa diferente tem muita. Já vi cada tara... Uma vez, no carnaval, eu queria ir ao baile do São José e tava dura. Fiquei na porta do baile toda maquilada, de peruca, vendo se aparecia um conhecido pra me convidar. Aparece um coroa que eu nunca tinha visto na vida. Me levou pro hotel. Um sujeito esquisito, com pinta de machão mal-encarado. Botou uma navalha na beira da cama. Eu, de peruca, afastava minha cara da ele, pra não desmanchar a minha maquilagem.

— Uma vez, um cana que já tinha transado comigo me deu um tapa na cara dentro do distrito. Que moral tinha esse homem pra fazer isso comigo? Eu sou respeitador, mas não me desrepeite! Joguei uma máquina de escrever pro alto, joguei o telefone na cara dele. Até que eu estimava ele. Só errou de me dar tapa na cara sem eu ter feito nada demais.

— Absurdo o que a polícia faz na Praça Tiradentes. Alguns da PM prendem as bichas pra tomar dinheiro delas. Outros do distrito entram no cinema Iris, pintam e bordam, não querem nem saber se tem documento, se tem lei. A gente só se pinta depois que entra, dentro do cinema, pra não afrontar as famílias do lado de fora. Se não fosse a polícia e os marginais agindo junto com os lanterninhas, inventando flagrante e roubos pra arrochar as bichas, era pro ambiente do Iris ser até bem civilizado. Tem cara que se sente só, com problemas de família. Vai no Iris pra conversar, trocar idéias... Hem? Claro que também tem bicha marginal, que não presta. Mas tem cara que sai com a gente do cinema, paga lanche, leva pro bar e conversa. Só isso. Já entrei com o dinheiro do ingresso e acabei jantando de graça e sem fazer nada com ninguém. Os lanterninhas é que combinam com os marginais. Eles roubam dentro do cinema e jogam a culpa nas bichas quando alguém se queixa com a polícia.

— Tem um comissário, chamam de Black, que é o terror da Praça Tiradentes. Prende bicha, toma dinheiro, bate e manda embora. Se reclamar, somem com o viado. Tem uma, a Carminha, um travesti lindo, moreno, precisava de ver, que arranjou encrenca e sumiram com ela. Acho que sequestraram, levaram pra São Paulo. Coitada da Carminha. Nunca mais ninguém ouviu falar dela.

— Tudo depende do destino de cada um. Uns nascem pra rua. Não querem responsabilidade com trabalho. Outros trabalham de dia e de noite se viram. Cada um com a sua sina. A gente tá aqui de passagem, nesse mundo. Sempre fiz o bem e sempre adorei a minha vida de homossexual. Nasci com essa intuição, graças a Deus. Sempre tive sorte, sorte com homem que muita mulher não teve igual. Sou feliz. Me realizo sendo bicha. Bicha é o de menos. A vida é que é fogo, mas não é porque a gente leva uma porrada que vai dar outra. Não tenho raiva de ninguém, mas quero agradecer à família de Carangola pra quem minha mãe trabalhou 43 anos; no fim, botaram o corpo dela num caixão vagabundo, daqueles que fiquei vendo o rosto dela o tempo todo, que não dava nem pra fechar a tampa direito...

Bixórdia

Homens nus na redação

Cyntia Martins a fotógrafa, avisou com um semana de antecedência: "Na segunda-feira, os modelos do calendário "Nus Masculinos/81" vêm receber os cachês". No dia marcado, todo o mundo chegou mais cedo, mas Rafaela Mambaba, mais uma vez, centralizou as atenções — e as críticas —, ao entrar na redação de minissaia e deslizando fagueiramente em patins. O primeiro modelo a chegar, Antônio, provocou uma catarata de suspiros; português nascido em Angola, o rapaz titubeou apenas um instante, ao ver que todos os olhares se voltavam para ele: passou por Rafaela — que a essa altura, sobre os patins, fazia acrobacias ao som de **Let's talk** (Earth, Wind and Fire) — sem lhe dignar sequer um olhar, e foi direto à mesa de Aguinaldo: "vim receber meu dinheirinho, ora pois", ele falou. E, claro, foi imediatamente atendido. A cena se repetiu com um a um dos modelos, sofrendo apenas ligeiras variações. O último a chegar foi Lafont (já que **todos** vocês vão comprar o calendário, tratem de ler esta nota com ele à mão; assim, olham para as fotos dos rapazes e os identificam). Terminada a tarde, Rafaela Mambaba, com os pés inchados, teve que pedir ajuda aos rapazes da sala 704 para tirar os patins e as botas. E um clima de luxúria pairava no ar — fora demais, para uma simples segunda-feira. Ah, sim: um dos modelos acabou recebendo em dobro. Examinem atentamente cada um, e descubram qual foi; quem adivinhar, ganha um prêmio, que pode até ser o endereço do rapaz...

• Que nos perdoe a Cruzada Anti-Homossexual — Setor Grande Curitiba (???), entidade que nos envia periodicamente panfletos cujo objetivo é nos informar que "a taça da ira de Deus está começando a transbordar" (sic): mas depois de examinar atentamente o seu logotipo, concluímos que ele representa, sem tirar nem pôr (cruzes), duas pirocas alegremente entrelaçadas; e isso é altamente suspeito, em se tratando de logotipo de uma organização que pretende combater o homossexualismo...

• E tem aquela da bicha da Convergência Socialista que, imaginando seu partido como território da sexualidade livre, acabou se estrepando. Numa festa de inauguração de uma sede da CS no Grande ABC, as bichas que se autoconsideram politizadas compareceram para "apoiar a classe operária". Após alguns copos de batida, elas se soltaram e partiram para os amassos declarados. No que o líder do partido se enfureceu e acusou-as de estarem fazendo coisas contrárias à moral proletária. Comentário da Mambaba: "Bicha burra devia nascer hetero".

• Em Recife, há muito tempo a mulher homossexual já era conhecida como "pitomba" — uma fruta que se chupa, mas não se come, já que ela praticamente só tem caroço. Agora, no Rio, conforme os bairros, novas palavras vão sendo criadas para os homossexuais. O "naicra" é patente dos subúrbios (Madureira e adjacências). O "rala", fenômeno de Niterói. Isso sem falar no "mona", palavra supostamente nagô, usada nos subúrbios e na baixada. Quer dizer, os regionalismos semânticos estão brotando, e a criatividde tá comendo (!!!) solta. Que bom!

• O diretor do Teatro Alaska recebeu uma proposta milionária de um empresário argentino para uma temporada em Buenos Aires de "Gay Girls". Depois de muitas negociações com a censura argentina já estava tudo engrenado para a companhia brasileira ocupar o Teatro Odeon, na Calle Corrientes, nos meses de janeiro e fevereiro, quando vem ao Rio o filho do empresário com uma nova cláusula para o contrato: as bonecas teriam de ficar hospedadas num hotel ao lado do teatro e estavam proibidas pela polícia de conhecer a capital portenha. Resultado: gorou a excursão. "Prisioneiras?" gritaram as bonecas em revolta. "Nem mortas!"

• Delegados cariocas reuniram-se mês passado e apresentaram várias sugestões para melhorar a eficiência da polícia. O último item, publicado nos jornais, é a **Infiltração**: policiais federais se infiltrariam nas quadrilhas de ladrões a fim de conseguirem provas contra os chefes. De jeito que tem policiais envolvidos ou processados por assalto e roubo de automóveis, parece que vai sair mesmo é a regulamentação da profissão.

• Leila Míccolis (a nossa Leila), Ulisses Tavares, de São Paulo, e o processado (e absolvido) Nicolas Behr, de Brasília, estarão, juntos, lançando seus livros de poesia no Rio de Janeiro, dia 20 de novembro, às 20h, na Livraria Espaço Psi (Rua Farani, 42, Botafogo). Estão todos os lampiônicos convidados. A Livraria Psi faz lançamentos louquérrimos, e com esse time, a loucura será ainda maior (quer dizer: melhor).

• O pior nessa crise toda em que a gorda nos jogou é que agora, a conselho do Ricardo Cravo Albim, somos obrigados a torcer pelo censor, ameaçado pelo curador (por favor, não currador) de menores. Perdoem-nos o lugar comum, mas que País é este?

• Vários passarinhos nos contaram que funcionários subalternos das vetustas instituições FUNARTE e EMBRAFILME andam ameaçando uma caça aos funcionários ditos homossexuais. O que é isso, companheiros? Ou vocês param jajá com essas ridicularias, ou nós aqui publicaremos a vida sexual secreta dos funcionários panacas das sinecuras estatais... com fotos e tudo!!!

Três vezes Dzi Crocketes

1

Um Cancan latino, um balé moderno ilustrado pelo contorno dourado de dois explêndidos rapazes, uma previsão meteorológica de causar trovoadas de risos, uma reunião de fogosas espanholas num satírico Fandango tupiniquim, um tango quentíssimo do Aldir amigo do Bosco, uma repórter policial muito louca e outros babados do arco da velha. Tudo isso na TV Croquetes __ Canal Dzi.

Pra quem teve oportunidade de assisti-los no período brabo da repressão, lá pelos idos de 73, antes deles se mandarem para a Europa e curtirem vários anos em grandes turnês mutantes, os rapazes parecem que deixam a desejar, nesta nova produção. Mas pra quem os assiste pela primeira vez, assim como eu, sente um pique diferente do que se costuma ver por aí, uma proposta que ainda soa como nova. Algo que não chega a ter grandes pretensões e que nem se pretende revolucionário, mas que consegue mexer fundo na gente. Imaginem oito rapazes, quase quarentões, fazendo de tudo um pouco, num verdadeiro varieté. Da sátira do balé clássico ao mais audacioso e erótico balé moderno, numa inquestionável performance. Da sátira social ao mais malicioso deboche. Do tragicômico ao macabro sobrenatural. Tudo num simples espetáculo.

É bem verdade que TV Croquettes — Canal Dzi peca pela falta de linearidade em determinadas passagens de um quadro para o outro, mas isso sequer abala o ritmo do espetáculo, onde os climas propostos são realmente conseguidos, levando-nos à uma certa tempestade de emoções e sentimentos.

Três momentos marcam o espetáculo: Caricatura — **Uma mistura do Cancan francês (com sotaque) com o xaxado nordestino (também com sotaque) serve de abertura numa coreografia muito bem transada por Ciro Barcelos, com um desempenho alucinante, que chega a causar nostalgia das grandiosas produções musicais do Teatro de Revista de décadas atrás.**

Deboche — **Trajando uma roupa de gala mais do que surrada, cuidadosamente maquiada, com uma surrealista carteira em formato de meiancia, surge em cena a nossa esganiçante apresentadora da previsão do tempo. Um texto sublime e uma interpretação magistral de Cláudio Gaya, fazem com que os espectadores que lotam as mesas do Teatro Rival (Rio) se escangalhem de tanto gargalhar.**

Erotismo — **Mas o melhor fica por conta de Ciro Barcelos e Rogério de Poly que, numa lição do mais fino erotismo, deslizam seus reluzentes corpos masculinos, desnudos, em movimentos quebrados, formando verdadeiros mosaicos humanos. Algo de rara beleza e sensualidade.**

Mas o bom mesmo é dar uma esticadinha lá no Teatro Rival, toda noite, e ver pessoalmente esta turma delirante. Não perca tempo! Vá com seu caso, amigo ou família. Leve todo mundo! Depois me diga se eu não estava certo. (Antônio Carlos Moreira)

2

Faltam mais energia, mais sacanagem — imoralidade mesmo —, mais força e mais anarquia. O novo Dzi Croquetes mais parece um teatro infantil de tão bem comportado. O espetáculo é muito irregular: alterna bons — quase geniais — com maus — quase péssimos — momentos. Os melhores ficam por conta do bom humor e da descontração do grupo, embora, se comparado ao primeiro espetáculo, tenha perdido muito de sua ironia e força. Quando os Dzi Croquetes se propõem a fazer o público rir, mostram-se verdadeiros herdeiros da chanchada e do teatro de revistas. São os melhores momentos do espetáculo. Pena que não sejam os únicos.

Sim, porque o grupo se propõe a ser "sério" também. E quando isso ocorre, o espetáculo se torna um peso, só suportável porque há sempre a esperança de uma graça bem colocada. O que quase não acontece.

Isso fica bem nítido nos bailados. Há excelentes saques, sem dúvida. E como exemplo cito a caricatura do balé clássico. Muito inteligente e bem bolado. Logo depois, no entanto, eis de novo a "seriedade": um bolero, aliás, mal dançado, enche o saco.

E por mais que se evite, não é possível fugir de uma comparação com o grupo do início da década de 70, embora apenas três sejam remanescentes da formação anterior. Acho que os anos e a ausência do Brasil estejam pesando agora. Parece-me que o grupo perdeu o sentido da realidade brasileira de hoje, talvez daí a irregularidade do espetáculo, que, mesmo assim, merece ser visto. Certas soluções mostram-se idosas e muito cansadas. Como se maquilar em frente ao público antes do espetáculo. Coisas dos anos 60.

Se o grupo era uma novidade no momento mais cruel da ditadura do general Médici, o que lhe deu uma certa notoriedade, hoje o espetáculo que apresenta não é mais capaz de incomodar o maior dos puritanos. Pode perfeitamente ser visto e aplaudido pela classe média conservadora. Não paira a menor dúvida que os atuais Corquetes só incomodam o espectador mais exigente pelo espetáculo que apresentam. (Alceste Pinheiro).

3

Os críticos de teatro, cinema e televisão me parecem pessoas engraçadas; vêem com a maior benevolência coisas como "Toalhas Quentes", "O Último Casal Casado" e "As Panteras", mas se mostram inflexíveis com aqueles que, em seus gêneros respectivos, tentam ser mais sérios que toda essa mediocridade aqui citada. Basta ver como Maria Helena Dutra, (Jornal do Brasil) por exemplo, se comporta em relação ao seríssimo programa de tevê "Plantão de Polícia", do qual, aliás, sou um dos autores; ou como o "conselho de crítica do mesmo JB ataca de modo imperdoável o instigante filme de Jean Garret, "A Mulher que inventou o amor"; ou como os críticos de teatro caíram de pau sobre "TV Croquettes — Canal Dzi". Gente burra: há dez anos eu não ria tanto quanto ao ver Cláudio Gaya fazendo a meteorologista-croquette do Café-Concerto Rival. E — me perdoe, Nosso Senhor — eu tinha ido ver, semanas antes, o morno Toalhas Quentes em relação ao qual os mesmos críticos foram tão bondosos.

Concordo: as Croquettes já não são as mesmas; aquela história de andróginos ficou meio velha, as incursões estético-filosóficas pelo execrável país das vacas sagradas — aquele final, com os atores reproduzindo a silhueta da Deusa Shiva, a Carmem Miranda indu de muitas mãos, ai! — é completamente extemporânea, mas sobra o deboche. E é neste terreno que elas se realizam. Senhoras de mais de 30 anos quase todas — algumas, visivelmente, com mais de 40 — mostrando vitalidade que, aliás, é típica de sua geração, e está aí, inteirinha, após os negros anos Médici, o exílio, etc. —, as Croquettes exibem sua tortuosa sabedoria e sua inquestionável técnica nesse espetáculo que marca seu retorno.

Há, em "TV Croquettes — Canal Dzi" momentos inesquecíveis. Além da meteorologista, o can-can inicial, o fandango, o quadro da censura, o balé "concreto", tanta coisa, que eu vou ter que ir de novo pra poder me lembrar (ai! Fazer crítica me cansa...) Não interessa se é melhor ou pior que o anterior; os tempos são outros, afinal, e a gente já pode rir do espetáculo das ruas. O importante é que é bom, **bom mesmo**, melhor que a mediocridade reinante em nossos palcos. Ver as Croquettes ainda é uma obrigação. (**Aguinaldo Silva**).

Livros novos na Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os.

LANÇAMENTOS

ESCOLA DE LIBERTINAGEM
Marquês de Sade
172 páginas, Cr$ 300,00

Um homossexual, uma lésbica, um casal heterossexual e, depois, uma quinta pessoa, um jardineiro assalariado, reunidos numa mansão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos; o objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênie numa grande amante, numa adepta fervorosa do pansexualismo. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra-prima do genial marquês. O primeiro lançamento da Esquina Editora.

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Michel Misse
72 páginas, Cr$ 100,00

Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual. A conclusão do autor é que, como caricatura da mulher, o travesti representaria, até às últimas conseqüências, não só a incorporação radical do paradigma da feminilidade fundado no estigma do "passivo sexual", como também sua negação debochada, explosiva.

FALO
Paulo Augusto
70 páginas, Cr$ 150,00

Ousados poemas homossexuais escritos por um lampiônico de primeira hora. Paulo Agusto reconta aqui, em todas as suas letras, a história do amor que não ousava dizer seu nome. Uma obra forte e pungente.

A FUNÇÃO DO ORGASMO
Wilhelm Reich
310 páginas, Cr$ 330,00

A obra máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual. Reich, um libertário, por suas idéias pouco ortodoxas morreu nos Estados Unidos encerrado numa prisão. Uma obra imprescindível.

BALU
Jorge Domingos
66 páginas, Cr$ 150,00

Segundo o ator Anselmo Vasconcelos (a Eloina de "República dos Assassinos"), é o maior romance guei já escrito no Brasil. O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que "Balu" quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hetero e ao homo. Uma obra que **Lampião** recomenda especialmente. Um livro explosivo.

POR QUE MATARAM PASOLINI
Daniel L. Pastura
97 páginas, Cr$ 200,00

O sexo como uma das mais cruéis medidas do homem. Duas histórias personalíssimas de um autor que ainda vai dar muito o que falar.

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 300,00

Anarquista, bissexual, Daniel Guérin alinha, neste livro escrito em 1968, no auge da contestação jovem que desaguou na revolução sexual, uma série de ensaios escritos em torno do mesmo tema: a liberdade sexual. Uma obra/síntese de tudo o que foi escrito sobre o assunto. Um estudo profundo do famoso Relatório Kimsey.

O BEIJO DA MULHER ARANHA
Manuel Puig
246 páginas, Cr$ 320,00

Um esquerdista, membro de um grupo clandestino, e um homossexual acusado de corrupção de menores, presos na mesma cela de um cárcere argentino; este é o ponto de partida do livro mais instigante do autor de "Boquitas Pintadas".

* * * *

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 200,00

Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligadona, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e muito **nonsense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos.**

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 180,00

Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome assumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 220,00

Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 150,00

Norma Benguel, Leila Míccolis, Isabel Ribeiro, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a pressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

REPUBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 PÁGINAS; Cr$ 250,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 240,00

Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial. Envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história recontada a partir de 1968 faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 150,00

Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 200,00

A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir-Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00

Um livro rabelesiano, sem igual no Brasil na sua vertigem erótico-quixotesca. Publicado em 1957, é uma antevisão das viagens psicodélicas. Edição especial do autor, em papel de luxo, de apenas 200 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 240,00

Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Auiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o grupo Somos/SP.

COMPANHEIRO
Walker Luna
100 páginas, Cr$ 180,00

"Não é bem este tipo de amor que atinge a tantos." Publicado em 1970, o livro de poemas de Walker Luna traduz sua vocação de poeta confessional, que tem o poder de dizer o que apenas se adivinha e de adivinhar o que não se ousa dizer como homem e como amante.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 250,00

Um livro pedagógico, escrito por dois especialistas franceses para substituir nas bancas e livrarias as obras análogas eróticas, sensacionalistas, comerciais, etc.. Um livro escrito com o intuito de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu. Uma das primeiras obras a tratar da homossexualidade, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas tão somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

PIAZZAS
Roberto Piva
56 páginas, Cr$ 150,00

Do mesmo autor de "Coxas", um livro de poemas que vale como uma "introdução à orgia". Piva reafirma, aqui, sua condição de poeta da marginalidade, colocando-se ao lado de outras "flores do mal" — de Baudelaire a Ginsberg, de Sade a Genet.

INTERNATO
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 220,00

A história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil. Paulo Hecker Filho, escritor gaúcho, estreou na literatura aos 22 anos. **Internato** é a terceira obra do autor, que escandalizou a pacata **intelligentsia** nacional da época.

EU, RUDDY
60 páginas, Cr$ 500,00

Não apenas cabeleireiro, travesti ou poeta. Ruddy é tudo isso, numa mistura de exacerbada sensibilidade que deságua nestes seus poemas. Com fotos ousadíssimas do autor, feitas por Vânia Toledo. Obra para colecionadores.

BLUE JEANS
Zeno Wilde e Wanderlei Aguiar Bragança
61 páginas, Cr$ 150,00

As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês. Um estudo em negro sobre a prostituição masculina, escrito a partir de depoimentos recolhidos pelos autores nos locais de "pegação", da galeria Alaska à esquina de Ipiranga com São João, da Cinelândia ao Largo do Arouche.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ.

Se você pedir mais de três livros receberá, como brinde, inteiramente grátis, um exemplar de EXTRA/LAMPIÃO nº. 1.

Os pedidos superiores a Cr$ 2.000,00 terão direito a um brinde especial: um exemplar do calendário Nus Masculinos/81.

Troca Troca

BARBUDO, **29 anos, alto, homossexual consciente, sem grilo e sem complexo de édipo, discreto. Desejo corresponder-me com outros homossexuais discretos que estejam a fim de transar uma amizade sadia, sincera e franca. Paulo Meida — Caixa Postal 040384 — Brasília/DF — CEP: 70.300.**

BONITO, **25 anos, olhos verdes, cab. castanhos claro, 1,77m, advogado, deseja corresponder-se com rapázes bonitos e discretos de 18 à 28 anos, que residam em São Paulo. Foto na 1ª carta — Marcelo Martinelli — Caixa Postal 54129 — São Paulo SP CEP: 01.000.**

SOU REGINA, **fiz história, sou poeta. Tenho 28 anos, 1,52m, 46k. Gostaria de corresponder-me com pessoas de sexo feminino que sejam sensíveis, abertas, gostem de arte, natureza, da vida para amizade, troca de idéias. Rua Conde de Bonfim, 491/203 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.520.**

MORENA SOLITÁRIA, **1,68m, 32 anos, cabelos negros, deseja se corresponder com pessoas do sexo feminino, e bem entendidas, com mais de 27 anos, para encontro bem rápido. Prefiro pessoas do Rio. Fránci — Caixa Postal 15.224 — Rio de Janeiro — CEP.: 20.155.**

SOU MALÚ, **20 anos, paulista e quero conhecer garotas que acreditam na força da amizade e do sentimento que dela pode surgir. Espero tua resposta e com ela tua amizade. Rua Paulo de Tarso Rodrigues, 80 — São Paulo — SP — CEP: 08.200.**

ALUVIÃO DOS DEUSES, **31 anos, 1,72m, 76kg. Culto, sem rótulo, procuro alguém que não seja rotulado e como eu, sem preconceitos quanto ao sexo. Caixa Postal 2.016 — Maceió — Alagoas — CEP: 57.000.**

CULTO, **discreto, conveniente, afetivo e que aprecia conhecer pessoas e lugares diferentes, deseja manter correspondência com rapazes desinibidos para boa amizade e conhecimento pessoal em férias próximas. Azor Mário — Caixa Postal 277 — Ilhéus — BA — CEP: 45.660.**

Mulher bonita (realmente) e independente (mesmo), mas desiludida e solitária (por incrível que pareça) procura companhia feminina entre 30 e 35 anos, para recomeçar e construir uma vida. Tenho 30 anos e 1,72m. Sandra; Caixa Postal 15.224: CEP: 20155; Rio, RJ.

ARTISTA... **Morena, 1,63m, 57kg, coração alegre e sem limites. Desejo corresponder-me com pessoas de universos variados e infinitos. Sou sensível a qualquer arte existente, inclusive a arte do amor igual. Magda Prior — Rua Visconde de Uruguai, 208/1.101 — Centro — Niterói — CEP.: 24.030.**

ESTUDANTE DE PSICOLOGIA, **22 anos, deseja corresponder-se com pessoas sensíveis, evoluídas e discretas. Eduardo — Caixa Postal 2383 — Porto Alegre — RS — CEP: 90.000.**

SOLITÁRIO, **alegre, boa conduta, 1,80m, moreno claro, desejo corresponder-me com homens de todo o Brasil que tenham mais de 30 anos, para uma amizade sadia e algo mais. R.L. — Caixa Postal 2059 — Recife — PE — CEP: 50.000.**

PROFISSIONAL **de nível superior, com cabeça feita, de 28 anos e 1,72m, deseja manter correspondência com rapazes de no máximo 22 anos e pouco experientes. Venham com tudo que eu enfrento qualquer barra. Téti — Caixa Postal 15.224 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.155.**

VOCÊ, **que é entendido e está interessado em começar uma amizade sincera e duradoura, sem preconceitos, escreva-me que não ficará sem resposta. Sou jovem, nível colegial, 1,82m, moreno, discreto. Zizzo — Rua Quissambú, 50 — São Paulo — SP — CEP.: 05.330.**

ENTENDIDA, **19 anos, pré-universitária, procura alguém que tenha alguma coisa pra contar. Essa pessoa precisa ter certeza de seus sentimentos e acreditar na vida; enxergar a poesia da chuva e ser bem mais que uma simples pessoa — Mônica — Rua Xavier Pinheiro, 31 — Parque Duque — Duque de Caxias — RJ — CEP.: 21.241.**

CARTAS NA MESA

Baixando o pau

Caros lampiônicos, aqui estou novamente, para participar de vosso debate. Fiquei muito decepcionado com o nº 29 do "nosso" jornalzinho. Realmente, o Lampião de outubro está um "lixo", uma droga a entrevista com aquele bicha "escrota" metida a escritora, o tal cabeleireiro Ruddy. Parece que vocês estão imitando caranguejo, embora eu nunca tenha visto caranguejo andar "para trás"...

Outra coisa que me chamou a atenção foi a seção "Cartas na Mesa". Cada vez com menos cartas publicadas. É isso aí, homossexual comum não tem vez. Só quem merece destaque são as estrelas como Ney Matogrosso, Ruddy e outras bichérrimas menos votadas. Depois vocês ainda vêm com esse papo de defesa das minorias. Ora, queridinhas, entre os homossexuais existem os ricos, os pobres, os negros, os brancos, e toda esta pirâmide social que existe na sociedade. Afinal, para vocês é mais fácil transar: vocês podem pagar.

Outra coisa que me chamou a atenção foi a carta publicada sob o título "Bicha de Briga", de alguém que assinou usando as iniciais E.B., de Campinas, SP. Aqui vai um recadinho para EB: queridinha, acensoristas, vigilantes de bancos, guardadores de carros, operários do metrô e da construção civil, trocadores, motoristas de táxi e de caminhão só querem saber de homossexuais como um meio de ganhar dinheiro fácil. Quanto aos lampiônicos, eles podem transar com quantos metrolinos queiram, porque podem distribuir "barões" à vontade. Certo, boneca?

E vocês do Lampião, parem com esse negócio de defesa das minorias oprimidas: negros, operários, mulheres, **mendingos** e marginais de toda espécie querem é que os homossexuais "sifu"... Sem mais, no momento, subscrevo-me,

Walmir de Souza Lima — Rio.

R. Querido Walmir: tua amável cartinha nos encheu de alegria: finalmente, alguem que resolve baixar o pau na gente, alvíssaras! É por isso que a sessão "Cartas na Mesa" vem diminuindo: o pessoal só sabe escrever elogiando o Lampa. A gente adora elogios, claro, mas pega mal ficar publicando um monte deles a cada número. Agora, vamos à nossa respostinha, Walmirete. Você se revela, em sua carta, uma pessoa terrivelmente preconceituosa. Por que essa carga toda pra cima do Ruddy? Se você deixar o despeito de lado e reler a entrevista, verá que ele é uma pessoa incrível, digna de nosso respeito. E sua colocação, quanto ao problema do dinheiro nas relações homossexuais, também está errada. Quanto menosprezo, darling! Você se acha inferior, porque os bofes lhe pedem uma grana. Mas as mulheres (você deve ser dessas bichas que as consideram donas do mundo) não pagam aos homens; pelo contrário, são sustentadas por eles; e é cada vez maior o número de mulheres que percebe o quanto esse tipo de relação também é doentia. As pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro, meu bem, mas isso não é um problema do homossexualismo, é uma doença do Sistema. E depois, o que o leva a crer que só você, nós e EB somos homossexuais? Quanta rejeição! Nestas classes que você cita — acensoristas, vigilantes de bancos etc. — também existem homossexuais. E todos, como nós, cabem no mesmo sonho - poder, um dia, transar numa boa, sem que haja, necessariamente, um explorador ou explorado.

Não, cherie, **não é verdade que nós distribuímos "barões" a torto e a direito; aqui na casa, a gente tem o hábito salutar de viver transando uns com os outros e, por uma questão de bom senso, um jamais cobra do parceiro. Quanto às outras minorias, você tem razão: eles desconfiam das bichas, sim. O que não significa que a gente seja obrigado a assumir a mesma posição em relação a eles; Lampião vai continuar falando sobre elas, assim como espera que você continue a ler o jornal e a os escrever, pois é a leitores como você, principalmente, que a gente se dirige. Beijos da Rafaela.**

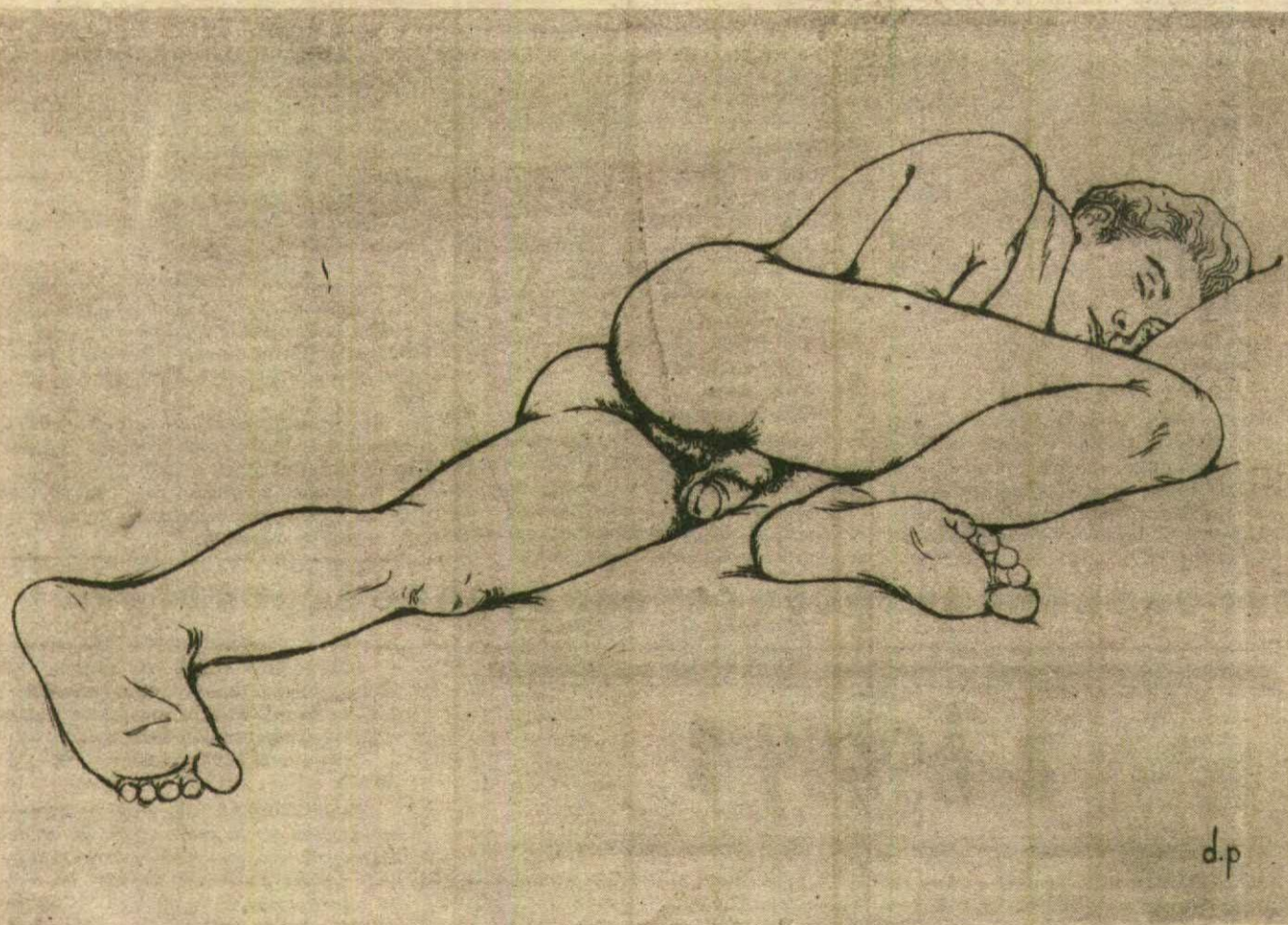
Esquerda o quê?

Depois de dois anos acompanhando e incentivando este jornal, venho fazer minhas queixas, pois elogios, creio que vocês já têm recebido o suficiente; aliás, até os auto-aplausos com que vocês vêm se brindando bastariam por si. Quanto a mim, creio que cumpri minha parte comprando-o e divulgando-o entre amigos, que acredito seja a melhor forma de tornar patente a admiração por alguma coisa.

Minhas queixas são a respeito da tolice infantil com que **Lampião** vem tratando a esquerda, que embora, não militando nela, atinge-me, pois no país é a única que se tem preocupado com o

→

A arte erótica de Darcy Penteado

d.p

Com esta gravura de Darcy Penteado prosseguimos com a divulgação de trabalhos eróticos que se enquadram dentro de uma verdadeira e sadia cultura guei. O autor é conhecido de todos os que lêem LAMPIÃO: artista plástico consagrado, escritor de rara sensibilidade, ele é um dos editores do jornal. Este seu trabalho, intitulado "Repouso", em tiragem limitada (cem exemplares, númerados e assinados pelo autor), é **imprescindível na sua coleção de Arte. Peça-o já pelo reembolso postal à Esquina** — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ). **Apenas Cr$ 1.000,00 a unidade, mais** Cr$ 100,00 de despesas de correio. E ainda estão à venda os últimos exemplares de "Rapaz Reclinado", a serigrafia de Luiz Beltramo com que **demos início à nossa coleção de Arte erótica: você também pode pedi-la pelo reembolso. O preço é o mesmo.**

MEMÓRIA GUEI

De alguns anos para cá, a Imprensa Brasileira tem dado um certo destaque a Questão Homossexual. Ensaios, entrevistas, matérias, reportagens e contos, têm sido publicados freqüentemente em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião **resolveu organizar uma** Memória **de tudo que tenha sido publicado sobre homossexualismo e as ditas minorias. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos recortes (original ou xerox) desse material com a indicação da fonte e data de publicação.**

* * * * *

LAMPIÃO da Esquina: **Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.400.**

CARTAS NA MESA

pobre, o explorado, situação na qual me encaixo. Não coloco aqui a questão do poder, posto que ele é sempre a meta dos políticos de qualquer credo filosófico.

Quanto a isso, creio ser indispensável uma análise mais crua e sem subterfúrgios, pois muito se tem criticado a esquerda depois que começou esta propagada "abertura" que conta com o patrocínio da burguesia encastelada no poder, com a inflação galopante e com a permissão do General Goldbery. A esquerda tem sido acusada (não digo injustamente) de querer atingir o poder usando os movimentos de minorias (inclusive o nosso — homossexual), ao mesmo tempo em que menospreza nossas lutas, em prol das "lutas maiores".

Bem, isso não se pretende um libelo contra a burguesia ou a favor da esquerda, mas uma opinião de alguém, que além de bicha é também empregado, depende totalmente de uma miséria mensal para comprar arroz, feijão e até este jornal e que como leitor/consumidor do próprio se dá o direito de opiniar quanto à qualidade do mesmo. Em primeiro lugar, gostaria de saber, onde está a culpa do Frei Beto em não compreender a questão homossexual, e de assumir essa ignorância numa revista como **Status**, empenhada em negociar o falso prazer para os homens de decisão (!!) deste paraíso tropical e moralista, lendo a crítica do **Lampião**, não consegui descobrir a explicação, e não contente, fui ler a entrevista que por sinal pareceu-me muita clara e elucidativa sobre a posição de parcela de Igreja Católica.

Quanto ao homossexualismo, li que ele não entendia o fenômeno e temia que virasse moda. Foi dito mais alguma coisa que me escapou à leitura, a censura cortou ou a revista não quis publicar? Quanto a mim, discordo dele, eu entendo o "fenômeno", pois com 22 anos de existência e pelo menos 10 anos de homossexualidade, acho que seria impossível não entendê-lo, mas num ponto eu concordo com ele, eu também tenho medo que vire moda.

Entre 79 e 80, as "bichas" venderam uns quatro tipos de **shampoo**, sorvete, molhos, iogurte, modelador para cabelos, detergente e creme para mãos. Quando as revistas Manchete e Fatos & Fotos trazem matérias sobre homossexualismo, a tiragem é bem maior, e durante essa época, essas matérias foram publicadas com irritante periodicidade.

Gostaria de saber se quem escreveu a crítica ao Frei Beto leu uma outra entrevista de vocês, com o boçal Lula, onde ele afirmava que desconhecia a existência de homossexualismo na classe operária, além de que, segundo o Jaguar, em entrevista para a revista **Play-Boy**, até hoje não retificada a público, ele teria afirmado que das feministas queria a bocetinha.

Quando o **Lampião** veio à luz, veio com propostas revolucionárias, e dois anos depois é desconsolador ver que houve antes um retrocesso, pois com as matérias que anda publicando, talvez ainda possa ser chocante às margens do Jequitinhonha ou em Biafra, mas aqui em São Paulo, ele só é mais revolucionário que a **Veja**, mas pode ser lido tranqüilamente depois da novela das oito, e antes da Malu Mulher.

Espero que desculpem a revolta, mas é que **Lampião**, a julgar pelas atitudes atuais, traiu-me, não só a mim, como a outros homossexuais, que viram no jornal mais que um simples relator do cotidiano homossexual, negro, feminista, etc. Viram nele um modificador desse cotidiano. Na certeza de ser levado em consideração, deixo aqui um grande abraço para vocês, deixando-os livres de qualquer pressão, apenas querendo uma resposta que me permita decidir se continuo com vocês ou não.

Valdir Luís de Albuquerque — São Paulo-SP.

Roteiro difícil

Esta é a primeira vez que escrevo para este jornal maravilhoso, e espero muito breve ver esta carta publicada e meu pedido atendido. Jogar confete nem é necessário, pois todos vocês são uns amores. Este jornal, além de me colocar a par de mil coisas, acredito que também está fazendo a cabeça de muita gente. Como estou recente no Rio e ainda não estou sabendo das coisas, gostaria que os srs. publicassem sempre no jornal **tudo e qualquer coisa** que estivesse para acontecer no Rio. Por exemplo: dia 26 houve o festival de chope guei; por que vocês não deram uma dica no lampa de setembro? Olhem, meus queridos, aqui vai meu pedido! procurem estar a par das badalações do mês, dia, hora, local, e contem pra gente aparecer e prestigiar.

A.F. — Rio.

R. — **Taí uma ótima idéia, Aefe querido. O problema é que as pessoas que promovem estes eventos nem sempre nos procuram, e a gente, com nossa reduzida equipe de redação, não pode ficar atrás de todas as notícias. De qualquer modo, a gente vai tentar fazer um roteiro — ou um registro —, e não apenas do Rio, mas também de São Paulo, tá legal?**

Abaixo Lampião!

Comprei o Lampião versão outubro há quatro dias e somente agora é que tive tempo de lê-lo. Mas de todos os assuntos abordados, gostei mesmo foi da carta do BB de Campinas, "Bicha de Briga", pois ele espelhou fielmente a realidade da "burguesia podre" que ocupa o poder de tudo, até no jornal Lampião.

Quem tem coragem de ir até uma banca de jornal e pedir um exemplar, não são os almofadinhas bunda-moles, que vivem mandando roteiros furados de locais de caçação de seus Estados (a maioria só freqüentável por granfinos), nem os aloprados da seção Troca-Troca, que se apresentam desolados, tristes, solitários... à procura de um amigo que preencha seus vazios, mas que pedem foto na primeira carta. Ah! E experimente ser verdadeiro com algum deles; diga que é negro, pobre, feio, que não curte praia, pois precisa trabalhar (pra comer), que não ouve muito **funk, rock**, não lê Sartre, Marx e outros tantos, pois a grana que sobra não dá pra tanto. Aliás, nem a cabeça, pois o que aprendemos deu mais ou menos para ler revistinhas de sacanagem. Diga a eles que tem uma cárie no dente e não a conserta porque dentista no Brasil é artigo de luxo. Experimente! Seja verdadeiro! Nem sua primeira carta será respondida...

Abrimos Lampião, e lemos entrevistas com termos em inglês, francês, e não entendemos nada. É uma choramingação dos editores, que o dinheiro não tá dando, etc, mas o jornal aumenta o preço e acompanhou a inflação, como qualquer outro similar. Darcy Penteado vendendo "arte erótica" a preços que, se analisarmos em montante, a gente não ganha nem em um ano de trampo duro.

Os livros oferecidos são caríssimos, e os escritores também pertencentes à alta burguesia só falam assuntos a eles endereçados. Um ou outro que ousa atravessar a barreira social e cair na vida cotidiana brasileira, enche sua obra de um lirismo falso, de uma realidade mentirosa.

Nós precisamos transar um lugar que não seja caro, onde o narcisismo seja um desconhecido qualquer, onde a burguesia-narcisista-elitista-aparecida esteja na puta-que-a-pariu.

Precisamos de um jornal que mostre o pau de um maquinista de trem, de um pedreiro/metrô, de um frentista, e não de deslumbradas-de-cristal, loiras, maravilhosas, cinematográficas. Toda esta cambada, com raríssima exceção, de ir a uma banca e pedir o jornal em público — a verdadeira guerra de libertação.

Chega de entrevistarem gente "finíssima", que não mais interessam nesses tempos de dureza. Façam um jornal para nós. Para os que verdadeiramente têm a coragem de sair para uma passeata de rua em menção à nossa causa. Pois sabemos que nosso pão de cada dia é ganho por nós mesmos e não pelas mesadas fartas de "papai", e por isso, por dependermos de nós mesmos, não devemos nada a ninguém. E olhem que somos a grande maioria que mantém o Lampa aceso. Viva a Bicha de **Briga**! Viva a Lecy Brandão! Viva os negros! Viva os baixo-assalariados da vida!

Por favor, pensem um pouco em nós. Acendam pelo menos uma parca chama de Lampião para nós que também, como os michês, somos gente. Não tenho interesse nenhum em ver o Papa, Darcy, Alain Delon, Ruddy ou outro qualquer em nu frontal, mas sim, o meu colega de quarto da suja pensão onde moro, ou o mecânico sujo da esquina, ou o...

Mário — Jundiaí, SP

R. — **Outra vez não entendemos, Mário de Jundiaí: por que você, tão libertário, não assinou esta carta tão candente com seu nomezinho completo? Achamos tudo o que você diz muito oportuno, mas, ao mesmo tempo, detectamos algumas coisas esquisitas em sua carta; por que você acha que a piroca de Ney Matogrosso, por exemplo, é menos interessante que a de um maquinista de trem, de um operário, de um obreiro? Que coisa estranha! Tá legal, de vez em quando pinta um elitismo tenebroso nas páginas desse jornal, e nós somos bastante honestos para confessá-lo; mas não é nada tão radical quanto sua cartinha sugere, querido. E não é verdade que sejamos tão "finas"; a gente trabalha feito umas loucas pra garantir esse "pão-de-cada-dia" que você fala, meu amor. De qualquer modo, a gente prefere receber uma carta como a sua, cheia de restrições, que as de habituais elogios.**

ENTREVISTA

Como fotografar um homem pelado

Cyntia Martins para quem não conhece é a mais querida e badalada fotógrafa aqui da redação. Aliás, aproveito a brecha para fazer uma previsão: Além de badalada, será também a Lampiônica mais cobiçada e invejada dos últimos tempos, afinal devemos a ela todo o trabalho de pesquisa e escolha dos modelos que vocês poderão encontrar no nosso primeiro e especialíssimo **Calendário de Nus Masculinos/81.**

Aguinaldo Silva, Antônio Moreira, Gladys Pamplona e eu aproveitamos o embalo e resolvemos entrevistá-la em primeiríssima mão. Nossa intenção a princípio seria uma matéria bem picante, que contasse os fatos mais curiosos e indiscretos acontecidos durante a feitura do calendário, mas depois de editada a matéria cheguei a uma séria conclusão: se você gosta de coisas **picantes,** não deixe de comprar o **Calendário/81,** do Lampa. **(Dolores Rodrigues).**

Aguinaldo — **A idéia de fazer um calendário com muitos homens nus não te deixou um pouco constrangida, apreensiva?**

Cyntia — Não, não me deixou não, porque era um trabalho que eu tinha vontade de fazer há muito tempo, desde uns quatro anos atrás. Cheguei até a perguntar pra algumas pessoas se elas estavam a fim, mas as reações foram as mais loucas possíveis. Engavetei a idéia, mas quando vocês falaram em fazer o trabalho, eu achei legal, achei que tinha pintado a hora, só que com uma motivação, quer dizer, tem que fazer pra entregar tal dia. Então eu dava um jeito de arrumar esses modelos de qualquer maneira, certo?

Aguinaldo — **E aí qual foi a reação do teu marido?**

Cyntia — Não me lembro exatamente, mas ele achou legal. Só perguntou quem eu iria fotografar.

Aguinaldo — **Aí você disse: "Não sei!"**

Cyntia — É, aí a gente começou a passar em revista as pessoas conhecidas e tal.

Antônio Carlos — **Você sempre quis fotografar homens, mas de repente, quem te pede isso é o Lampião. Como é que você viu fotografar homens pra mulheres e para as não-mulheres?**

Cyntia — Olha, esse negócio eu não sei bem. Eu tinha vontade de fotografar nus masculinos, independente de ser para um público específico; eu estava procurando um ponto de vista meu.

Aguinaldo — **Aliás, isso passa muito no calendário; mas eu quero saber como foi a reação das pessoas ao saberem que eram fotos para o Lampião.**

Cyntia — Ficaram desconfiadas, mas eu falei: olha, é para um calendário editado e vendido pelo Lampião. Você não vai parar nas saunas; até vai, é bom saber, mas é uma coisa pra ser vendida nas bancas, nas livrarias, pra pessoas que gostem de nus masculinos.

Antônio Carlos — **Que gostem de homens...**

Cyntia — É. Pessoas descontraídas. Agora alguns modelos recusaram, outros ficaram indecisos e outros aceitaram numa boa, quando viram o tipo de trabalho que era.

Dolores — **Não te passou um certo receio de ser marginalizada dentro da tua profissão, futuramente?**

Cyntia — Isso só começou a pintar na minha cabeça há pouco tempo, porque eu estava pra ver um emprego numa revista e comecei a separar algumas fotos. Aí, um amigo meu que também é fotógrafo e que estava lá em casa disse: "Olha, essas aqui eu te aconselho a não levar não, porque você vai logo ficar conhecida como fotógrafa de homens pelados..."

Aguinaldo — **Aí você começou a fotografar; e como eram as seções? Como é que os modelos se comportavam?**

Cyntia — Houve reações muito engraçadas. Um deles teve grilo de posar para uma mulher, aí o Nilson, começava a fotografar, e depois que eles estavam mais descontraídos eu continuava fotografando.

Antônio Carlos — **Quem é Nilson?**

Cyntia — O senhor meu marido. Ele tirava umas fotos, inclusive a do Lafond é dele. Agora teve uma vez que foram dois rapazes lá pra casa; um deles estava bem nervoso, tanto que as fotos não ficaram boas e nós tivemos que fazer tudo de novo; mas aí depende muito do clima, do lugar...

Aguinaldo — **Pois é. Algumas fotos foram feitas na praia. Como é que você fez pra botar esses homens nus na praia?**

Cyntia — Essas foram as mais fáceis, porque já havia amizade entre nós, e depois, o fato de você estar às 5 horas na praia pra fazer fotos sem roupa já é uma situação estranha.

Antônio Carlos — **E a velharada do Cooper, como é que via?**

Cyntia — Bom, teve uma senhora que viu muito bem; tanto que ela ficou parada olhando.

Antônio Carlos — **Tem uma foto que não é na praia, e sim no meio do mato.**

Cyntia — É, é na floresta da Tijuca; lá foi pior ainda. Quando nós estávamos na quarta foto, ouvimos um barulho de folha pisada; aí, foi um tal de vestir roupão... O Lafond, todo cheio de óleo, enrolado numa toalha, aí apareceu um grupo de caminhantes matutinos e tal, depois veio uma família inteira. O Lafond já estava histérico, começou a ver fantasmas. Então, nós resolvemos subir um pouco mais e fomos parar no alto de uma cachoeira; e era meio estranho, porque nós olhávamos para baixo e víamos as pessoas todas olhando lá pra cima.

Dolores — **Como é que você transou as fotos; você pedia prás pessoas ficarem de tal modo?**

Cyntia — Não, era mais de explorar o espaço, sentir o lugar, sentir alguma coisa agradável, sabe?

Gladys — **Houve alguma preocupação de tirar fotos sensuais ou eróticas?**

Cyntia — Não, não exatamente, porque a escolha dos modelos já tinha sido estranha, quer dizer, eu não podia ficar presa a um gosto pessoal meu, mas também não poderia abrir demais, senão seria um calendário com 365 fotos. Então, eu tentei ver pessoas que passassem algo diferente.

Gladys — **Houve alguma técnica para aumentar o tamanho do...**

Cyntia — Não.

Aguinaldo — **Aliás, para alguns, isso absolutamente não era necessário...**

Dolores — **Você teve algum papo sobre o calendário com suas amigas? Como é que foi a reação delas à idéia?**

Cyntia — Parece engraçado, mas eu não tenho muitas amigas; eu tenho mais amigos. Agora tem uma, que mora na Bahia, que está louca pra ver o calendário.

Aguinaldo — **E as pessoas mais velhas da família?**

Cyntia — Minha mãe encarou numa boa, ela só fica brincando, dizendo que criou a filha pra ser sem preconceitos mas exagerou na dose.

Dolores — **Você sofreu algum tipo de assédio masculino no sentido de alguém querer sair no calendário?**

Cyntia — Não, porque estava uma coisa meio em segredo, pra ninguém saber que o Lampião iria editar um calendário, mas teve um ou outro que pintou, que foi indicado, talvez se eu fosse homem... **(risos)**

Antônio Carlos — **Você não se sentiu atraída por nenhum modelo, uma vontade, um desejo carnal?**

Cyntia — Bom, se eu escolhi as pessoas foi por achá-las diferente, obviamente passa algo pra mim também; mas pelo caráter das fotos não pintou nada não, porque parece que existe uma certa cumplicidade entre as pessoas.

Aguinaldo — **Agora, o calendário está pintando como o maior sucesso. O que nós temos recebido de reembolso, está uma loucura. Eu tenho a impressão que as pessoas, conhecendo melhor o seu trabalho, as coisas vão ficar mais fáceis; você aceitaria então fazer um segundo calendário?**

Cyntia — Aceitaria. Quer dizer, o primeiro me deixa mais tensa do que um provável segundo. De repente, um calendário vendido em banda me assusta. Mas, só um pouquinho.

Dolores — **Me diz uma coisa: quando você terminava o trabalho com os modelos, você transava uma sessão de "slides" especial pro pessoal do jornal, certo? Aliás, sessão de plumas e paetês; isso não fez bem para o teu ego profissional? Afinal, suspiros não faltavam.**

Cyntia — Quer dizer, de repente, eu não sabia se as plumas e paetês estavam voando por causa das fotos ou dos modelos; mas era bom saber que as pessoas estavam gostando — eu tenho autocrítica. É bom ouvir que as fotos estão boas, mas eu sabia se elas estavam realmente legais ou se era apenas empolgação pelo modelo.